



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Eduardo Bianchi

Comunicação e Juventude no Morro da Mangueira:

o espaço da Comunidade da Candelária.

Rio de Janeiro

2013

Eduardo Bianchi

**Comunicação e Juventude no Morro da Mangueira:
o espaço da Comunidade da Candelária.**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, ao
Programa de Pós-graduação em Comunicação,
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. João Luís de Araújo Maia

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

B577	Bianchi, Eduardo.. “Comunicação e juventude no Morro da Mangueira : o espaço da Comunidade da Candelária.. – 2013. 107 f.
	Orientador: João Luis de Araújo Maia. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.
II.	1. Comunicação - Teses. 2. Juventude - Teses. 3. Comunicação de massa e juventude - Teses. 4.. Comunidade - Teses. 6. Morro da Mangueira - Rio de Janeiro (RJ) - Teses. I. Maia, João Luis de Araújo Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade do Comunicação Social. III. Título.
mvf	CDU 007

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Eduardo Bianchi

**Comunicação e Juventude no Morro da Mangueira: O espaço da Comunidade da
Candelária.**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, ao
Programa de Pós-graduação em Comunicação,
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Comunicação Social

Aprovada em 14 de março de 2013.

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Luís de Araújo Maia (Orientador)
Faculdade de Comunicação – UERJ

Prof. Dr. Cíntia Sanmartín Fernandes
Faculdade de Comunicação – UERJ

Prof. Dr. Micael Herschmann
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

Dedico meu título de mestre à minha querida e amada
mãe, que se dedicou em plenitude ao meu projeto de
vida

RESUMO

BIANCHI, Eduardo. *Comunicação e juventude no Morro da Mangueira : o espaço da Comunidade da Candelária.*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Esse trabalho é uma imersão em campo, uma pesquisa qualitativa que esteve em contato direto com seu objeto, um grupo de jovens que se autodenominam de “ratos”. Esses jovens são moradores do Morro da Mangueira, mais precisamente da favela da Candelária, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. As questões levantadas estão ligadas às relações sociais do cotidiano, como esses jovens são capazes de utilizar o corpo, em sua plenitude, e as tecnologias de informação e comunicação para construir suas narrativas. São histórias contadas através das experiências do cotidiano, que os ajudam a demarcar suas territorialidades e os lugares, ambiências compartilhadas pelos afetos e, também, desafetos. Em campo, na Candelária, a pesquisa busca problematizar as relações corporais, o corpo como meio de comunicação em busca de sociabilidade, de reconhecimento social e cultural. A partir de uma questão levantada pelos próprios ratos, durante a pesquisa de campo, se percebeu a necessidade de imergir em um novo suporte de exploração comunicacional, as redes sociais da Internet, uma exploração netnográfica. As relações entre os dois campos de exploração e análise foram fundamentais para uma melhor problematização dos processos de comunicação adotados por esses jovens. Foi importante perceber como as relações sociais de amizade, em meio ao grupo de amigos, e a configuração das noções de grupo, tribo e comunidade se configuram a partir da comunicação cotidiana. As análises de campo se basearam pelas apropriações e ressignificações da linguagem comunicativa, do corpo comunicativo e dos usos dos suportes de comunicação tecnológicos.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Comunidade. Estilo-de-vida. Tecnologias de informação e comunicação.

ABSTRACT

BIANCHI, Eduardo. *Communication and youth in the Morro da Mangueira: the space of the Community of Candelaria*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This work is an immersion in the field, a qualitative research that has been in direct contact with its object, a group of youths calling themselves the "rats". These young people are residents of Hill of Mangueira, more precisely the slum of Candelaria, located in the north of the city of Rio de Janeiro. The issues raised are linked to the social relations of everyday life, as these young people are able to use your body to its fullest, and information and communication technologies to build their narratives. They are stories told through the experiences of everyday life, to help them establish their territoriality and places, ambiance shared by the affections and also enemies. In the field, in Candelaria, the research seeks to problematize relations body, the body as a communication medium in search of sociability, social and cultural recognition. From an issue raised by the rats during the field survey, it was realized the need to immerse themselves in a new medium to exploit communication, social networking Internet, an exploration netnografica. Relations between the two fields exploration and analysis were critical to better problematization of communication processes adopted by these young people. It was important to understand how social relations of friendship amid a group of friends, and the configuration of the notions of group, tribe and community are configured from the everyday communication. The analyzes were based on field by appropriations and reinterpretation of communicative language, body and communicative uses of communications media technology.

Keywords: Communication. Culture. Community. Life-style. Information and communication technologies.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	07
1	METODOLOGIA	17
1.1	Um novo campo de análise: a netnografia como suporte	29
2	SOCIABILIDADE: UM CONCEITO A SER PENSADO	32
2.1	Uma metrópole em transformação	34
2.2	A Cidade sensível: uma cartografia sensível da experiência	37
2.3	Tribos: um estilo de vida pós-moderno	40
3	A RESSIGNIFICAÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA: DA RATA VELHA AOS RAMIGOS	44
3.1	A exuberância em corpos mangueirenses: corpos em produção	46
3.2	A cidade e a estética do vínculo	48
3.3	A sensibilidade corporal: o corpo comunicante	52
3.4	“Ramigos”: consumo, adorno e performance	56
3.5	Espelho, espelho meu, existe alguém mais rata do que eu?	59
4	RATOS ONLINE	66
4.1	Quem cai na rede não é, necessariamente, peixe: sociabilidade e apropriação	66
4.2	“Quer saber da nossa vida? Vai no facebook, a gente posta tudo lá”	70
4.3	Piratas da cultura: a arte de buscar brechas	75
4.4	Era uma vez... Alguns piratas e suas breves histórias	76
4.5	Em cena: nem só de tapa-olho se configura um pirata	79
4.6	O ato de compartilhar na cultura pirata	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	89
	Anexo 1 - Algumas entrevistas	94
	Anexo 2 – Glossário	107

INTRODUÇÃO

Nesta presente pesquisa, falaremos de um grupo de jovens que se autodenominam “ratos” e “ratas”. Veremos como o estilo de vida baseado no consumo, no corpo, na beleza e nos usos e apropriações das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) se mesclam aos signos da contemporaneidade. Questionaremos como esses elementos transformam os espaços de vivência, territorializando e reconfigurando as paisagens, os lugares de afeto e sensibilidade. Esse microscópio social está apontado para o bairro da Candelária, localizado no morro da Mangueira, onde faremos uma imersão no campo.

O morro da Mangueira está localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e constitui-se de um complexo de favelas¹, bairros que compõem a comunidade da Mangueira. A Mangueira é circunscrita por cinco importantes bairros da Zona Norte: Maracanã, São Cristóvão, Triagem, Benfica e Bairro do Rocha. A Candelária, recorte específico desta pesquisa, é a localidade/comunidade que está voltada para o bairro Maracanã, próxima a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Por diversos locais da Zona Norte da cidade, a localidade da Candelária de longe é avistado, graças a um grande viaduto cor-de-rosa que ajuda a compor a paisagem do morro.

De fácil acesso, a Candelária conta com diversas linhas de ônibus, vans e uma estação de trem, que é cantada e dançada como “estação primeira”.

QUEM PLANTAR A PAZ,
VAI COLHER AMOR
UM GRITO FORTE DE LIBERDADE
NA ESTAÇÃO PRIMEIRA ECOOU!²

Segundo seus moradores mais antigos, o bairro da Candelária é a pedra fundamental do complexo de favelas da Mangueira. Foi na Candelária que se fixaram os primeiros moradores, primeiros retirantes, primeiros imigrantes e trabalhadores. Destacamos aqui a grande presença de mineiros que se instalaram na comunidade, no bairro da Candelária.

¹ O complexo da Mangueira, segundo seus moradores, é composto por 14 bairros: Candelária, Pedra, Cruzeiro, Chalé, Loteamento, Joaquina, Poteri, Buraco Quente, Olaria, Rua do Prata, Miséria, Bastião, Ponto 13 e Campinho.

² Fragmento do samba enredo de 2003 do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira – “Os dez mandamentos: o Samba da Paz Canta a Saga da Liberdade”, Compositores: Marcelo D'Aguiã, Gilson Bernini e Bizuca Clovis Pê. Fonte: <http://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-2003.html> Acessado em: 24/01/2013.

Nossas fontes estão nas histórias, nas narrativas, nas representações dos que vivem na comunidade, nas experiências comungadas em comunidade, em compartilhamento social.

São as histórias contadas, as histórias de vida, as histórias do cotidiano que darão vivacidade a este trabalho. Interessa-nos sobremaneira o dia a dia comunitário, a vida compartilhada entre amigos, mais precisamente de um grupo, como eles mesmos se reconhecem, os “ramigos”³.

Esta pesquisa será pautada pela observação de um grupo de jovens moradores da Candelária, jovens amigos que se autodenominam “ratos”. Abusando das categorias, os ratos se dividem dentro do próprio grupo. Categorias que não são bem definidas, tampouco fixas. Essa flexibilidade no grupo é bastante presente, principalmente quando a sexualidade é colocada como uma questão a ser pensada.

Entre os ratos, existem três categorias. Os “ratos” são aqueles que já estão inseridos no mundo das relações, ou seja, “estão na pista pra negócio”⁴, como eles mesmos dizem. Detentores de autoestima invejável, se percebem “gostosos e irresistíveis”. Os “camundongos” são os jovens ratos, garotos que começaram a entrar no mundo da “pegação”, que estão dando seus primeiros beijos, e que já apresentam toda uma preocupação com sua aparência. Por fim, os “ratos bibas”, homossexuais assumidos, adoram ir às festas para “pegar” seus “bofes” com muito “glamour”, “brilho” e estilo.

Já as ratas se autodividem em quatro categorias. As “ratas”, que pegam os “carinhas”⁵ e afirmam que ninguém tem nada com isso, são atiradas, mas, como elas mesmas dizem, “com classe”. As “ratinhas” são as garotas que vão para as festas e pegam uns “carinhas”, mas ao chegar em casa têm que dar “satisfação” para os pais. Já as “ratas velhas” “pegam geral”, usando o vocabulário delas, e isso inclui os “bandidos”, homens que geralmente estão envolvidos com o tráfico. Para finalizar, encontramos as “ratas flex”, que são bissexuais, “pegam de tudo”, “gostam de gente”.

Essas categorias não são colocadas por eles de uma forma hierárquica, não há sobreposição. Em muitos casos, são períodos de suas vidas, comportamentos de um determinado momento. Por isso, percebemos uma fluidez em suas condutas, o que permite

³ Ramigos é a composição por aglutinação das palavras rato e amigo. É uma forma carinhosa que esses amigos encontraram para se comunicar e se identificar como membros do grupo dos “ratos”.

⁴ Expressão usada por eles para designar que estão solteiros e que estão buscando namoro, sexo, ou apenas beijos.

⁵ Sinônimo para homens, meninos, garotos, caras.

que essas categorias se diluam. No decorrer da pesquisa, veremos mais a fundo o comportamento desses jovens, em diferentes contextos.

Partiremos, portanto, do homem comum, dentro de suas áreas de domínio, das possibilidades de pluralizar os usos dos espaços compartilhados, que são fundamentais para a construção da cidade contemporânea, “uma tentativa de reconhecer rostos individuais em meio à multidão” (BURKE, 2012, p. 72). A comunicação é o suporte para teorizar as relações sociais dentro do contexto dos jovens moradores da comunidade da Candelária/Mangueira.

O termo “comunidade” é, portanto, ao mesmo tempo útil e problemático. Precisa livrar-se do pacote intelectual em que ele faz parte do modelo consensual, durkheimiano de sociedade. Não se pode supor que cada grupo seja permeado pela solidariedade; as comunidades precisam ser construídas e reconstruídas. E não se pode ter por certo que uma comunidade seja caracterizada por atitudes homogêneas ou esteja livre de conflitos. (Idem, p. 98)

As comunidades podem, na contemporaneidade, ser estudadas a partir do pluralismo que as compõe. Portanto, na presente pesquisa, o termo será problematizado junto às nuances de nosso tempo. Não haverá uma percepção homogeneizadora racionalista; ao contrário, “comunidade” será percebida por uma “ética” do sensível, gerador de sentimentos – bons ou ruins. As experiências que se dão no cotidiano pautarão as formas com que os grupos se configuram, através de uma ética referenciada pela estética. Compartilhamos com Maffesoli o uso do termo estética “como a faculdade comum de sentir, de experimentar” (1998, p. 105)

Entendemos o processo de comunicação cotidiano dos ratos e das ratas como fundamental para a sociabilidade do grupo e na construção da identificação desses jovens. Em Simmel, vemos que a sociabilidade é o tipo mais puro, claro e atraente de interação, pois se dá “‘entre’ iguais” (2006, p. 71). Para essa interação, os processos comunicacionais são agregadores. Afirmamos a importância da comunicação como elemento de união ao senso de comunidade. Vemos o processo comunicativo como elemento para a associação, reconhecimento e fortalecimento dos laços sociais dentro da comunidade.

Os ratos apresentam com orgulho suas raízes mangueirenses, demonstram seu apeço por sua comunidade, mas como sujeitos diaspóricos e em constante movimento pela cidade, rompem suas matrizes e configuram suas próprias formas de estar no mundo. Por sujeito diaspórico entende-se “um sujeito *desconexo*⁶, que opta por atravessar os fluxos

⁶ Grifo do original.

metropolitanos e comunicacionais, pondo em discussão toda e qualquer sólida configuração daquilo que foi racionalizado, etnicizado, sexualizado...” (CANEVACCI, 2005)⁷ Sujeitos que vivenciam a cidade contemporânea a partir de uma nova forma de perceber e sentir o sincrético, “explorando discursos, estilos, visões, percepções, estéticas, criações para além das concepções dominantes baseadas em visões totalizadoras de verdades únicas ou multiculturalismos convenientes” (idem). São sujeitos comunicacionais, indivíduos ativos na produção e recepção das experiências discursivas, são homens que atuam no mundo, produzindo e agindo com outros homens. Portanto, esse sujeito é relacional e são suas relações que o constituem como tal (FRANÇA, 2006). Ainda segundo França, a ação dos sujeitos da comunicação seria:

...ais que a ação de produzir / receber discursos, é menos que sua ação no mundo de maneira geral. É a ação de afetar e ser afetado pelo outro através de materiais significantes. É produzir / consumir discursos, representações, sentidos para e em decorrência do outro – e sofrer, junto com ele (embora não necessariamente igual a ele), as conseqüências. (Idem, p. 86)

Os sujeitos contemporâneos tendem a se apropriar de diferentes formas dos bens culturais, dando-lhes novos valores através da ressignificação simbólica, e, assim, fragmentando e produzindo, por meio de seus usos e das formas de compartilhamento, a cultura de seu tempo.

Buscaremos problematizar os fragmentos culturais da cidade contemporânea mediante as sociabilidades comunitárias. Percebemos que conceitos como estilo de vida, consumo, corpo, beleza, junto às tecnologias da informação e da comunicação (TIC), são fundamentais para nossa problemática e se mesclam aos signos da contemporaneidade, transformando os ambientes compartilhados.

É com base teórica e metodológica que pensaremos esse pequeno grupo de jovens que vivem na comunidade da Candelária, baseando-nos em suas relações comunicacionais para problematizar a cidade. Nossa problemática se dá no campo da sociabilidade urbana. Por conseguinte, é importância de questionarmos esse complexo sistema de construção da cidadania desse grupo de jovens, através da projeção de seus estilos de vida e dos diferentes usos e apropriações das TIC e das formas de expressão da cultura local, comunitária.

⁷ CANEVACCI, Massimo. Gemação diaspórica e subjetividade sincrética. 2005. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/204.rtf>>. Acessado em: 12/12/2012.

Pensamos cultura como um sistema de produção de sentido da vida e a percebemos como criação, momento de explosão subjetiva. Nossos questionamentos estão nas formas de apropriação das materialidades em consonância com as subjetividades, imaterialidades de seus usos, produzindo ou reproduzindo as formas de expressão cultural. Falamos da cultura a partir de um olhar, e esse olhar está mergulhado na subjetividade das nossas experiências, das nossas histórias e dos lugares de onde viemos.

Estamos, portanto, sujeitos à lei tácita de um lugar particular. Por *lugar*, entendo o conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas e que circunscrevem *a quem* e *como* lhes é possível falar quando abordam a cultura entre si. Por mais científica que seja, uma análise permanece uma prática localizada e produz somente um discurso particularizado. Ela alcança a seriedade, portanto, na medida em que explica seus limites, ao articular seu campo próprio com outros absolutamente opostos. (CERTEAU, 2011, p. 222)⁸

Não ambicionamos a realidade, uma descrição plena e perfeita de um grupo. Além de leviano, isso seria ilusório. Sabemos o quanto nossos olhares são contaminados, embebidos em subjetividades decorrentes de nossas experiências, de nossas histórias de vida.

Nossas percepções estão ligadas aos sentidos. A cada contato com esses jovens, buscamos estar mais dispostos, abertos às experiências de campo. Buscamos perceber a vida que se desenrola mediante a sensibilidade dos sentidos. Nossas investigações foram sendo construídas a partir do convívio junto à comunidade, junto aos “ratos”.

Estudar a produção cultural de um determinado grupo é pesquisar os usos dos suportes e como lhe são atribuídas as subjetividades de códigos partilhados pelos membros do grupo, neste caso, os “ratos”.

Para Certeau, a cultura não está mais “reservada” a um grupo social, é instável (2011, p. 103-104). Ela se transforma e se recria, mudando as relações entre os homens. A cultura está no homem em produção, no cotidiano. O homem em seus diferentes meios, em seus mais diversos espaços de ação. As culturas são resultados em trânsito das relações que os sujeitos estabelecem em seus espaços de compartilhamento, vivência e experiências, ou seja, das socializações. Para Laraia,

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não

⁸ Grifos do original.

são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (2009, p. 45)

Assim, o conceito de cultura pode ser refletido como processo em transformação. Tal processo depende das relações que são estabelecidas entre os atores sociais, que usam dos meios dispostos no cotidiano para produzir o novo, recriando, em múltiplas formas, o meio em que estão inseridos.

Pensaremos em “cultura no plural”, assim como Certeau, “uma germinação criadora” (2011, p. 242). Segundo o autor, a cultura é uma manifestação que propaga de forma disseminada. A cultura emana, surge de diferentes formas e se embrenha por toda parte. Ela é uma manifestação, uma ação, um ato. (Idem) Ainda segundo Certeau, “... a ação cultural poderia ser representada como uma trajetória relativa aos lugares que determinam essas condições de possibilidade. Já se trata da prática de um espaço construído quando ela aí introduz uma inovação ou um deslocamento” (Ibidem, p. 249).

Os jovens do estudo, a partir de seus estilos de vida, se projetam para o mundo fazendo-se atores sociais, manifestando a cultura local. Tal exposição é digna de análise para problematizar essa parcela da sociedade urbana carioca. Criam-se, assim, novas relações e perspectivas para se pensar a cultura local na sociedade contemporânea.

Ora, as ações culturais constituem movimentos. Elas inserem *criação nas coerências*⁹ legais e contratuais. Inscrevem trajetórias, não indeterminadas, mas inesperadas, que alteram, corroem e mudam pouco a pouco os equilíbrios das constelações sociais. (Idem, p. 250)

Partindo, portanto, do homem comum, o sujeito que se faz ator social, que produz e reproduz e forma criativa sua vida cotidiana, sua cultura, dentro e fora de sua área de domínio, influência e vivência, pluralizando os espaços compartilhados, fundamentais para a configuração, a partir do cotidiano, da cidade contemporânea.

O que se chama de vida cotidiana é feito de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras. É *stricto sensu* uma trama feita de minúsculos fios estreitamente tecidos e, separados, completamente insignificantes. [...] Essa insignificância e essa discrição permite que essas práticas escampem do controle e da punição. [...] As horas e os dias vividos que revivemos teimosamente, todas essas situações de dor ou de alegria, ou de serenidade anódina que garantem a chamada perduração social (MAFFESOLI, 2009, p. 48-49).

⁹ Grifado no original.

Buscaremos problematizar a cultura popular, a cultura do dia a dia. A cultura do homem comum que se transforma, reafirmando suas ações em projeção de sua vida em meio às redes de sociabilidade do mundo contemporâneo.

Buscaremos na polifonia da cidade de Canevacci (2004) suporte para pensarmos a fragmentação da cultura urbana, e tentaremos perceber como a cidade é ocupada pelos diferentes grupos sociais, compondo, assim, territorialidades que comungam nos espaços urbanos. E como tais espaços são negociados perante as territorializações.

Recorreremos a Michel Maffesoli (1998) para problematizar as relações que se realizam no cotidiano da rua, e como as redes, em meio aos diferentes “grupos/tribos”, se configuram em ambiência e lugar de vivência, experiência compartilhada.

Para caminhar por esse sistema teremos a ajuda de Jesús Martín-Barbero (2003) e Corrêa (2012), que iluminarão os caminhos desse “mapa noturno” e mostrarão, assim, a construção de uma “cartografia sensível”, um mapeamento imaterial a partir da sensibilidade das experiências simbólicas que os atores vão conhecendo e reconhecendo pelos caminhos traçados na cidade.

Buscaremos questionar, com base em Giddens (2002), como esses novos atores sociais se projetam para o mundo em seus “estilos de vida”, como se colocam diante dos fatos, das experiências cotidianas.

Com Milton Santos (2005), veremos como os espaços do banal são valorizados perante a criatividade e se colocam em negociação com diretrizes “verticais” do Estado e das iniciativas privadas. Certeau (1996) nos ajudará a problematizar o papel desses sujeitos, que se utilizam de táticas, que seriam uma forma de desvio das práticas, das leis dos lugares. Com Certeau, questionaremos como os sujeitos utilizam, manipulam e alteram os lugares. Essas reciclagens, “bricolagens” dos lugares, são “a arte de fazer” o momento, utilizando a inteligência; é a criatividade sendo posta em prática. Para o autor, o homem, em seu cotidiano, busca no disponível a possibilidade de se expressar, reutilizar, dar novos usos, se apropriar e ressignificar os lugares que frequenta. Acrescentando novos valores, valores simbólicos, colocar sentimento e, desse modo, experienciar a vida. É saber usar as possibilidades do cotidiano para o próprio benefício, para se colocar no mundo de uma forma ainda mais ativa. Esses sujeitos percebem a permeabilidade dos lugares e, assim, transformam as práticas, as regras, as leis. É a tática do não conflito.

Veremos como os atores sociais buscam no dia a dia brechas para novas formas de consumo da cultura, como a criatividade pode dar novos usos através da manipulação do velho, transformando-o em algo novo, que, ainda assim, esteja dentro das representações dos lugares. A criatividade, em muitos casos, é colocada em prática para sanar os desejos, as urgências, as premências locais. Segundo Canclini, na contemporaneidade

... a criatividade passa a ser valorizada, no sentido mais amplo, não só enquanto produção de objetos ou formas novidadeiras, mas também como capacidade de resolver problemas e explorar recursos de modos inéditos. [...] A criatividade aparece menos como uma virtude profissional (de artistas, escritores e cientistas) ou um dom de aristocratas; ela se anuncia como uma virtude para a geração do valor no trabalho e no prazer pessoal. (2008, p. 37)

A partir das necessidades do cotidiano os sujeitos buscam explorar as possibilidades, aprendem a perceber os momentos, a se apropriar do disponível, do que está disposto nos lugares que frequentam. Veremos como os “ratos” absorvem as culturas da contemporaneidade e as ruminam através de ações criativas ressignificadas. Movimentos de consumo das culturas que transformam os espaços comunitários em que se inserem.

Buscamos em Certeau problematizar esse consumo como uma astúcia, uma forma de aproveitar a ocasião. A astúcia é “a arte de ‘dar um golpe’, é o senso de ocasião” (1996, p. 101). Questionamos como o cotidiano é transformado e manipulado pelos atores sociais, sujeitos de seus mundos. Os “ramigos”, através da criatividade, nas artimanhas e astúcias que os impulsionam a não se perceber no “periférico, subalterno e passivo”, se posicionam como produtores e consumidores da cultura urbana carioca. Estamos nos remetendo às múltiplas formas de se comunicar, de se colocar no mundo. São as infinitas formas de narrativa que nos guiam a perceber os usos: dos corpos, dos andares, dos mapas (caminhos e desvios), das palavras escolhidas, de como elas são ditas e por quais meios elas são usadas.

Como podemos ver, com base em Rogerio Haesbaert (2002, 2004, 2010), as reconfigurações das multiterritorialidades através do poder e da apropriação simbólica, negociam os espaços do cotidiano, dando-lhe novos sentidos e reconstruindo as culturas locais. Cotidiano da simplicidade, do compartilhado, da experiência vívida, do comunicacional.

Temos, em Peter Burke (2005, 2012) e François Dosse (2003), a base da história cultural para cerzir as histórias “miúdas” em construção com a cultura local, legitimando o

homem comum como membro e responsável pelos alicerces de seu local de compartilhamento e sociabilidade.

Recorreremos, ainda, a Lipovetsky (2007, 2009), quando buscarmos o consumo como suporte de identificação que encaminha esses jovens para as múltiplas tribos que compõem os sistemas reticular da cidade contemporânea.

É com base nesses e em outros autores que buscaremos suporte teórico para nossa pesquisa, problematizando as metamorfoses das culturas locais. Objetivamos investigar como as histórias circulam pela Candelária. Questionar ideias dadas como a de que a favela é um lugar de carência e ausência. Nosso recorte, sendo no campo da cultura, não percebe a comunidade como lugar de carência. O que nos motiva é o oposto disso: a representação e o imaginário simbólico da comunidade. O que salta aos olhos é a exuberância de uma favela produtiva e criativa, confiante em si mesma e que vê no cotidiano a arma de seu estar no mundo.

Buscamos no cotidiano o “estar-junto” que configura essa comunidade. Os “ramigos” são um grupo que constrói laços sociais, laços de amizade, sentimentos de pertencimento perante sua comunidade.

Não bastante, [...] expressam uma inegável sociabilidade em que o lúdico, o onírico e o festivo constituem elementos preferenciais nas maneiras de estar-junto. [...] essas jovens gerações expressam, no jogo das aparências, uma graça natural. Graça que, com muita frequência, emparelha-se com uma suavidade, umas relações de igual para igual. (MAFFESOLI, 2010, p. 86)

É essa cultura que se transforma e se fragmenta, que desliza nos seus significados e que está em constante transformação. Esse é o produzir cultural desses jovens, que ressignificam seus cotidianos através da cultura comunicacional.

Discutiremos os diversos usos e apropriações dos instrumentos de comunicação – como o computador e a Internet – como elementos de “coesão e autoafirmação social” dentro da comunidade em que esses jovens projetam seus “estilos de vida”. Além da construção do senso de pertencimento ao local, à comunidade, propiciada pela circulação de informação comunitária. Percebemos que os usos das Tecnologias de Informação e Comunicação são de grande importância para a construção e formação de um homem produtor, que se impõe diante do mundo, para dentro e para fora da favela. Assim, problematizamos os estilos de vida dos jovens da Candelária, consumidores dessa tecnologia e observaremos o campo a partir das noções de sociabilidade e de cultural que cria e recria o estilo de vida dos “ramigos”.

Acreditamos que a aproximação entre a Universidade e as comunidades cariocas pode ser extremamente enriquecedora. No caso da Mangueira, essa relação tende a um entrelaçar ainda mais forte, e isso se deve à sua grande proximidade com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, possibilitando uma enriquecedora troca de experiências e um espaço de reflexão teórica a partir da vida, do cotidiano.

1. METODOLOGIA

Tratando-se de uma pesquisa de campo que tem seu suporte tanto no campo *online* quanto no *offline*, utilizaremos, para fins didáticos, a expressão netnografia quando estivermos trabalhando os suportes digitais e etnografia quando estivermos nos referindo a nossa presença junto ao grupo, na comunidade mangueirense. Não distinguimos, em importância, a pesquisa de observação participante em suas modalidades *online* e *offline*, acreditamos que estar em campo é estar na comunidade de corpo e/ou por meio de suportes digitais.

A presente pesquisa demandou, devido ao seu objeto, a imersão do pesquisador em campo para problematizar as regras de conduta e, especificamente, os estilos de vida que regem o grupo estudado. Através da pesquisa participante estivemos buscando apoio em pessoas ligadas aos “ramigos”, familiares e em outros laços de amizade.

Durante a nossa presença na comunidade da Candelária, circulamos pelas ruas, subimos e descemos as escadarias, caminhamos pelos becos, conhecemos as ruelas, traçamos mapas dos caminhos e desvios, carregados de simbólico para os “ramigos”.

Os ratos são um grupo de jovens¹⁰ amigos que vivem em uma das favelas mais conhecidas da cidade do Rio de Janeiro, a Mangueira. Orgulhosos de suas origens mangueirenses, os ratos são ainda mais vaidosos por serem moradores da Candelária, uma das tantas localidades que compõem o complexo do Morro da Mangueira. Rocha e Pereira trabalham a noção de jovens em grupo da seguinte forma:

É o grupo que libera o espaço necessário, espaço essencial, para o acontecimento das trocas. O grupo é o *lugar* simbólico onde se realiza a repartição da experiência. É de onde os jovens retiram boa parte de seu sentido de solidariedade e onde encontram o suporte necessário para a complicada negociação coletiva dos valores que giram em torno da construção das identidades singulares.
É no grupo que se define o que se gosta ou não, o que é legítimo ou não, o que se compra, se veste se bebe, se consome, se usa, o que é permissível e o que é desejado. Ele é, para os jovens, um espaço fundamental – instância onde se verifica as realidades e se negociam os sentidos obtidos da experiência do mundo. (2010, p. 393)

¹⁰ Nossa percepção para jovem, ou melhor de juventude, essa como estado de espírito, uma forma de se colocar no mundo, através de comportamentos e vontades de se querer e se perceber jovem. Segundo Canevacci, a categoria jovem está além do tempo físico, as faixas etárias não dão conta, em suas simplificações, para questionar os comportamentos, “a ideia de jovem se dilata” (2005, p.20)

Percebemos como está marcado na vida cotidiana desses jovens esse orgulho que cria raízes, origina histórias e forma laços com o lugar que eles acreditam ser a representação do sentido de lar, sentimento compartilhado entre os ratos. Esse sentimento nos provoca e nos estimula a invadir esse cotidiano e buscar questionar essas raízes, essas histórias e esses laços que se formam na vida cotidiana pelas raízes comuns, pelas memórias compartilhadas, boas ou ruins.

...a vida cotidiana, indicada como prudência, é como um território onde se enraízam as alegrias e as amarguras que, na sua banalidade, escampam amplamente ao olhar dos críticos de todos os horizontes, os quais, na busca da sociedade perfeita, sempre ignoram as satisfações mais simples. (MAFFESOLI, 2009, p. 53)

A vida na comunidade explora a simplicidade. Um desavisado pode achar que o simples é uma possível ausência, falta, escassez ou carência de algo. Contudo, “ser simples é ser incrível”¹¹ e incrível é beber no bar da Tia Elma com os amigos, é ver a Márcia toda despenteada falando uma língua própria no beco de sua casa, é assistir uma pelada¹² dos gays no campinho da comunidade, é ver vários amigos assistindo com você e torcendo e ririndo. Sorrir é uma palavra de ordem. É claro que na comunidade, como nos outros lugares, nem tudo são flores, nem tudo é uma festa, mas quando tem flores e festa o simples se evidencia e a vida se faz incrível.

Presenciando cenas do cotidiano: Sentado no bar da Tia Elma, bebendo cerveja com alguns amigos, ratos ou não, assistimos uma teatralização. Passa um senhor, ninguém com uma aparência especial, diria que era mais um morador da comunidade, com aparência distinta, vestia calça social, camisa de botão e um cigarro na boca.

– Kely, uma das moradoras, grita para todos ouvirem – Lá vem essa bicha feia e velha.
 – O senhor responde – Vou te mostrar a bicha velha.
 – Kely retruca – Vai mostrar o quê? Eu, hein? Deus me livre! Esse pinto velho e murcho.

A conversa se estende e todos riram da brincadeira dos velhos amigos. Essa foi uma das muitas cenas do cotidiano que presenciamos durante o nosso trabalho de campo.

¹¹ Ser simples é ser incrível – Frase que está escrita à caneta na porta do guarda roupa do quarto de dormir de uma das ratas.

¹² Pelada: nome popular para partida de futebol.

Nosso trabalho foi marcado por pesquisa participante e a nossa aceitação junto aos ratos foi fundamental para o andamento da pesquisa. Fomos onde eles foram, estivemos junto com eles em seus diferentes rituais. Fomos ao terreiro, assistimos seus rituais de fé e ouvimos os tambores dos santos africanos tocarem. Entramos em suas casas e quartos, acompanhamos as transformações de seus corpos pelos ritos de beleza e vaidade. Em suas festas, vimos à sensualidade através de seus olhares e nos gingados de seus quadris. Esses rituais sempre sendo acompanhados pelas escolhas vocabulares embebidas em sexualidade, sexualidade e muita “sacanagem”. Assistimos as bundas em plena comunicação.

Durante a pesquisa, estivemos em suas casas, frequentamos seus locais de trabalho dentro da comunidade e estivemos em seus eventos festivos, que são muitos. Na comunidade da Mangueira, toda hora é hora para uma cerveja, uma carne no espeto e um pagode no rádio. Os encontros com os ratos se davam em várias situações, em dias diferentes da semana e em diferentes horários. Estávamos presentes em diferentes momentos das vidas cotidianas. Compartilhamos as experiências das reuniões entre os “ramigos”: nos bares, nas festas, nas lajes, nos locais de trabalho, nas ruas e escadas do morro. Se fomos aos bares, bebemos com eles e compartilhamos as fofocas. Se estivemos em suas festas cantamos e dançamos suas músicas. Quando subimos em suas lajes comemos juntos os churrasquinhos. Quando fomos em seus locais de trabalho ajudamos e até interpretamos personagens¹³. Participamos dos bate papos que se davam pelas ruas da comunidade. Fomos introduzidos e apresentados aos degraus das escadas, que por diversas vezes lembravam sofás, tamanha relação de intimidade e relaxamento que esses momentos traziam. Os cantos, os becos, as vielas do morro, em sua quase totalidade, são extensões das próprias casas dos moradores da favela. Na comunidade se percebe uma vida familiar fora das paredes de casa, o sentido de lar se estende para além das estruturas físicas dos tijolos expostos sem reboco.

Na favela da Mangueira não é uma tarefa simples buscar identificar público e privado, mas essa também não é nossa proposta. Contudo, por diversas vezes, nos intrigou as relações de apropriação e uso dos espaços que se davam pelos diferentes ambientes. Quando os moradores dizem que a Candelária é formada por uma grande família, a genealogia das origens dos mangueirenses deve ser observada por uma outra ótica, questionada por um

¹³ No dia 18 de abril de 2011, fui convidado a participar de dinâmica de trabalho junto às crianças que fazem parte do projeto de leitura da Ong. Meninas e Mulheres do Morro. Participei de uma roda de leitura, das histórias infantis do autor homenageado, Monteiro Lobato. Fui fantasiado, eu seria o próprio autor, usei casaca, bigode e minhas sobancelhas foram pintadas.

diferente prisma, que não o senso comum, tão pouco pelas amarras do léxico de um dicionário. Afirmamos, a partir de suas narrativas, que família é uma das noções que compõem o conceito de comunidade. Vive-se uma concepção diferente de família, na favela ela é compartilhada, comunitária. Comunidade que se funda dos laços sociais, do partilhar o comum, de sensibilizar-se com e pelo outro, de se ver no outro.

No capítulo IX de *A invenção do cotidiano 2: Morar e cozinhar*, Certeau busca descrever como seria o ambiente doméstico, “a casa da gente”:

“Entra-se em casa”, no lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem. Aqui todo visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar. Menos nesse caso, o convidado deve saber “ficar no seu lugar”, sem atrever-se a circular por todas as dependências da casa; deve saber, principalmente, abreviar sua visita, sob pena de cair na categoria (temível) dos “importunos”, daquele que deve ser “discretamente lembrados” das boas maneiras, ou, pior ainda, daqueles que devem ser evitados a todo custo, pois não sabem ser convenientes nem manter “certa distância”. (1996-b, p. 203)

Esse distanciamento, que fala Certeau, é inimaginável na favela da Mangueira. A casa de seu vizinho, de seu amigo é uma extensão da sua. Vive-se em um compartilhar íntimo. Diferentemente do que nos diz o autor, a casa é, também, “lugar de outrem”. O visitante não é um intruso, “ele é de casa”,¹⁴ e dificilmente cairá na “temível categoria de importuno”. A menos que você se torne um(a) ex-primo(a). Kely conta que tem uma ex-prima. Após um desentendimento, a prima, que nunca foi prima propriamente, ou pelo menos não como se define no senso comum, deixou de ser assim reconhecida, passando a ser uma pessoa não grata.

Uma outra situação que demonstra uma certa “distorção” entre público e privado foi presenciada pelo pesquisador e coordenador do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade, o professor João Maia. O professor conta que quando foi fazer uma de suas primeiras entrevistas na Candelária, foi até a casa do entrevistado, batel na porta e foi recebido por uma mulher que usava uma bermuda na parte de baixo e um sutiã na parte de cima de sua veste. Um primeiro estranhamento, por parte dele, ela não se importou. Questionada pelo professor onde estaria o seu marido, futuro entrevistado, ela passa por ele, vai para o meio da rua e grita pelo nome do marido. Essa cena faz parte da representação da noção de lar, de público e

¹⁴ Essa expressão refere-se à pessoas que frequentam um determinado lugar e, por ter um grau de amizade, são identificadas, por uma relação de sensibilidade, como membros do lugar.

privado, em uma favela. Os espaços públicos e privados se misturam e suas linhas de intercessão são amplificadas quando se pensa em uma comunidade.

As questões que nos motivam nesta pesquisa são a sociabilidade, as relações do cotidiano, priorizando a vida dos ratos e das pessoas que os cercam. Recorremos ao conceito de sociabilidade de Simmel para problematizar o que leva esses jovens a formarem um grupo que os represente. Segundo o autor, as sociabilidades são fenômenos que tem vida própria. “São liberadas de todos os laços de conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços.” (1983, p. 168).

Ainda segundo Simmel, as sociabilidades são os interesses e as necessidades que fazem os sujeitos se unirem em grupo, “em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos” (idem). E porque não em ratos?

Nossa pesquisa demandou novas bases, suportes de comunicação que são de grande importância para a demanda criativa desses jovens, a Internet. Velocidade, dinamismo, interatividade, erupções de informações, fluidez são marcas culturais da rede mundial de computadores. Cultura em rede, que privilegia a troca, o compartilhamento, a performance no âmbito do global. (PINHEIRO, 2007, p. 53). Constrói-se, assim, uma nova experiência com o mundo, o “Glocal”. Segundo Maffesoli, o glocal é: “Um tipo de universal concreto. Um enraizamento dinâmico em que a apetência das raízes faz par com uma competência técnica” (2010, p. 99). Um estar aqui e lá, um físico e um digital, uma presença em dois lugares ao mesmo tempo.

Nessa pesquisa, objetivamos nosso campo netnográfico no site de rede social (SRSs) *Facebook*. A escolha se deu por ser a rede social de Internet mais utilizada pelos “ramigos”. Fomos a campo, observamos, selecionamos materiais, documentamos e analisamos os usos feitos pelos ratos.

Regis destaca três processos importantes das tecnologias digitais que transformaram os “sistemas de mídia e de entretenimento”:

O primeiro – *digitalização* – permitiu a transposição de códigos e linguagens provenientes dos diversos tipos de meios para a base digital, favorecendo as práticas de recombinações de textos, ilustrações, fotos sons, músicas, animações e vídeos. O segundo processo – *integração de mídias* – refere-se ao surgimento de equipamentos e tecnologias compatíveis entre si (ipads, ipods, iphones, palm tops, laptops, MP3, MP4 players), que amplificam a fluxo de circulação de conteúdos. O terceiro processo – *redes de comunicação* – possibilita a produção, colaboração, troca e compartilhamento de produtos e informações, incrementando o surgimento de redes sociais, comunidades virtuais e sites de relacionamento. (2012, p. 63-64)

Segundo a autora, esses três processos demandam uma maior participação por parte dos usuários. As “*práticas culturais e comunicativas*” que se dão através das tecnologias da informação e comunicação requerem atenção, percepção e criatividade, ou seja, uma maior participação, aprendizado de linguagens e interações sociais (idem).

Segundo informações da própria rede social Facebook, ela é a mais popular em sua categoria. “O Facebook é hoje a principal rede social em 130 de 140 países analisados”. A rede social ultrapassou a marca de 1 bilhão de usuários no final de 2012¹⁵. É por meio dessa rede social que analisamos e mantivemos contato *online* com os “ramigos”.

Para Recuero, a mediação das relações sociais pelo computador acarretaram mudanças para a vida cotidiana e, conseqüentemente, para os atores sociais. A autora destaca, como mudança, as diferentes formas de estar junto, a formação de comunidades virtuais que se fundam pelos interesses compartilhados entre os membros. As transformações das relações entre público e privado, aqui ressalta a ação de tornar pública a vida cotidiana. Recuero evidencia, ainda, que com o surgimento dos sites de rede social houve uma mudança “nos processos de interação” (2012, p.598).

O *Facebook*, assim como, os demais sites de rede social, apresenta três características específicas básicas: (1) a construção de um perfil público ou semipúblico; (2) articulação de uma lista de conexões (também pública ou semipública); (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas. (RECUERO, 2012, apud BOYD & ELLISON, 2007)¹⁶.

Essas características tornam publicas as redes sociais e as possibilidades de interação entre os atores. Portanto, cada grupo que se forma, em meio aos sites de rede social, irá fazer diferentes usos da mesma ferramenta. Esses sites possibilitam diferentes formas de apropriações para seus usuários. Desse modo, passam a valer os gostos, os sentimentos que se compartilham em meio às conexões que os atores vão adquirindo ao longo do tempo em sua rede. As redes sociais *online* são sites em que os sujeitos se agrupam a partir de interesses compartilhados. Assim, os SRSs são mediadores das relações que se dão no sistema *online*. Segundo Recuero,

...as redes sociais consistem, especialmente, nas associações voluntárias, que compreendem a base do desenvolvimento da

¹⁵ Fonte: <<http://facebooklogin.net/>>. Acesso em: 12/01/2013.

¹⁶ Fonte: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/4750>> Acesso em: 14/01/2013

confiança e da reciprocidade. Essas associações estimulam a cooperação entre os indivíduos e a emergência dos valores sociais. (2010, p. 46).

Assim sendo, e com base nessas associações, percebemos a importância de, também, analisar os usos e apropriações que os “ramigos” fazem do *Facebook*, e como essas ações impactam em suas relações sociais do cotidiano.

A presente pesquisa esteve, e ainda está, junto à comunidade através de um sistema empírico, um trabalho de imersão em campo. Nossa presença na Candelária é marcada por anos de convivência¹⁷, compartilhando com seus moradores mudanças sociais e culturais de diferentes ordens.

Tendo uma ótima aceitação junto à comunidade e estando presente em seu cotidiano, atenções sobre o método são fundamentais, principalmente, durante o processo de produção textual. Nossa pesquisa de campo busca, no cotidiano, a possibilidade de conhecer um pouco a “realidade”, a partir de uma “metarepresentação”, uma representação da representação. À pesquisa de campo é incumbida uma representação do que já é representado. Portanto, o pesquisador faz uma releitura do que a ele salta aos olhos.

Nosso objeto de pesquisa nos orienta, nos dá o caminho e permite uma observação do que querem que seja percebido a partir de suas performances. Em um trabalho de campo, os sujeitos/objetos tendem a uma atuação, uma construção de papéis que acreditam configurar a essência de suas manifestações culturais cotidianas. Contudo, nem todo momento o observado figura uma performance, cabe a sensibilidade do pesquisador perceber as entrelinhas, observar o não dito e, assim, construir representações do objeto estudado. O pesquisador faz uma leitura, ou melhor, uma releitura. Segundo Geertz:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (2008, p.7)

¹⁷ O grupo de pesquisa, Comunicação, Arte e Cidade – CAC, apresenta uma sólida parceria com líderes comunitários da Comunidade da Mangueira. Nossa maior parceira, há quase dez anos, é com Organização não Governamental Meninas e Mulheres do Morro – MMM. O grupo de pesquisa CAC tem como coordenador o Prof. Dr. João Luis de Araújo Maia, conta ainda com a participação de vários outros professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ), alunos do PPGCOM e alunos da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ), dentre esses, bolsistas e voluntários.

Portanto, para Geertz, o relato etnográfico é uma tentativa de ler os comportamentos transitórios que configuram o objeto. Em “Obras e Vidas”¹⁸, Geertz descreve que os etnógrafos precisam convencer os leitores que estiveram em campo, ou seja, estiveram junto com seus objetos de pesquisa e, mais ainda, se os leitores estivessem estado lá, em campo, como os pesquisadores, teriam “visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram” (2009, p. 29). Entretanto, sabemos que as observações, as percepções, e, por assim dizer, as conclusões são distintas entre as pessoas, afinal, as experiências com espaços são distintas entre os sujeitos. Cada qual com suas diferentes representações de mundo. Cada sujeito, provavelmente, perceberia, sentiria e, por tanto, concluiria a experiência em campo de forma distinta, ou pelo menos, destacaria, evidenciaria outras situações, teria outras observações.

“Estar lá” em termos autorais, enfim, de maneira palpável na página, é um truque tão difícil de realizar quanto “estar lá” em pessoa. O que afinal exige no mínimo, pouco mais do que uma reserva, de passagens e a permissão para desembarcar, a disposição de suportar uma pequena dose de solidão, invasão de privacidade e desconforto físico, uma certa serenidade diante de excrescências corporais estranhas e febres inexplicáveis, a capacidade de permanecer imóvel para receber insultos artísticos, e o tipo de paciência necessária para suportar uma busca interminável de agulhas invisíveis em palheiros invisíveis. (GEERTZ, 2009, p. 38-39)

Estar em campo nessa pesquisa, junto aos ratos, não foi essa experiência quase que traumática descrita por Geertz. Não estou dizendo que todos os momentos foram agradáveis. Ele fala de uma permissão para desembarcar, no caso dessa pesquisa foi amplamente concedida. Ele fala de uma pequena dose de solidão, juntos a esses jovens é impossível, eles são acalentadores, em sua maioria. Não ocorreram dores físicas. Mas comungo das “excrescências estranhas”, durante o trajeto que fazia até chegar a Candelária, no meio do caminho, por diversas vezes, me deparava com bueiros entupidos, vazando esgoto pela rua. O que me levava a desvios do caminho.

Esse “Estar lá” foi, em boa parte dos momentos, prazeroso. Por isso, ser autor, contar as histórias a partir das observações coletadas, é um “estar lá” sem dores, sem insultos, é um contentamento. Conto as histórias como as percebi, a partir das minhas experiências, das sensibilidade que me aguçaram os sentidos.

Assim, percebemos que a etnografia relata uma ficção. Uma história que é a representação contada a partir da sensibilidade do pesquisador. Para Pesavento,

¹⁸ GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. As sensibilidades competem essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. (2008, p. 56)

O discurso de um trabalho de campo está atuando no campo do verossímil e não na busca do “real fidedigno”, está ligado às impressões, ao que se destaca aos olhos do observador, às suas sensibilidades. Portanto, “o real precisa ser ficcionado para ser pensado. [...] apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção” (Rancière, 2005, p. 58). Ainda segundo Rancière, escrever a história e escrever histórias são formas de relatar a verdade e não se perde a noção de realidade dos fatos (Idem). Podemos ver em Simmel, que as “interpretações da realidade, concretas ou abstratas”, surgiram das práticas (2006, p.61), mas o autor ressalta: as interpretações têm suas autonomias, “tornam-se fins em si mesmas e exercem seus efeitos por sua própria força e sua própria lei, seletivas e criativas independentemente de seu emaranhado com a vida prática, e não por causa dela” (idem, p.62). A interpretação tem – se não a mais importante ação do trabalho de campo – em seu papel o caráter de fundamental. O pesquisador deve estar atento ao traduzir as experiências, interpretar o campo e levar aos leitores suas percepções sensíveis. Para isso, deve formular um método que permita ao leitor perceber o caminho percorrido e, desse modo, criar sua própria história, sua própria ficção.

Para a construção de um método, colocamos como questão central na pesquisa de campo a não construção de perguntas objetivas, que seriam comprovadas e testadas de maneira definitiva, mas fomos realizando, de acordo com nossas necessidades e sem ter a pretensão de uma integração completa imediata, um sistema livre de entrevista, sem amarras, buscando nas entrelinhas as subjetividades do não dito. Canevacci diz que “subjetividade é *também*¹⁹ abstração, cujos níveis cognitivos são plasmados por razões e emoções, reflexões e expressões”.(2004, p. 139). Portanto, perceber e apreender através dos sentidos é estar aberto e disponível às possibilidades que o campo possibilita. Podendo, deste modo, o pesquisador descrever, através de suas subjetividades, e transmitir, a partir da produção textual, os fenômenos cotidianos que são testemunhados, analisados e interpretados em campo. Segundo Caiafa,

¹⁹ Grifo do original.

...a etnografia é uma pesquisa qualitativa que lida com dados diversos, que mobilizam diferentes sentidos - embora se fale do predomínio do visual na maioria dos trabalhos. A pesquisa etnográfica leva em conta toda a profusão das impressões e informações que espocam nos encontros de campo. [...] O etnógrafo, na situação de observação-participação, também produz, ele mesmo, matéria de pesquisa, o que constitui mais uma faceta do material irregular desse método-pensamento. (2007, p.138)

Nos deparamos com uma problemática metodológica singular, em que as condições de pesquisa se tornam complexas, ou seja, as percepções e interpretações do observador são significativas: passamos a nos sentir, tal ponto aceitos como membros do grupo estudado, que nos misturávamos a eles e compartilhávamos as intimidades junto ao grupo de amigos. Como fazer pesquisa com essas informações? A questão se concentra na maneira de traduzir as “estruturas” encontradas (observadas) conjugando-as com os conceitos teóricos.

Não sendo ratos, mas nos considerando cada vez mais aceitos aos círculos de amizade que são formados por eles, tivemos que criar níveis de observação para que as problemáticas não fossem apenas realizadas com a visão de quem olha para um grupo de amigos ou como um objeto inerte de pesquisa. Tais níveis foram fundamentais para os questionamentos e as observações. Buscamos de forma crítica, não fazendo juízo de valores, positivos ou negativos, problematizar conceitualmente o cotidiano de nosso objeto de pesquisa.

Faz-se necessário acentuar o fato de procurarmos respaldo teórico, relações de sentido que podem explicar nosso conhecimento do mundo, mas sua origem está concentrada nas experiências que se desenrolam no cotidiano, na vida do homem comum que circula pela comunidade, atribuindo-lhe sentido, ambiência e pertencimento comunitário. Assim, as informações recolhidas, a partir de entrevistas²⁰ abertas, conversas informais e grupos de estudos, constituíram a estrutura primeira para questionarmos os elementos da “realidade cotidiana”.

Durante a pesquisa visualizamos sujeitos que se inscrevem em uma comunidade, transformando-a com seus desejos, sonhos e experiências. Apropriando-se das histórias locais para configurar as suas tradições, formando o compartilhar comunitário, uma memória coletiva, uma ambiência sensível e um pertencimento familiar comum.

²⁰ São utilizadas, em muitos casos, transcrições das falas, das narrativas. As transcrições são feitas tanto das entrevistas de campo presencial, quanto através do suporte *online* (*Talk do Facebook*). Buscamos no contexto a inserção da fala dos ratos no corpo do trabalho, contextualizando a narrativa com a produção textual. Assim, acreditamos que nosso objeto ganha fala, ou seja, demarca sua presença junto ao pesquisador e ratifica o trabalho.

Por diversas vezes, as conversas que presenciava pareciam incoerentes. Em muitos casos, não compreendia o assunto e me perdia tentando decifrar as escolhas vocabulares e as formas que os corpos tomavam durante as falas. Foi nesse momento que percebi que precisava de um “interprete”, e em cada conversa pude escolher um membro do grupo para que me ajudasse a me familiarizar com os códigos (expressões, gestos e vocabulário)²¹. Destaco aqui, a ajuda de Bárbara, ou como prefere ser chamada: Babi (rata). Com muita paciência e boa vontade, esteve do meu lado me auxiliando com minhas dificuldades, que não foram apenas iniciais. As gírias, expressões físicas e linguísticas são incorporadas, abandonadas ou substituídas de forma muito rápida na comunidade. Esses usos comunicacionais, constroem uma “comunidade linguística”, expressão que segundo Burke,

...é empregado para se referir ao grupos –que pode ser tão grande quanto a França ou tão pequeno quanto um família – no qual uma determinada língua ou variedade linguística é compreendida, uma “comunidade de interpretação”²² [...] A utilização de uma variedade linguística particular expressa mantém e até ajuda a criar solidariedade entre os membros do grupos. (2010, p. 21).

No Glossário²³, podemos ver algumas expressões, gírias e ressignificações utilizadas pelos ratos em distintas situações. Situações que me colocaram como pesquisador em dificuldades (leitura dos códigos e das entrelinhas). Essas formas de comunicação encontradas para construção, manutenção e ou ratificação de laços sociais fazem parte de um conjunto solidário, em que os membros comunitários constroem uma identificação, e, portanto, fazem parte do cotidiano.

Para França (2006), “analisar os sujeitos em comunicação é, simultaneamente, achar nos textos as marcas que interpelam e no posicionamento e falas desses sujeitos a maneira como eles respondem, atuam, produzem” (p. 86). Por isso, foi de fundamental importância estar em constante contato com os ratos, tanto em campo, no face a face, quanto pelos sistemas de discussão e observação *online*. Buscando, através da análises de suas narrativas, discursos e representações, assim, questionar seus papéis como atores sociais.

Nem sempre as relações marcadas pelas presenças físicas abarcam as vidas públicas. Novos usos para outras formas de interação se fazem necessárias, uma nova plataforma é

²¹ Nesse momento agradeço imensamente aos que se dispuseram a me ajudar por várias vezes.

²² Grifo do original

²³ Glossário está no final do trabalho: Anexo I.

apropriada por esses jovens para contar as histórias da vida cotidiana. O Facebook é, no momento, o site de rede social que conecta para além do face a face. É um dos meios, com todas suas ferramentas de comunicação, utilizados por esses jovens para formação de redes sociais mediadas por computadores.

Os espaços para narrar “No que você está pensando? ou Escreva alguma coisa”²⁴, são os diários sem cadeados – apesar de ser possível escolher quem contará cada história com o usuário. Esses livros abertos são as histórias de vida, são narrativas do cotidiano contadas através de letras de música copiadas de outros sites da Internet e coladas nos perfis pessoais ou de outros usuários. Fotos postadas de lugares onde se esteve, ou de lugares onde se deseja estar, ajudam a contar histórias, ficcionar a vida por meio de narrativas imaginativas. Outros recursos de comunicação ajudam na contação dessas histórias: O “compartilhar” pode ser encarado como uma ferramenta da sensibilidade, uma forma de apropriação de ideias, gostos – e porque não desgostos? – e suas difusões são um partilhar emotivo, uma ação de comungar experiências e, assim, difundir-las. Outro recurso é o “curtir”, uma ação simples de conjunção, funciona como uma concordância com o que foi veiculado por um outro usuário. Há ainda o “cutucar”, uma forma de chamar a atenção de um outro usuário, sem que haja textos escritos, aqui se faz o contexto, as entrelinhas do não dito. O bate-papo é um dos recursos de comunicação mais conhecidos entre as redes sociais, vindo das antigas salas de bate-papo, hoje apresentam recursos adicionais. Em seus espaços reservados a texto, podem ser anexados arquivos e colados *links*, produzindo uma comunicação de hipertextualidade. As conversas podem ser feitas em grupo, basta que outros usuários sejam adicionados. Há, ainda, o recurso de “chamada de vídeo” em que a conversa passa a ser muito mais pessoal. Os usuários podem se ver e ver os espaços que os cercam, a comunicação passa a ser de imagem e som ao vivo, tornando-a mais dinâmica e interativa. Desvendam-se as privacidades com a amplitude das lentes das *webcams*.

Todas essas possibilidades de ações comunicativas passam a fazer parte da história do usuário, ficando marcadas em seus perfis, “linhas do tempo”. As “linhas do tempo” são as narrativas contadas pelos usos, são os mapas sensíveis, são as pegadas deixadas pelos usuários, são os passos não apagados, são os rastros que contam cada história, cada trajeto, cada gosto, cada estilo de vida. Suas histórias são contadas pela produção de sentido que dão

²⁴ Espaços reservados para os usuários escreverem, postarem textos em suas páginas iniciais do *Facebook*, que farão parte de suas *Timeline* (Linha do Tempo) ou enviarem recados, mensagens para outras pessoas.

as suas vidas. Cada imagem, cada texto produzido ou compartilhado, diz um pouco do usuário e de suas relações com o mundo que representam.

Por diversas vezes, fui abordado pelos ratos através do *bate-papo*²⁵ do *Facebook*, para ser atualizado do que estava acontecendo, e do que eles julgavam importante para meu conhecimento. Essa atitude ativa, por parte dos membros do grupo, foi muito importante para planejar minhas visitas que se seguiram a campo, Mangueira. Essa aproximação voluntária gerava material para as próximas observações e as primeiras questões já eram levantadas através do próprio sistema de comunicação do site de rede social (SRS) referido.

Estar conectado a eles através do *Facebook*, acredito ter sido uma opção de ganho. Além de possibilitar observar os usos que fazem, um laço de confiança foi criado, gerando uma aproximação entre pesquisador e objeto, assim, também passei a ser observado por eles e meu uso da rede social monitorado. Recursos de interação do Facebook foram utilizados por mim para com eles, e o inverso também ocorreu, possibilitando, dessa maneira, a manutenção do laço social – não só na relação pesquisador e objeto, mas também como amigos. Meus *posts*²⁶ – textos, fotografias publicadas e o dia do meu aniversário – e os deles, foram motivadores para interação e geração de conteúdo para diálogos, que, por diversas vezes, teve iniciativa toma por eles.

Nossa pesquisa demandou que se estendesse além dos domínios físicos do Morro da Mangueira. Buscamos na rede social Facebook um aporte para investigar os usos da comunicação *online*. Como modelo metodológico utilizamos a netnografia, uma pesquisa empírica na Internet.

1.1 Um novo campo de análise: a netnografia como suporte

A netnografia, o estudo de campo na Internet, é a representação de um trabalho de campo que tem como suporte a conexão digital. O pesquisador muda a estrutura que o representa, sua presença está concentrada em um diferente meio de observação. Na

²⁵ Sistema de comunicação, de mensagens instantâneas da rede social *Facebook*

²⁶ São blocos de texto ou imagens, mensagens publicadas e ou enviadas para um grupo de discussão, rede social, blogs entre outros sistemas de interação da Internet.

netnografia, o computador é o aporte mediador da comunicação e da cultura no sistema *online*, expandindo, conseqüentemente, as possibilidades epistemológicas das análises qualitativas dos estudos de comunicação. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 35).

Da mesma forma que a etnografia, o pesquisador que faz uso da netnografia necessita se entregar em sentidos, alguns se tornando mais apurados do que outros, mas é a sensibilidade da visão que deve ser amplamente explorada. Em uma pesquisa que utiliza a netnografia como metodologia, a sensibilidade do que é visto, do olhar do pesquisador deve ser muito mais atento. A velocidade das informações exige uma atenção multiplicada, os contextos se perdem rapidamente em meio ao *posts*, *links*, *hashtag* e tantos outros recursos comunicacionais empregados *online*.

Partimos de um modelo comunicacional que leva em conta seu contexto e as culturas que nela se desenvolvem, no qual estão inscritas conversações, práticas e negociações simbólicas cuja observação sistemática e a investigação interpretativa nos ajuda a decompor e desvendar padrões de comportamento social e cultural. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 167-168)

Buscamos, com a nossa pesquisa netnografica, mostrar as formas de apropriação da rede social *Facebook* pelos ratos. Acreditamos que na contemporaneidade, os sites de redes sociais são um importante suporte de comunicação, e vimos nosso objeto de pesquisa usar de forma massiva tais recursos. Percebemos como nosso trabalho etnográfico foi enriquecido quando decidimos empregar, também, a netnografia como elemento de análise para a metodologia.

Nossa pesquisa se iniciou com um trabalho de análise de um grupo social constituído no *offline*, mas esse mesmo grupo transita ao empregar grande parte de seu tempo nas relações *online*. Por isso, de forma natural, buscamos suporte metodológico em uma etnografia no campo do universo *online*, acreditando que outros modos de relação e interação são importantes, não só o face a face.

Os dois modelos de pesquisa, tanto a etnográfica quanto a netnográfica, apresentam problemas diversos e isso não é novidade. A etnografia tem seu caráter evasivo, gerando interferência no ambiente em que se instala a pesquisa. Por outro lado a pesquisa netnografica tem a perda do gestual, as entrelinhas ficam mais difíceis de serem percebidas pelo pesquisador. Utilizando desses dois métodos para estudarmos nosso objeto de pesquisa, acreditamos que ampliamos as intercessões entre os dois modelos e, assim, nosso objeto pode ser melhor embasado e observado.

Na netnografia, “O acesso à informação também é facilitado, pois a própria criação de dados on-line é feita de forma textual. Nos métodos face a face de pesquisa qualitativa, é necessário que os dados sejam transcritos para posterior análise” (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 36). Para além da produção textual, nos SRS, existe a possibilidade de coleta e análise iconográfica que são incorporadas como dados à pesquisa. No caso dos ratos, esse é um recurso amplamente utilizado para fins de reafirmar os laços sociais. Há entre eles um jogo, uma brincadeira em que postam fotos antigas, fotos onde os amigos não aparecem bem. Isso é motivo para muitos comentários de deboche e muitos “curtis²⁷”. Se para o bem ou para o mal, não importa. A brincadeira, a interação comunicativa, a sociabilidade é que é valorizada.

Assim como na etnografia, a netnografia leva em consideração a sociabilidade e os processos de comunicação que estão ligados diretamente às representações que os sujeitos fazem dentro de seus grupos na Internet, e que estão em constante transformação. Contudo, quando falamos hoje em comunidade, percebemos, mesmo mergulhados em um tempo do efêmero e do provisório, como muitos autores temporalizam a contemporaneidade, mesmo com a liquidez do amor, como Bauman (2003) acredita que vivemos, ou com as efemeridades de nossas vidas consumidoras, descritas por Lipovetsky (2009), há raízes comunitárias marcadas pelas tradições e laços sociais que permanecem, se fortalecem e se ressignificam em resistência e em negociação com o meio que o cerca.

Fomos a campo, observamos, selecionamos, documentamos, analisamos e questionamos nosso objeto. Buscamos de forma subjetiva a construção de sentido para nossas interpretações. Buscamos, através de nosso olhar, problematizar o funcionamento social dentro das relações que vão se configurando e como se embaçam no cotidiano através dos sistemas *online* e *offline*.

²⁷ Curtir é um recurso de comunicação do Facebook, em que o usuário demonstra seu contentamento com o que foi postado, divulgado. A ação de curtir no Facebook é simples e rápida, basta clicar em um link figurativo de uma mão com o polegar estendido (sinal de ok).

2. SOCIABILIDADE: UM CONCEITO A SER PENSADO

Buscaremos questionar problemáticas que relacionem o homem, suas relações sociais e os espaços urbanos. Em Simmel (1987), notamos uma grande sensibilidade no tocante ao homem moderno e sua cidade. A metrópole moderna, para o autor, é o melhor lugar para se pensar o homem de seu tempo. Simmel segmenta ainda mais a cidade moderna para estudar as minúcias das relações entre indivíduos e deles com os espaços urbanos.

Vários autores da sociologia contemporânea trabalham junto aos textos de Simmel entre eles Michel Maffesoli, e é através dele que questionaremos a “socialidade” contemporânea a partir das experiências sensíveis, fundamentais na vida cotidiana dos diferentes grupos sociais, que, para Maffesoli, não podem mais ser compreendidos apenas por questões do campo econômico e profissional como foi na modernidade racionalista. Para o autor, vivemos, na contemporaneidade, uma relação entre nossas raízes do passado e elementos de nosso tempo, assim:

É a sutil alquimia das "afinidades eletivas", bem descrita por Goethe, que é transposta aqui para a ordem do social. Ou ainda, a simpatia universal do homem com seu ambiente natural, que reforça a empatia particular com o ambiente comunitário. Isso pode parecer um pouco abstrato, e, no entanto, várias atitudes caridosas, ajudas caridosas, ajudas associativas, divisão do trabalho, pequenas sociabilidades de vizinhanças ou de "encargos" no quadro da proximidade são, sem isso, incompreensíveis. Acontece o mesmo com a constituição de grupos de vida, das pequenas comunidades eletivas, bem como culturas de empresa ou de formas de espírito doméstico que, em todos os domínios, desenvolvem-se de um modo mais ou menos efêmero. [...]. Tudo isso está imerso num ambiente afetivo, emocional que torna bem difícil a análise ou a ação simplesmente racional. (MAFFESOLI, 1996, p. 14-15).

Destacamos, logo de início, o sujeito urbano, o homem comum que ocupa a cidade e faz uso dos espaços urbanos para comungar as ações sociais do cotidiano, apropriando-se dos elementos do passado e dos de seu próprio tempo, e, dessa maneira, construindo uma cidade a partir de seu sistema emocional e não baseada, apenas, em pragmatismos racionalizastes. São essas relações que possibilitam as sociabilidades cotidianas e, assim, narram às histórias da cidade em meio a seus espaços de compartilhamento. Em Simmel, vemos que as relações sociais são vividas por laços de reconhecimento no outro. Para o autor,

...a sociabilidade não tem propósito objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. [...] Quando os interesses específicos (em cooperação ou conflito) determinam a forma social, são estes interesses que impedem o indivíduo de exibir sua peculiaridade e singularidade de modo tão ilimitado e independente. [...] O *tato*²⁸ é aqui, portanto, de peculiar importância: onde nenhum interesse egoísta imediato ou externo dirige a auto-regulação do indivíduo em suas relações pessoais com outros, é o tato que preenche essa função reguladora (SIMMEL, 1983, p. 170).

Portanto, a sociabilidade se dá pelas relações que os indivíduos tem por interesse e por necessidade. Segundo o autor, “o ‘impulso de sociabilidade’ extrai das realidades da vida social o puro processo da sociação como valor apreciado, e, através disso, constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra” (idem, p. 168). A sociabilidade ocorre pelo agrupamento dos indivíduos que apresentam interesses em comum, formando um sistema de sociação. Simmel acredita que são as sociações as responsáveis por dar corpo à sociedade.

Os instintos eróticos, os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de ganha ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado por eles. A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc., a formarem uma unidade – precisamente uma sociedade (Idem, p. 165-166).

As sociações, os grupos, as tribos, que se formam na cidade são contadores de histórias, produzem as narrativas que dão vivacidade e ambiência. Não negamos à cidade as fontes documentais, mas a ela atribuímos histórias, de um tempo não oficial, “vivemos a explosão da história” (DOSSE, 2003, p. 269). Ainda segundo Dosse, “assiste-se à recusa da racionalização global do real. Já que o real não realiza as esperanças, ele não pode ser racional. A história [...] fragmenta-se em múltiplos segmentos” (Idem, p. 286). Narramos, no oficioso, as histórias das gerações passadas, contamos os mitos, os boatos, suas lendas. Os rumores são parte fundamental para a construção das representações que se compartilham e dão ambiência e imagem aos espaços urbanos. Constrói-se, assim, um sentimento que se partilha pela subjetividade, pelas imaterialidades que são comungadas pelas relações de sociabilidade e, assim, representamos nossas formas de experienciar o mundo. Portanto, esse partilhar simbólico passa a valer como experiência do vivido. Recorrendo a Pesavento, vemos que as representações são vetores do simbólico:

²⁸ Grifo do original

...ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou anunciam, carregam sentimentos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. [...] a representação tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. (PESAVENTO, 2003 p. 41)

Em pesquisas de imersão de campo, o “real” está no mito, na história narrada, nas experiências que os sujeitos fazem e nos usos do espaço em seu tempo. Em uma pesquisa deve-se “recuperar o real pluridimensional e interrogar tal setor da atividade humana não somente a partir daquilo que se pode conhecer dele, como também a partir das outras dimensões do real”.(DOSSE, 2003, p. 87). É através das narrativas, que os sujeitos constroem e reconstroem cotidianamente seus imaginários de vida e de cidade.

...o passado jamais morre completamente para o homem. O homem pode muito bem o esquecer, mas continua trazendo-o consigo. Pois, tal como é em cada época, ele é o produto e o resumo de todas as épocas anteriores. Se descer ao fundo de sua alma, pode reencontrar e distinguir essas diferentes épocas pelo que cada uma delas nela deixou. (COULANGES, 2009, p. 18)

Nossas cidades se transformam, mas as marcas de suas histórias persistem nas memórias de seus habitantes. São eles os responsáveis pelas transformações materiais e imateriais. Os indivíduos, conjuntamente, transformam seus espaços e recriam suas narrativas dando pulsação as cidades. As representações se compartilham reafirmando as histórias e, quando necessário, transformando-as, dando as cidades características que se refazem, com as experiências narradas a cidade se faz viva.

2.1 Uma metrópole em transformação: um breve contexto

A cidade de Simmel, Berlim, na virada de século XIX para o século XX, cresce vertiginosamente, a população “entre 1867 e 1913, período em que a cidade passa de 700 mil a 4 milhões de habitante” (FREITAS, 2007, p 42), é um caldeirão que se enche e tende a um transbordamento. As transformações da metrópole moderna são a base das reflexões dos estudos de Simmel.

“O tipo metropolitano de homem – que, naturalmente, existe em mil variantes individuais – [...] reage com a cabeça, ao invés de com o coração” (SIMMEL, 1987, p 12 - 13). Para Simmel, esse homem metropolitano é a encarnação da racionalidade moderna. “A vida metropolitana, assim, implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência no homem metropolitano” (idem). Segundo o autor, as identidades desse homem metropolitano são descritas na “... precisão, uma certeza na definição de identidades e diferenças, uma ausência da ambigüidade nos acordos e combinações surgiram nas relações de elementos vitais” (idem, 14). Ainda segundo Simmel, essas identidades que se inserem nas relações sociais são integradoras da complexa vida metropolitana e tem em sua base as negociações dos interesses diferenciados e, por assim dizer, comunitários, das relações de poder com o espaço urbano, das relações que configuram as sociabilidades da cidade.

Os estudos dos grupos urbanos, desenvolvidos por Simmel, são retomados, após um tempo “guardados”, para se problematizar as transformações que marcaram a cidade moderna e, portanto, questionar as metamorfoses que estão configurando a cidade contemporânea.

O Brasil, afunilando ainda mais nosso recorte, a cidade do Rio de Janeiro, teve seu projeto metropolitano iniciado a partir de modelos da modernidade européia. O contexto histórico ainda tinha um obscurantismo no que tange a recém proclamada República (1889). Nosso projeto de modernidade não era só baseado na necessidade estrutural, mas, buscava ratificar a novo regime político, minimizando nossas marcas coloniais portuguesas e a lembrança de um recente Império.

A “cidade capital” precisava se embelezar aos moldes europeus, e nosso espelho primeiro seria a cidade de Paris. Precisava-se de uma grande e larga avenida, aquisição fundamental para nosso projeto de modernidade. Botaram abaixo muitos dos antigos casarios coloniais, conhecidos como cortiços por serem ocupados por muitas famílias pobres. Necessitava-se, também, de uma política de higienização, uma limpeza social do que seria a vitrine do Brasil para o mundo (GOMES, 1994).

Lima Barreto, João do Rio, Olavo Bilac, entre tantos outros, nos contam como essas transformações marcaram a modernidade na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Em “Subterrâneo do Morro do Castelo”, o jornalista do Correio da Manhã, Lima Barreto, descreve a demolição de um morro, mas, para além disso, ele conta como histórias adormecidas voltam à tona, após a descoberta de uma galeria construída abaixo da construção jesuítica, localizada no referido morro na região central da cidade.

A possível descoberta de um tesouro, escondido pelos jesuítas nas galerias, mobilizou curiosos que se debruçavam aos redores do buraco por onde entravam os trabalhadores. Descreve Lima Barreto: “Estes fatos estavam quase totalmente esquecidos, quando ontem²⁹ novamente se voltou a atenção pública para o desgraçado morro condenado a ruir em breve aos golpes da picareta demolidora dos construtores da Avenida” (1999, p.19). Cada homem que saía das galerias sem se quer com uma única moeda era uma esperança que se ia.

Outro autor que descreve, muito bem, a ambiência da cidade do Rio de Janeiro é João do Rio. Esse declara o amor que sente pela “Rua” em “A alma encantadora das ruas”³⁰. O autor descreve, em seu texto, a ambiência das ruas a partir dos sujeitos que há ocupam. Ele afirma que a “Rua tem alma” e essa alma é a própria apropriação e uso que os sujeitos fazem das ruas. Busca nas transformações urbanas que a cidade vai passando uma apologia à Rua, uma defesa de amor a cidade, um elogio ao povo que a ocupa e lhe dá vida. Descreve Gomes sobre essas leituras da cidade do Rio de Janeiro:

Escrever/ler o Rio de Janeiro era, desta forma, conjugar experiência urbana e modernidade. Mais que lugar de encontros acidentais, espaço do efêmero, ou pontos de cruzamento, a cidade é ambiente de mudanças, de rupturas, de pontos focais da comunidade intelectual. E, ainda mais, de conflitos e tensões de várias matizes. É tanto metáfora como lugar. Verificam-se as metamorfoses da base topográfica em nome da funcionalidade e do valor de troca; redefine-se o espaço físico de acordo com um projeto racional. [...] Transforma-se a cidade em uma “floresta de símbolos”, para que possa ser lida como ‘moderna.’ (1994, p. 105)

Observamos rapidamente como a cidade pode ser representada por seu povo e como sua gente pode construir a própria imagem de cidade. As representações das cidades são construídas pelas relações sociais de seus ocupantes, são as formas sensíveis de estar em sociabilidade que configuram as histórias que são contadas e compartilhadas. Tanto na modernidade quanto na contemporaneidade, a cidade pode ser vista como o palco para as performances dos homens contarem suas narrativas sensíveis do cotidiano.

²⁹ Data referida como sendo 27/04/1905.

³⁰ Obra de domínio público: “A alma encantadora das ruas”. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf>. Acessado em: 06/01/2012.

2.2 A Cidade sensível: uma cartografia sensível da experiência

A cidade, como espaço de compartilhamento, é dinâmica e fluida no que tange suas multiterritorialidades. Segundo Haesbaert, estamos diante de diferentes formas de compreensão do espaço-tempo (2004). Essas territorialidades são conjugadas pelas vivências, por uma forte presença das sensibilidades dos homens que se relacionam com a cidade. Vivenciamos muitas territorialidades, nos movemos pela cidade na tentativa de saciar nossos desejos, nossas vontades. Nos movemos na busca do prazer, nem sempre alcançado, é verdade, mas continuamos buscando nossas músicas pelas ruas, nossas peças de teatro, nossos grafites preferidos, nossos bares, nossos amigos pelos caminhos. Nos movemos em busca de prazer, em busca de comunhão.

A cidade contemporânea favorece as explosões de desejos, seus fragmentos culturais fazem os sujeitos criaturas suscetíveis e, assim, buscarem por novas experiências, de saciar a sede pelo novo. Na cidade contemporânea mergulhamos em um mar de sensibilidades e deixamos que as sensações tomem corpo através das experiências de ir e vir. O movimento e o deslocamento são características da cidade. “Mover é atravessar as hierarquias sociais, consumir simbolicamente e factualmente o tempo, o espaço e as manifestações sintomáticas dos lugares: aqueles que são percebidos, aqueles que são ocupados, como aqueles que são desejados”³¹ (MIAUX 2009, p. 4).

Os espaços da cidade são negociados por seus ocupantes, atores sociais que constroem significações através das apropriações e das formas como fazem uso desses espaços, divididos em quinhões territoriais. São essas “parcelas” urbanas que propiciam aos sujeitos construir e reconstruir as imagens de forma compartilhada das experiências cotidianas, compartilhadas por desejos de pertencer, ser reconhecido no outro e pelo outro, fazer parte de um grupo. “Adesão aos outros, em função dos gostos, das origens, dos sonhos e das histórias ou mitos comuns. Adesão a um território, a uma natureza, a uma paisagem compartilhada” (MAFFESOLI, 2007, p. 27). O homem que vive na cidade, segundo Maffesoli, se relaciona com ela através de sua sensibilidade, das experiências que lhe possibilitam escolhas. São os

³¹ Tradução do autor: “Se mouvoir, c’est traverser les hiérarchies sociales, c’est consommer symboliquement ses places: celles que l’on perçoit, celles que l’on occupe comme celles que l’on desire”

sentimentos que ele cria para com os espaços que lhe dão ambiência e pertencimento e, assim, os sujeitos tendem a formar grupos unidos por laços afetuais.

Os espaços urbanos falam, gritam na necessidade de se comunicar, em cada canto, cada esquina, do alto dos edifícios ou em baixo, nas ruas, a cidade invade nossos sentidos. Ela se comunica através de seus cheiros, na tacialidade dos calores e dos suores, explode com nossos sentidos, ela narra à visualidade de suas paisagens, em eterna construção, e nos conta suas histórias com seus ronrones acalentadores e com seus grunhidos desesperados.

A vida em uma metrópole depende de “toda a organização interior de uma vida comunicativa tão extensiva repousa sobre uma hierarquia extremamente variada de simpatias, indiferenças e aversões de natureza tanto a mais breve quanto a mais permanente” (SIMMEL, 1987, p. 18). A sedução constante em que os sujeitos são postos à prova, nos espaços urbanos, faz com que eles recaiam e se deparem com suas “simpatias, indiferenças e aversões”.

A cidade comunicativa, ou como Canevacci denomina, polifônica, apresenta em sua fragmentação cultural a necessidade de um sujeito coletor, coletor de fragmentos da cultura urbana (2004, p. 35). Viver em uma cidade, na contemporaneidade, é se deparar com suas várias formas de experiências – cutâneas, visuais, olfativas, auditivas, gustativas e por assim dizer, sensíveis. A cidade é representada pelos sentidos que lhe emprestamos. Nossas impressões, sentimentos e emoções constroem, a partir de nossas experiências, os fragmentos que compõem as diferentes formas de viver a cidade. Essas experiências vividas nos espaços urbanos é que nos possibilitam fazer nossas escolhas e traçar nossos caminhos.

Caminhar por uma cidade pode parecer uma ação simples, contudo nossos traçados são marcados por nós, por nossas experiências. Por que passar por um caminho e não por outro? Uma resposta racional e “Moderna” poderia nos levar a um pragmatismo excessivo, que, por conseguinte, seria: traçar o espaço mais curto para se ganhar tempo, uma reta. Entretanto, sabemos que nem sempre nossas cartografias urbanas são feitas dessa forma. Criamos nossos mapas através de nossas sensibilidades, nossos gostos e desgostos, que são fundamentais na composição desses mapas. Ou seja, criamos nossos mapas, por percepções, nossas cartografias são traçadas por nossos sentimentos de pertencer ou não aos espaços que compõem a cidade, ela está ligada às experiências sensíveis. Esse é um mapa que nos induz a pensar em Martín-Barbero.

Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa

que não sirva para fuga, e sim para o reconhecimento da situação das mediações e dos sujeitos. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 299)

Sobre esses reconhecimentos, Corrêa, diz que os mapas demarcam os espaços do vivido. Para o autor, esses mapas sensíveis descrevem os diferentes significados das espacialidades (2012, p. 135-136). A cultura é aporte para se questionar as significações criadas pelas práticas e usos dos diferentes grupos que negociam os espaços territorializados sobrepostos.

Segundo Maffesoli, nossas escolhas ocorrem por meio de uma racionalidade a partir da sensibilidade, são as “razões sensíveis” que nos levam a socialidade de base (*socialité*), que religa as pessoas ao mundo a partir de um sentimento de pertença a partir das sensações e sensibilidades, tais como a estética, pensada como emoção, a partir de interações que enfatizam o senso comum e o ressurgimento do vínculo comunitário. Para o autor, “O ideal comunitário das tribos pós-modernas baseia-se no retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica” (2010, p. 39). Para Maffesoli, essa solidariedade está no campo da sensibilidade, das trocas, a partir das relações de proximidade que os sujeitos adquirem ao fazerem parte das tribos, o conceito que o autor trabalha para falar dessas relações é o da “proxemia”.

A proxemia simbólica e espacial privilegia o cuidado de deixar seus rastros, quer dizer, de testemunhar sua perenidade. Está é a verdadeira dimensão estética de tal ou qual inscrição espacial: servir de memória coletiva, servir à memória da coletividade que a elaborou. A partir daí, é verdade, essas inscrições podem sofrer análises estéticas *stricto sensu*, neste sentido, se tornam obras da cultura. Mas é preciso não esquecer que elas ultrapassam, e de muito, o que, frequentemente, é apenas uma redução abstrata e intelectual (MAFFESOLI, 1998, p. 190).

A proxemia seria a superação do indivíduo como ser moderno identitário, ou seja, hoje vivemos em uma sociedade que valoriza o sensível, as relações por identificação em um estar junto compartilhado. A nossa modernidade pode ser caracterizada na racionalidade de perceber que não vivemos isoladamente, ou seja, individualmente os processos sociais, mas, sim, em comunhão com outros sujeitos. A cidade tribalizada é resultado de nossas sociabilidades, das nossas histórias, nossos mitos, nossas experiências e gostos.

2.3 Tribos: um estilo de vida pós-moderno

Michel Maffesoli, na transição do século XX para o XXI, estuda o declínio do individualismo nas sociedades de massa, sendo fundamental ter como ponto de partida trabalhar o conceito de tribalismo. Em seus estudos, Maffesoli nos aponta a emergência de pequenos grupos sociais, denominados por ele de “tribos”.

A massa, ou o povo, diferentemente do proletariado ou de outras classes, não se apóiam em sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela. Está claro que, como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam tampouco são estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra. (MAFFESOLI, 1998, p. 8-9)

São dessas experiências sociais que percebemos à dimensão hedonista, corporal e sensível do mundo. Nossa mobilidade em meio às tribos é dinâmica, nossas sensibilidades são fluidas, nossos prazeres são momentâneos, nossos corpos são adornos em construção. Circulamos em meio às tribos sem que, necessariamente, criemos raízes muito profundas. Se hoje somos uma coisa amanhã não necessariamente seremos. Segundo o autor, vivemos em um sistema de rede, onde cada entrecruzamento, cada nó da rede, é um “microgrupo”, uma tribo e podemos a partir do autoreconhecimento e da aceitação por parte do grupo emergir em uma nova tribo.

A pessoa (personna) representa papeis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturas, religiosos, amicais) assumir seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi. (MAFFESOLI, 1998, p. 108).

Mesmo tendo na contemporaneidade essa fácil mobilidade, Canevacci salienta que, os sujeitos apresentam suas origens como pedras. “As gemas diaspóricas [...] uma gemação que os difundem em novos fluxos híbridos de criatividade” (2005, p. 1). Segundo o autor o sujeito pode “experimentar a multidão do eu”.

O sujeito diaspórico já não está ligado à sua matriz “étnica” (judaica, africana, Armênia etc.): é um sujeito desconexo, que opta por atravessar os fluxos metropolitanos e comunicacionais, pondo em discussão toda e qualquer sólida

configuração daquilo que foi racionalizado, etnicizado, sexualizado por parte da lógica classificatória do Ocidente. (Idem, p. 4).

Caminhamos por emaranhados de fragmentos cotidianamente, e sem que percebamos trocamos nossas mascaras, isso quer dizer que estamos circulando, migrando entre os territórios de outras tribos. Nossos caminhos, nossos traçados pela cidade territorializam os espaços através dos nossos próprios fragmentos de identificação e, assim, uma nova pessoa está a se comunicar. Vemos, portanto, uma comunicação pela ocupação, pelos usos dos espaços que compõem a metrópole contemporânea, comunicacional.

...a *metrópole comunicacional* – ao mesmo tempo totalmente material e imaterial – estendeu-se por vastas áreas de conurbação (o *sprawl*), cuja exposição transnacional e transterritorial determina sua importância não só produtiva como também perceptiva, emocional, valorativa. Em suma, os *sprawl* comunicacional têm sentidos múltiplos e multi-seqüenciais que o enxertam a novas tecnologias e novos sincretismos através de mutantes panoramas urbanos e criatividades antropofágicas que remastigam estilos, cruzam vários códigos, regeneram todos os olhares. (Idem, p.5)

Nessa metrópole fragmentada em diferentes expressões culturais, não há um prevaecimento identitário por parte dos sujeitos. Configuram-se momentos, relações entre as espacialidades e as temporalidades determinadas por esses atores que, explorando as culturas que lhe são apresentadas no cotidiano, reconfiguram seus papéis no mundo.

Maffesoli defende que a *persona* tem papeis na cidade, tanto no âmbito profissional quanto nos momentos que circula pela cidade, em meio às tribos. “Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*” (1998, p. 108). Assim, a partir de seus gostos, configura, pelos espaços da cidade, marcos do sensível, ambiências compartilhadas, o gosto é um definidor da construção simbólica dos caminhos que traçam pela cidade.

Se deslocar pela cidade é se permitir experienciar, é estar aberto à vivência através dos sentidos e gozar as possibilidades que ela oferece. Não caminhamos em nosso cotidiano de forma objetiva a todo instante, muitas vezes nos permitimos nos perder para podermos nos encontrar. Encontrar algo novo, ou melhor, que nos constituirá, que nos fará sociabilizar e criar laços, nos fará membros de um novo grupo, uma nova tribo, emergindo mais uma identificação, mais um estilo. Existe uma sensibilidade que é partilhada, que é coletiva e que é fundamental para a manutenção e existência do grupo. O reconhecimento está no próximo, em uma relação tátil que se soma aos demais sentidos e ambienta os espaços partilhados, dando-

lhe um caráter de lugar de vivência. Há um reconhecimento, um estilo de vida que é determinante para ambientar o grupo, “investimento afetivo, passional” (MAFFESOLI, 1998, p. 175).

A moda, por exemplo, é um dos determinantes para se autoidentificar a uma determinada tribo. A idéia de moda sofreu diversas transformações em um curto período de tempo. É algo do cotidiano, tão corriqueiro que é vetor de sociabilidade, de união, de participação, de ação, rompe possíveis barreiras e exporta de tribo em tribo suas próprias tendências, idéias e conceitos. Assim, afirmamos e associamos o consumo, a circulação e o uso da moda com a cidadania contemporânea. Existe uma acelerada e enorme difusão da importância da diferença na moda, da circulação de estilos entre tribos, das diversas tendências de estilos de vida. Estilo de vida é muito maior do que apenas o hábito, mas uma maneira de se colocar na vida, uma forma de se projetar para o mundo, como se quer ser visto, notado e, principalmente, reconhecido.

Pensemos o estilo de vida como uma verdadeira concepção geral da vida, que não pretende ser eterna, mas fonte de uma agregação coletiva, um sentir compartilhado, experimentado como uma espécie de “língua comum”. Assim, afirma Maffesoli,

...nossas sociedades são animadas, de modo orgânico, pelo jogo das imagens, e que podemos caracterizá-las, de várias maneiras, por um estilo que acentua ao mesmo tempo a estética, o cotidiano e o comunicacional, ou, caso não se aprecie este termo um tanto bárbaro, o simbólico. (1998, p. 79)

O estilo de vida pode estar representado nas vestes, na apropriação e recriação da língua, na forma como a sexualidade é encarada, no comportamento corpóreo da forma como se anda, como se olha, os pequenos e ou exagerados gestos. Tudo faz parte de um processo comunicativo para se dizer de onde se está vindo e para onde se deseja ir. Recorrendo mais uma vez à Maffesoli, “o estilo é uma alavanca metodológica privilegiada: ele acentua, aumenta, e desse modo valoriza o que se tem, por hábito moralista, demasiada tendência a negligenciar” (MAFFESOLI, 1995, p. 37).

Cada membro de uma tribo trás consigo valores e sentidos que se diluem em meios aos já existentes, o que possibilita nossos questionamentos, nossas problemáticas para distingui-los dos demais fragmentos da cultura contemporânea. O estilo de vida pode ser pensado a partir de um lugar, de um tempo, de uma ética de uma estética.

O *ethos*³² depende sem dúvida de usos e costumes, originados de um determinado lugar. Portanto é uma ética, às vezes imoral, que se manifesta nas inúmeras efervescências da vida social. E, aqui, está-se no núcleo de uma estética que convém compreender em seu sentido amplo. Ou seja, aquele do compartilhamento de paixões e emoções coletivas. (MAFFESOLI, 2010, p. 25).

A cultura mesmo em transformação está diretamente ligada à tradição, à memória. Somos os que somos porque contamos nossas histórias. “A memória nos lembra, em certo momento, que cada indivíduo só pode ser o que é se tiver raízes, que uma sociedade só pode ser o que é porque tem raízes, que um país só pode ser o que é porque tem raízes” (Maffesoli, 2008, p.535). A configuração em algo novo faz parte de um processo que liga o passado ao presente, um “enraizamento dinâmico”, um laço que se estende e se contrai, moldando-se por suas necessidades na temporalidade dos usos que se faz dos espaços. A cultura tende a ocupar novos espaços, buscar novos horizontes, vai se deparar e se chocar com outras formas culturais, mais fortes ou mais frágeis, mais adaptáveis ou menos adaptáveis ao tempo-espaço. Esses espaços, por sua vez, que são fonte de produção cultural e, ao mesmo tempo, tem suas raízes na tradição, ressignificam os usos pela apropriação da cultura que está em constante negociação (tradição e inovação). Assim nos percebemos na cidade contemporânea, com seus fragmentos culturais, suas múltiplas possibilidades, suas formas que se deformam e reformam, se reconstruem por novos usos e apropriações. São os sujeitos que transformam a cidade através de suas sociabilidades, gostos e experiências sensíveis. Não temos definidos seus papéis de atores, mas sabemos que a cidade é seu palco.

Vivemos no pluralismo do fragmento. Transitamos em meio aos espaços urbanos, procurando as representações de nós mesmos. Estamos embebidos em subjetividades de nossos consumos materiais e imateriais em um tempo histórico que explode por seus signos. Nossas histórias são marcadas pelas sociabilidades cotidianas e nos permitem negociar os espaços urbanos. São os sujeitos e suas histórias, suas relações de interação, que compõem o cenário da teatralidade que tem a cidade como palco.

³² Grifo do original.

3 A RESSIGNIFICAÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA: DA RATA VELHA AOS RAMIGOS

O cognome rato vem de um funk do Mc Beto, a letra da música fala de uma mulher feia, com mal cheiro que é desprezada por onde passa. No senso comum do morro é uma mulher que se envolveu com homens do tráfico e ficou marcada como “mulher de bandido”. (Christiane)³³

A rata velha tá passando³⁴

A RATA VELHA TÁ PASSANDO (2X)

ELA TÁ PASSANDO, TÁ PASSANDO NA FAVELA (2X)

ELA PENSA QUE É GOSTOSA, GAROTA, TU NÃO ME EXTRESSA, TU É FEIA PRA CARALHO, MAIS PARECE A RATA VELHA

TEM PEITO DE MIOJO E BUNDA DE PUDIM

MAIS QUANDO DÁ MEIA NOITE A RATA VELHA QUE SAIR

ENTÃO TU SE LIGA AI, E PRESTE ATENÇÃO, PRA RATA VELHA, FEDORENTA EU JOGO QUEIJO PARMESÃO...

JOGA O QUEIJO, QUEIJO PARMESÃO (2X)

E A RATA VELHA TÁ PASSANDO (2X)

QUANDO ELA OLHA PRA MIM, OLHO PRO LADO ATÉ DISFARÇO

ELA PASSANDO DANÇANDO COM O CÊCÊ DE BAIXO DO BRAÇO

SE LIGA RATA VELHA VOU MANDAR O PAPO AQUI

CUIDADO COM A VENTANIA PRO IMPLANTE NÃO SAIR

SE LIGA NO PAPO RETO, ESCUTA AI PARCEIRO

DEPOIS DA MEIA-NOITE A RATA VELHA SAI DO BUEIRO

RAPAZIADA DO BAILE, ISSO É A MAIOR ZUAÇÃO

ENTÃO PRA RATA VELHA JOGA O QUEIJO PARMESÃO

FIEL SE LIGA SÓ, MANDO NO SAPATINHO

A RATA VELHA DO BAILE ESTA VINDO DE TRENZINHO

RATA RATA RATA RA, ESTA VINDO DE TRENZINHO (2X)

JOGA O QUEIJO C/ VENENO A RATA VELHA TÁ MORRENDO

Os ratos e as ratas, aqui estudados, são pessoas bem diferentes dessa rata velha. Não tem envolvimento com tráfico, são jovens que se apropriaram da expressão e a ressignificaram. Nossos ratos estão no campo da malandragem, da astúcia do movimento

³³ Entrevista concedida em: 19/10/2011, MMM Bar, mas conhecido como bar da Tia Elma, Candelária, Comunidade da Mangueira

³⁴ Não há unanimidade quanto à autoria da música “A rata velha ta passando”. Contudo, depois de fazermos uma pesquisa acreditamos que a autoria seja do Mc Beto.

rápido pela criatividade. Buscamos nos usos que esses jovens fazem do cotidiano problematizar os fragmentos culturais dos grupos que compõem a cidade contemporânea e fazem dela um mosaico em constante transformação, redesenhando seus ambientes, construindo novas formas de experiência, lugares de compartilhamento social e que remodelam as paisagens da cidade.

Os ramigos, forma carinhosa como eles se reconhecem, apresentam, segundo eles, uma unidade formada por laços de amizade. O grupo é composto por homens e mulheres, heterossexuais, gays, lésbicas, bissexuais e qualquer outra nomenclatura que possa vir a surgir. Esses jovens buscam na criatividade, na apropriação e ressignificação simbólica do cotidiano novas formas de se comunicar. Falamos de uma criatividade comunicativa da língua, com a criação de neologismos ou com a mudança de sentido do senso comum do vocabulário. Esses jovens buscam criar códigos que sejam dominados por eles, e que o sentido esteja nas entrelinhas da narrativa. Buscam no jogo de cintura e através da sensualidade, burlar certas regras e convenções sociais que eles julguem descabidas a seus estilos de vida. Com a elevada autoestima os ratos buscam se colocar no mundo e mostrar como valores comunitários³⁵ guiam suas relações sociais.

Ser rato é ter um estilo de vida próprio, um comportamento, uma forma de se jogar no mundo. Para Maíra³⁶, “ser rata é ser esperta, sagaz, é saber entrar e sair de todas as situações”, o que, para eles, é diferente do resto dos moradores do morro. Os ramigos chamam os demais moradores de “morraicos”. Segundo Mariane³⁷, “Morraico é aquela pessoa que não sai do morro, que a vida é estar no morro, que só curte o morro. A gente não é assim”. Christiane³⁸ completa, “Não nos vestimos como morraicos, temos um estilo bem diferente [...] nunca gostamos desse estilo, nunca mesmo, sempre detestou”. Segundo elas o jeito morraico de se vestir é vulgar.

Cirilo³⁹, um dos ratos, diz que as ramigas são mais inteligentes que as outras moradoras do morro, “elas sabem se comportar dentro e fora do morro”.

³⁵ Ver Maia e Prada: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/276/260>>.

³⁶ Entrevista concedida em: 20/09/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

³⁷ Entrevista concedida em: 18/09/2011. Local: escadas da comunidade da Candelária, Morro da Mangueira.

³⁸ Entrevista concedida em: 19/10/2011. Local: MMM Bar, mas conhecido como bar da Tia Elma, Candelária, Comunidade da Mangueira.

³⁹ Entrevista concedida em: 14/10/2011. Local: Sala de computadores da ONG Meninas e Mulheres do Morro.

Para ser reconhecido como membro do grupo dos ratos, não basta ser amigo, certos códigos devem ser dominados e a aceitação pelo grupo é de fundamental importância para que a marca da astúcia seja passada para o possível candidato a “ratidão”. Maíra⁴⁰ conta que: “Somos muito parecidas, não fisicamente é claro, mas pensamos igual, agimos da mesma forma costumamos dizer que temos muita sintonia”. Mas há também brigas e discussões, nem tudo são sempre flores, mas estão sempre dispostos a resolver os embates que venham a surgir.

Os ratos são um pequeno grupo, que cresce e diminui de forma cíclica. Ratos deixam de ser ratos, mas nada impede que volte ao grupo, amigos são incluídos ao grupo, desde que reconhecidos como tal. Existe uma fluidez e um tempo cíclico no que diz respeito aos ramigos. Fazer parte de um grupo como o dos ratos é dominar códigos, mas é também se reconhecer como um sujeito capaz de interagir profundamente com o local. Eles acreditam que uma vez rato, sempre rato. Mesmo que um deles deixe de fazer parte do grupo, existe uma raiz, um enraizamento que o mobiliza para dentro e para fora do grupo.

3.1 A exuberância em corpos mangueirenses: corpos em produção

A partir deste momento, falaremos de corpo, moda, consumo, espaço, territorialidade e lugar, elementos que irão nos fazer refletir sobre o campo da cultura. Veremos como os ratos, nos guiaram à problematizar questões relativas às sociabilidades e às formas de apropriação e uso dos espaços, das territorialidades e dos lugares comunitários.

Os ratos fazem parte de um grupo de amigos que se identificam pelos seus gostos, pelos estilos de vida, pelas formas como se colocam para o mundo. Eles buscam dar vazão a seus sonhos, desejos e prazeres através da circulação pela cidade. Dominam não apenas as territorialidades da Candelária, mas de toda a cidade que venha compor suas cartografias de sentimento, mapas que são suportes para os deslocamentos, desenhados pelas imaterialidades dos sentidos, das sensibilidades que ocupam e exploram os espaços urbanos, a cidade experienciada, vivida, sentida.

⁴⁰ Entrevista concedida em: 20/09/2012. Entrevista online (talk – Facebook)

Aparentemente, não existem barreiras, para seus deslocamentos ágeis pela cidade do Rio de Janeiro. Jovens que trabalham e estudam, que vivem a cidade, exploram seus cantos, vivenciam os espaços e territorializam seus mundos. Beleza, moda, estilo e cuidados com o corpo fazem parte de seus cotidianos. Astúcia é uma palavra interessante para descrever a atitude de um rato. É esse comportamento que lhes possibilitam criar desvios, buscar brechas para se espalharem pelas porosidades da cidade, construindo assim seus desvios.

Buscamos questionar, aqui, como o corpo e as preocupações que o rodeiam tomam lugar na comunidade da Candelária, principalmente em meio aos ratos. Podemos observar com Burke (2005) a entrada em cena dos corpos como objeto de estudo. Segundo o autor, na década de 1980, crescem os estudos sobre os “corpos masculino e feminino, nos corpos como experiência e como símbolos, nos corpos desmembrados, anoréxicos, atléticos, dissecados e nos corpos dos santos e dos pecadores” (idem, p. 94). Buscaremos, ainda, em nossos questionamentos, como a moda e a beleza – não como simples produtos de consumo material, mas através da criatividade e das ressignificações simbólicas que esses jovens depositam no cotidiano – são fundamentais para a sociabilidade comunitária.

Não existe modelo ou padrão de moda ou de corpo a ser seguido. Falaremos aqui da capacidade de criatividade de um determinado grupo que forma uma comunidade. Eles investem, não apenas dinheiro mas, para além disso, colocam muita imaginação para criar e projetar uma imagem de si para o outro. Existe constantemente uma preocupação relacional no aspecto da beleza entre os ratos. Assim, podemos dizer que estamos apreciando na contemporaneidade o nascimento de um corpo social que se faz e refaz de maneira criativa através do ato de compartilhar os espaços.

A busca pela mais perfeita beleza aparentemente não tem limites, barreiras ou fronteiras, idade ou classe social. As barreiras, que até bem pouco tempo atrás marcavam diferenças entre homens e mulheres ou moradores do asfalto e do morro, foram quebradas, rompidas e superadas. Na contemporaneidade a busca pela felicidade da beleza é constante no todo social.

O corpo, adornado ou em pêlo, faz sua função comunicativa, diz a que veio, conta suas narrativas e transpira desejos. O corpo narra suas trajetórias pelos caminhos que traça, conta suas histórias junto à cidade e se projeta ao mundo. O corpo em movimento, em trânsito pelas ruas, está carregado de histórias, experiências do cotidiano, mergulhado em mitos, convivendo com suas dúvidas e certezas, suas fragilidades e potencialidades. Em multidão ou

dispersos, os corpos ajudam a ressignificar a cidade, a cada passo criam novas relações com o urbano, constroem novas formas de olhar e vivenciar a cidade. Assim, apontam para a formação de um novo corpo social que está cada dia mais estetizado.

3.2 A cidade e a estética do vínculo

Caminhando pela cidade, em uma breve passagem por uma banca de jornal, nos deparamos com uma infinidade de revistas que tratam de questões corporais para diferentes públicos: homens, mulheres, gays, simpatizantes e quem mais quiser. Revistas que prometem transformar as indesejáveis gordurinhas em músculo estão penduradas aos montes. O segredo, segundo elas, é seguir o passo a passo da maravilhosa receita, o resultado é garantido e os corpos flácidos serão sarados em poucas semanas, quem sabe dias. Revistas com as mais novas e revolucionárias dietas, com os exercícios testados e aprovados por alguém de quem nunca se ouviu falar, mas que, segundo a publicação, é a pessoa que dá credibilidade à matéria e aos produtos que ela diz serem quase milagrosos. As capas são tomadas por corpos esculpidos, super definidos e musculosos, a base de muito exercício, quando não, muito Photoshop, mas mesmo na ilusão o desejo está naquele corpo marcado e definido. Por exemplo, adquirindo a *Men's Health*, de março de 2012, todos os homens poderão, por doze reais, dar um “TCHAU PANÇA!”, em caixa alta mesmo, através de “4 planos divertidos para secar sem se matar”⁴¹. No verão ou fora dele não se pode deixar cair, enferrujar, engordurar, “embarangar”. As publicações dão dicas para se dormir bem, para ficar atraente, dicas de suplementos alimentares que irão ajudar a deixar os músculos em evidência e até “a melhor hora pra transar”⁴². Encontramos a felicidade nas bancas de jornal.

Quando nos deslocamos pelas ruas da cidade, olhando para o alto avistamos inúmeros outdoors gritando e clamando por nossos sentidos, chamam por nossos nomes, em uma intimidade de consumidor de longa data. No alto da cidade lá estão eles nos seduzindo, os produtos de beleza que prometem maravilhas à nossa aparência e boa forma. Hidratantes para

⁴¹ “TCHAU PANÇA: 4 planos divertidos para secar sem se matar” Título e subtítulo de uma das matérias de capa da revista *Men's Health* do mês de março de 2012.

⁴² “Sexo!: a melhor hora pra transar”. Título e subtítulo de uma das matérias de capa da revista *Men's Health* do mês de abril de 2012.

o rosto, mãos, pés, tem os para os cantos dos olhos, que juram retirar todas as preguinhas que apareceram com o passar dos anos. As publicidades de shampoos e condicionadores que tendem a repetir a antiga fórmula de uso das imagens das celebridades do momento, tinta de cabelo com Ivete Sangalo, Claudia Leitte e tantos outros famosos. O creme dental que protege das cáries, dá hálito fresco e branqueamento instantâneo para a *night*⁴³ não ser perdida e a “pegação”⁴⁴ rolar solta, testado e aprovado por um dos televisíveis do momento, o ator, modelo e apresentador Caio Castro. Os protetores solares e bronzeadores estão por todos os lados, protegendo contra os nocivos raios UV e dando o bronzeado que é a cor do verão por todo o ano. A cor do pecado.

O erotismo vem imediatamente após os produtos alimentícios e antes de tudo o mais (a felicidade, a saúde etc.) em uma classificação dos tipos de solicitação por ordem de importância. É o resultado normal de uma publicidade que celebra as sensações do comer e do beber, os deslumbramentos da boca e dos lábios, a comodidade dos movimentos sem obstáculos, os prazeres da pele, as metamorfoses olfativas da respiração ou as liberações do corpo, que se alivia de seu peso. (CERTEAU, 2011, p. 47)

Podemos, assim, apreciar em variados domínios do social um forte hedonismo tribal. Segundo Maffesoli, são várias as atividades da vida que nos levam a nos embelezarmos, nossos corpo se remodelam “sob o olhar do outro, e, por outro, para que seja visto pelo outro.” (1995, p.56). O autor afirma que na contemporaneidade o que poderia parecer individualismo é no “fundo das aparências” (MAFFESOLI, 1990, p.123) a manifestação do hedonismo tribal. Vivemos em um mundo que favorece a “estilística do vínculo”. E segundo o autor, a aparência “é vetor de agregação. [...] a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é, também, um meio de reconhecer-se” (1998, 108).

A busca pelo elixir dos deuses, a juventude eterna, ou pelo menos o máximo que se possa estender dessa jovialidade está presente por toda a cidade. Vivemos no mundo do jovem, onde os estilos de vida apontam para essa jovialidade que mostramos aqui estar presente cotidianamente na cidade. A cidade, segundo Canevacci, é:

...caracterizada por culturas fragmentadas, híbridas e transculturais, consumo panoramático, comunicações mass-midiáticas – afirma-se uma dilatação do conceito

⁴³ Sinônimo para: Noite, festa, boate.

⁴⁴ Segundo as ratas, pegação é uma forma de expressão que remeteria a ficar com várias pessoas em um mesmo dia e lugar, sem que haja um julgamento de valor moral.

de jovem, virando do avesso as categorias que fixavam faixas etárias definidas e claras passagens geracionais. (2005, p.28)

Na cidade contemporânea o conceito de juventude está relacionado ao comportamento mediante o consumo imaterial da cultura fragmentada na qual o sujeito está imerso. Na contemporaneidade, em todos os lugares e em todos os momentos, o jovem se torna destaque e é o chamariz para os olhos atentos: os olhos do outro. No mobiliário urbano de divulgação da exposição das obras de Eliseu Visconti⁴⁵, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, a obra escolhida foi o quadro Gioventù. Pintura alegórica que representa a “juventude” em um corpo feminino. O corpo jovem, belo e sadio é a mercadoria de nosso tempo, o produto não é o que se compra ou vende, não está na comercialização, mas no desejo, na necessidade de se querer belo. A mercadoria está no próprio corpo como símbolo de um estilo de vida, de uma sensibilidade que remete ao sentir-se membro, acolhido e pertencente a um grupo. Assim, “sob o pretexto de se prender ao fundo das coisas, negligencia-se a forma, esquecendo que é justamente a forma que melhor expressa o ‘fundo’ do estar-junto” (MAFFESOLI, 1995, p.60).

Recorremos a Giddens para problematizar o conceito de estilo de vida que para o autor seria, “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade”.(2002, p.79). Assim, o autor afirma o estilo de vida como um desejo de ser visto e reconhecido, uma forma que o sujeito encontra para se colocar no mundo. O estilo de vida é o consumo material e imaterial dos fragmentos culturais que os atores sociais da contemporaneidade introduzem a si por identificação, reconhecimento nos outros, nos lugares de ambiência afetiva e que está ligado ao âmbito do sensível.

Ultrapassamos, praticamente, a ideia de humano com a acelerada criação de próteses de todas as ordens: cremes, remédios, pílulas, lentes, porcelanas, metais, vidros, que já são usados faz tempo, e cada vez mais, são desenvolvidos para o bem estar, comodidade e felicidade. Porém alguns autores nos apontam para um futuro inglório e que nunca alcançaremos tal felicidade, que para Lipovetsky seria: “...toda uma sociedade se mobiliza em torno do projeto de arranjar um cotidiano confortável e fácil, sinônimo de felicidade. Celebrando com ênfase o conforto material e o equipamento moderno dos lares” (2007, p.35).

⁴⁵ A exposição de Eliseu Visconti no MNBA, na cidade do Rio de Janeiro, no período de 4 de abril a 24 de junho de 2012.

O autor nos apresenta a sociedade do hiperconsumo de maneira pouco otimista, onde “além da rápida elevação do nível de vida médio: a ambiência de estimulação dos desejos, a euforia publicitária, a imagem luxuriante das férias, a sexualidade dos signos e dos corpos” estão na ordem do superlativo (idem). Essa exuberância descrita por Lipovetsky apenas promete uma felicidade que nunca será alcançada. Porém compartilhamos com Maffesoli a ideia de que: “a busca de uma felicidade egoísta é uma preocupação moderna, mais precisamente uma ocupação da civilização burguesa que está acabando. O que se está desenhado, na cultura nascente, é a emergência da felicidade compartilhada, tribal” (1995, p. 61).

Podemos constatar que são vários os produtos que fazem os corpos se reconhecerem mutuamente, compartilhando a imaterialidade do consumo. Esses produtos ambientam o corpo ao sujeito que se quer reconhecido e esse, por sua vez, passa a se legitimar em determinado grupo. Os produtos são diversos e vão das ideias até os remédios caseiros. Ideias são compartilhadas na frente de um espelho de academia de ginástica ou na compra de pílulas emagrecedoras. Para Maffesoli, “as diversas modulações da aparência (moda, espetáculo político, teatralidade, publicidade, televisão) formam um conjunto significativo, um conjunto que, enquanto tal, exprime bem uma dada sociedade” (2000, p.126-127). O conceito de beleza vai se transformando com o passar do tempo, se pluralizando em sentidos e assim os corpos ganham diversas formas dependendo do grupo que se frequenta. No burguesismo moderno apreciamos uma tentativa de padronização dos corpos, porém lembramos que vivemos hoje em uma sociedade plural, de estéticas diversas na mesma cidade. Os sujeitos não seguem um único padrão de beleza, mesmo que haja destaque para alguns desses modelos.

Em *Da Sedução* Baudrillard fala do corpo como um “modelo sexual e produtivo”, um corpo que “imaginamos hoje como santuário do desejo e do inconsciente da energia física e da pulsão” (2008, p. 48). O corpo é um meio para se comunicar a vontade, o sexo, o gozo. Corpo que fala através de seus músculos, conta suas histórias pela sua plasticidade. Corpo que quer se enquadrar, que quer ser reconhecido pelos outros corpos, comungar de uma aparência, compartilhar ambiências, sensibilizar-se em afeto e explodir em prazer. Corpos em sedução. Lembramos que a sedução não se define, não se deixa aprisionar e não se reduz aos jogos do erótico.

3.3 A sensibilidade corporal: o corpo comunicante

Na Candelária, os corpos quase desnudos circulam, se deslocam pelas ruas, adornam as vielas com suas formas arredondadas. As curvas protuberantes das mulheres do morro deixam à mostra marcas de desejo e de sedução. Os ratos caminham arrastando suas sandálias, gingando de forma cadenciada, com ares de indiferença ao que passa ao seu redor. Mas isso é o fundo das aparências, pois os ratos não são indiferentes a nada e nada passa despercebido. Estão atentos às informações que circulam pelas ruelas do morro e pelas avenidas da cidade.

A sedução é uma construção a partir do que se deseja: “é aquilo que desloca o sentido do discurso e o desvia de sua verdade” (Baudrillard, 2008, p. 61). Não falamos de mentiras ou verdades, mas podemos sentir que existe uma parte de mistério na sedução. A sedução é o que se quer, e o que se quer do corpo é seu prazer máximo. “Seduzir é morrer como realidade, é produzir-se como engano. É ser presa de seu próprio engano e mover-se num mundo encantado” (idem, p.80). É uma estratégia que leva ao engano, confundindo a realidade e a reconstruindo através dos artifícios dos encantos.

O corpo mangueirense não é homogêneo, apolíneo e não apresenta um padrão determinado, tão pouco há um modelo que se quer determinante. Circulando pela comunidade podemos nos deslumbrar com a heterogeneidade dos corpos. Exibem-se corpos realmente distintos: magros, gordos, gostosos, fartos ou robustos. Há os negros, os brancos, os de cor de chocolate. Há os cabeludos, os depilados e os aloirados, há também os tatuados e os perfurados nas línguas, nos narizes, nas orelhas, nos umbigos. Há os corpos com celulite, estrias e com as pancinhas que sobram e se penduram sobre os mini shorts. Está sempre presente o exagero do short mínimo. Há corpos quase que escondidos em burcas, como os das “irmãs” evangélicas e há, também, os quase em pêlo, como das garotas que se bronzeiam nas lajes. Há corpos para todos os gostos, para todos os desejos, corpos suados, gordos ou sarados.

O corpo comunitário implica uma vivência do corpo singular como não separado, não isolado das coisas e dos outros corpos. [...] A singularidade do “indivíduo” não é a de um eu com corpo distinto – com seus órgãos, a sua pele, a sua efectividade, os seus pensamentos separados do resto da comunidade – mas sim a de um corpo em comunicação com toda a natureza e toda cultura e tanto mais singular que se deixa atravessar pelo maior número de forças sociais e naturais. (Gil, 1997, p.58)

Os espaços da Candelária ao serem apropriados contribuem para a construção de histórias comunitárias que se compartilham, ambientam e ressignificam a dinâmica das relações dos sujeitos e de seus corpos. Corpos que demarcam os territórios pelo exercício do poder (Saquet, 2011, p. 27). O poder é territorializado pelos corpos que vivem os lugares com sensibilidade produzindo os gozos e os prazeres da vida cotidiana. Aqui vale a pena lembrar da história do beco do Juarez: “nesse beco muita criança foi feita nos anos 80”, diz Kely⁴⁶, moradora da Candelária. O beco do Juarez é um lugar extremamente estreito, apertado, pois temos de um dos lados as casas e do outro um muro chapiscado onde os casais se encontram à noite para namorar em pé. E segundo Laionel⁴⁷: “Dependendo da hora... tem até fila.”

Milton Santos afirma que o lugar está no campo da banalidade, trata-se de uma integração solidária, onde se vivência o cotidiano, e os gostos são compartilhados (2005, p.109-110). Os espaços são apropriados e neles são demarcadas espécies de fronteiras invisíveis e simbólicas, capazes de delimitar através dos usos as múltiplas territorialidades. Os vários usos do espaço, por diferentes grupos sociais, são um sistema de negociação, compartilhados - isso acontece porque os espaços são apropriados por interesses diversos e, assim, as performances cotidianas podem ser territorializadas temporariamente. Para Certeau: “O que torna a cidade habitável não é tanto sua transparência utilitária e tecnocrática, mas antes a opaca ambivalência de suas estranhezas” (1996-b, p. 191). São essas “estranhezas” que demarcam os usos e as diferentes formas de apropriação dos espaços da cidade, uma territorialização do sensível.

As territorialidades, na comunidade da Candelária, são construídas e reconstruídas pelas ressignificações que os espaços sofrem com o tempo. Os corpos ocupam os becos em busca de prazer e gozo - uma apropriação e um uso de um espaço dentro da comunidade. Citamos anteriormente o conhecido Beco do Juarez⁴⁸, que muito antes dos ratos, já era apropriado para usos noturnos, que fizeram e, ainda, fazem dele um *point*⁴⁹ para o prazer sexual, perpassando gerações. O beco é um lugar com seu próprio “espírito”, se torna um ator,

⁴⁶ Kely é moradora da Candelária e líder comunitária. Entrevista concedida em: 23/03/2012.

⁴⁷ Entrevista concedida em: 07/07/2012. Local: No bar do Seu Fusquinha.

⁴⁸ O Beco do Juarez, como o nome já diz é um beco, uma rua pequena, estreita e sem saída. É assim conhecido, porque lá mora o Juarez, um personagem da comunidade da Candelária. O beco foi “batizado” com o seu nome, pois o Juarez se incomodava com o uso que os jovens faziam do beco durante a noite e vez por outra colocava todo mundo para correr. (Kely Louzada, entrevista concedida em 19 de fevereiro de 2012).

⁴⁹ Local, lugar de sociabilidade, ponto de encontro.

e portanto, ajuda a contar a história da Candelária. Esses lugares, segundo Certeau, “têm papéis de atores na cidade não por causa do que fazem ou do que dizem, mas porque sua estranheza é muda e sua existência subtraída da atualidade. Seu retiro faz falar – gera relatos – e ‘autoriza’, por sua ambigüidade, espaços de operações” (1996-b, p.193).

Nas caladas, ou melhor, nas faladas noites de amor, em meio ao breu, corpos se roçam, se despem e se enraízam de forma dinâmica nas representações lúdicas em um lugar de sociabilidade e gozo. No imaginário local, ou melhor, no senso comum da comunidade, o Beco do Juarez é assim conhecido, pois foi incorporado a ele uma ambiência de um tipo específico de relação social. Segundo Maffesoli, essa relação social invade o senso comum do tempo presente e configura uma ponte entre passado e futuro. O autor conceitua essa relação dos tempos como “enraizamento dinâmico”, que seria uma forma de “... pensamento orgânico [...] esse saber incorporado que, de geração em geração, vai constituir um substrato que assegura a perduração societal” (Maffesoli, 1998, p.164-165). É esse senso comum que enraíza as relações sociais e toda sua dinâmica em diferentes momentos históricos.

O “enraizamento dinâmico” é um processo que não vê o tempo, é estático ao mesmo tempo em que é dinâmico, fica *in loco* e ainda assim em movimento. É um desenvolvimento, uma transformação que integra o social e o natural (Idem, p. 114). Na Candelária, tal enraizamento está no sentimento de pertencimento, uma fixidez ao lugar onde se nasceu, onde se mora, onde se constrói amizades e se constitui família. No morro a representação é de comunidade, laço, família, lugar de vivência e ambiente que remete a casa e ao lar. É onde o corpo encontra descanso, acolhimento e, por vezes, agitação.

As relações sociais comunitárias estão nas conversas entre portões das casas, que coladas umas às outras quase não se sabe onde uma começa e onde a outra termina. A comunhão entre as pessoas se solidifica no bate-papo das calçadas, nas conversas jogadas fora em forma de fofocas, e entre os amigos que passam e gritam ensurdecendo a todos. A sociabilidade na favela está no âmbito do próximo, do muito próximo. A todo instante há o contato tátil, uma troca de carícias, uma aproximação afetiva, muitos beijos e muitos abraços. O corpo é um instrumento de sociabilidade, de aproximação e de demonstração de afeto e carinho, o corpo em comunicação. Ele troca, a todo instante, através do toque, de suores e de humores. A transpiração é compartilhada sem que haja uma cerimônia para com o desconforto. O corpo é um instrumento de comunicação da sensibilidade, ele está na experiência do sensível e do íntimo.

Corpos em movimento, em transformação, em transpiração, corpos comunicantes que se impõem e que demarcam e marcam sua posição, seu lugar no mundo. O corpo na favela talvez seja o maior meio de comunicação. São todos esses corpos, corpos sujeitos, corpos atores de seus cenários, que ambientam os espaços e fazem da Candelária uma comunidade, um lugar de afeto, uma paisagem para várias vidas.

Na apresentação de *Nu e Vestido*, Mirian Goldenberg faz uma referência à “mulher carioca” que, segundo a autora, “encarna melhor do que ninguém, o ‘espírito’ da cidade: corpo seminu, praia, sol, carnaval, festa, juventude, liberdade, sexualidade, alegria, irreverência, descontração, humor, informalidade, criatividade, hedonismo” (2007, p. 8). O Rio de Janeiro dita as tendências; suas mulheres são a representação da alma feminina brasileira e seus corpos são o símbolo do imaginário fetichista do país.

As ratas, mas não só elas, os ratos também, têm atitude, domínio de seus corpos hedônicos que, de forma exuberante, desfilam em meio à comunidade e, assim, perpassam as representações da “mulher carioca”. Usam da criatividade, de táticas e de brechas para se posicionar no mundo, fazer valer suas vozes, suas vontades e seus desejos. Os ratos reconstroem suas próprias representações pelos seus corpos, pelas apropriações dos espaços da cidade; os ratos se hibridizam, para cada momento há uma novo eu, há uma nova forma de ser e estar no mundo, uma forma rato.

Segundo Bárbara⁵⁰, moradora do morro: “a rata é a mulher carioca sem medo de viver”. Christiane⁵¹, também moradora da Candelária, completa: “Acho que as ratas representam muito bem o espírito carioca [...] mas temos um borogodó que é só nosso, uma mistura de asfalto com favela”. O “borogodó”, a que Christiane se refere seria a facilidade de circulação que essas jovens têm dentro da cidade, uma vontade de aprender, de ter e de dominar códigos que circulam pela metrópole comunicacional (Canevacci, 2004). Uma criatividade pulsante que propicia a esses jovens uma ressignificação das várias formas de comunicação: corpo, linguagem, as várias redes sociais do universo digital e claro, a moda - conceito que será tratado a partir dos olhos desses jovens, a moda como uma possibilidade a ser trabalhada e ressignificada.

⁵⁰ Entrevista concedida em: 20/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

⁵¹ Entrevista concedida em: 12/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

3.4 “Ramigos”: consumo, adorno e performance

Morro da Mangueira, Candelária, para sermos mais precisos, Avenida Neves, nº 4. Esse é o endereço do Bazar da ONG Meninas e Mulheres do Morro - MMM. Lugar de apropriação e de resignificação do consumo da moda. O bazar é uma das fontes de renda da MMM - nele são vendidas roupas, calçados e acessórios a partir de doações vindas de uma grande rede de lojas com filiais no Norte Shopping, Ilha Plaza e Rua do Ouvidor⁵². A mercadoria, em geral, apresenta alguns defeitos que são customizados pelas próprias ratas ou pelas jovens que fazem parte da oficina de customização da ONG. Essa parceria sólida com a grande cadeia de lojas existe desde 2006 e foi fundamental para a manutenção da MMM, que nesse período só contava com as vendas do Bazar como fonte de renda⁵³.

No Bazar chegam as mercadorias e junto com elas os conceitos de moda. É neste lugar que esses conceitos perdem suas características primárias para serem resignificadas ao gosto do morro. Quando falamos em gosto do morro excluimos os ratos. Para eles o morro tem um jeito próprio de se vestir, diferente do deles. “Não somos ‘morraicas’!”, exclama Christiane ao buscar se diferenciar das outras jovens moradoras do morro que não são ratas. Christiane acredita que a forma como as “ramigas” se vestem se diferencia por estilo, que segundo ela é próprio das ratas⁵⁴. Já Mariane, para se diferenciar das outras e se referindo às “morraicas” disse: “não somos vulgares, temos classe”⁵⁵. Segundo Burke:

Nos primórdios da Idade Moderna, um conceito fundamental era “magnificência”,⁵⁶ termo que resume nitidamente a conversão de riqueza em *status*⁵⁷ e poder. Todos os escritores de ficção estavam cientes da importância dos símbolos de *status*, em especial as roupas. A “literatura picaresca” espanhola dos séculos XVI e XVII concentra-se nas tentativas do herói (de fato, um malandro ou pícaro) de se passar por nobre, utilizando-se precisamente desses meios. (BURKE, 2012, p. 108)

⁵² A rede de lojas referida é a C&A, e as lojas citadas são as que fazem as doações a ONG Meninas e Mulheres do Morro.

⁵³ Pagamento dos funcionários, e nesse caso alguns ratos e ratas, o lanche das crianças assistidas pela ONG e para a compra de todos os tipos de materiais necessários para o andamento das atividades da MMM.

⁵⁴ Entrevista concedida em 18/11/2011. Entrevista online (talk – Facebook).

⁵⁵ Entrevista concedida em 20/11/2011. Entrevista online (talk – Facebook).

⁵⁶ Destacado no original.

⁵⁷ Idem.

Serão os ratos malandros, pícaros ou teriam eles estilos de vida diferentes dos “morraicos”? O consumo da imaterialidade pode ser a busca por uma identificação em meio a um determinado grupo.

As ratas, enquanto trabalham no Bazar MMM, têm direito a uma cota de aquisição, uma forma de benefício salarial pró-moda. O garimpo da moda funciona da seguinte forma: as lojas parceiras enviam a mercadoria e antes que sejam dispostas no Bazar as ratas abrem as caixas de roupas, calçados e acessórios e escolhem o que desejam, mas nem sempre é possível levar tudo. A coordenadora da ONG/Bazar, Kelly, diz o que poderá ou não ser levado. Segundo Christiane: “separávamos o que é do nosso agrado e mostrávamos para Kelly e ela liberava ou não, mas aí insistíamos muito e ela sempre deixava levar, mas nada que excedesse muito o limite”⁵⁸.

Consumidoras atentas, as ratas buscam inspiração para montarem seus guarda-roupas na internet. “No Facebook existem várias páginas com tendências de moda, sapatos e até mesmo páginas das marcas que gostamos”⁵⁹, explica Bárbara. Costumam visitar *blogs* de moda e os *sites* das lojas que frequentam no Norte Shopping e no Shopping Nova América, localizados na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Bárbara, as lojas em que gostam de comprar ou se inspirar são: “C&A, South, Mahamantra, Banco de Areia, Planet Girls, My Place, Loja Mari, Mercatto, Sonho dos pés, Andarella, Melissa, Pontapé, XPTO, Myth, Opção e muitas outras”⁶⁰. As compras podem ser à vista, mas, segundo Bárbara, quando “a grana tá pouca, usamos cartão [...] pode ser o meu, que é da C&A, ou então o da Chris, que é Visa, ou de outra amiga nossa, chamada Maíra”⁶¹.

As “ramigas” costumam comprar, também, dentro da própria Candelária, “todas nós somos viciadas nas roupas da Absoluta, a loja da Jandira”⁶². Compramos roupas e calçados em geral. Cada uma tem uma conta e cada roupa que compramos ela anota e vamos pagando por mês”⁶³ disse Christiane. Jandira anota as compras em uma ficha que está sempre recebendo

⁵⁸ Entrevista concedida em: 05/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

⁵⁹ Entrevista concedida em: 05/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

⁶⁰ Entrevista concedida em: 05/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

⁶¹ Entrevista concedida em: 05/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

⁶² Jandira é moradora da Candelária e tem dentro da comunidade uma pequena loja de roupas e acessórios.

⁶³ Entrevista concedida em: 05/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook).

novas anotações. As ratas são uma clientela certa e com o pagamento mensal em dia estão sempre com crédito para novas compras, assim, mantêm, com a dona da loja, uma relação de confiança.

Bárbara diz: “Procuramos estar sempre muito bem vestidas, mesmo que seja pra ir à padaria e não gostamos muito de repetir roupas, como toda mulher”⁶⁴. Ainda segundo Bárbara, as “ramigas” compartilham as roupas, pegam emprestado as roupas umas das outras, além de sapatos, sandálias, maquiagem, brincos, pulseiras e tudo mais que possa adornar seus corpos. A rata tem que estar bem vestida, em qualquer momento do dia e em qualquer situação, afinal, nunca se sabe que caminho a vida vai levar. “Em algumas oportunidades é essencial estar bem produzida, saltão, bem maquiada, ajuda a realçar a beleza e chamar muito mais atenção. Nem rola da gente colocar uma havaiana, blusa básica [...], nós nos vestimos assim pra ficar em casa, pra ir à padaria rapidinho” – afirma Bárbara. A produção é fundamental para autoestima, assim, não deixam passar as oportunidades, muito menos deixariam passar um “gatinho” a ser devorado pelas ratas.

Os ratos, por outro lado, usam a sua vaidade para recriar em seus próprios corpos, adornos, próteses moveis ou fixas. Constrói-se uma estética, em uma comunhão ética. O corpo estetizado pelos cabelos, pelas tatuagens e pelas roupas, ajudam a montar os personagens e, claro, reconfigurar as paisagens. As formas de apropriação dos espaços pelo domínio desses corpos comunicacionais, demarcam os usos a partir das ações empregadas no cotidiano. Os sujeitos ressignificam as paisagens pela territorialização temporárias. O campo de futebol da Candelária é um espaço reinventado pelos que por ali passam. As ambiências que a ele são atribuídas configuram diferentes representações, funda-se distintos lugares de afeto.

Em uma manhã de sábado “Ratas e amigas X Ratos bibas e outras bibas”. O campo de futebol da Candelária recebe, vez por outra, uma inusitada partida de futebol, uma partida imersa em hilários lances.

Futebol? Esse não é o verdadeiro jogo, tudo vira uma grande encenação. As grades, que circunscrevem o campo, ficam cheias de torcedores, que gritam a cada lance e riem a cada chute. As crianças se divertem assistindo do alto das lajes a partida, gritam aos jogadores as jogas que eles devem fazer. Afinal, “todo brasileiro é um pouco técnico de futebol”. Os amigos que assistem incentivam a correria, e os maus tratos sofridos pela bola.

⁶⁴ Entrevista concedida em: 26/04/2012. Entrevista online (talk – Facebook)

As bibas, ratos ou não, estão todas “montadas”⁶⁵ – em maquiagem, coletes rosas, mini shorts, meias coloridas e algo que lembram chuteiras. Eles roubam a cena, quando perdem a disputa de bola abraçam as ratas, as beijam e as jogam no chão, impedindo a continuidade do lance, “a regra aqui não é clara”⁶⁶, o árbitro também é abraçado e beijado. Quando fazem gol dançam rebolando, fazem acrobacias a modo Daiane dos Santos, finalizando os saltos com os braços estendidos e corpo empinado, o campo de futebol é um palco, e a partida é um roteiro livre.

No tempo normal o jogo termina empatado 6 x 6, o desempate é nos pênaltis e as bibas vencem. As meninas não ficam tristes com a derrota, mas querem revanche. Depois do jogo, muita cerveja, churrasco e pagode no bar da Tia Elma.

As relações de sociabilidade, a partir das ações na busca de comemorar a vida, ajudam na manutenção dos laços de amizade. Para Simmel, “a sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal: nela a alegria do indivíduo está totalmente ligada a felicidade dos outros” (2006, p. 69). Eventos como esse são comuns na comunidade, todo momento pode ser festivo. “A gente chama uns amigos pra uma cerveja... aí aparece outro e outro... quando vê virou festa” – Mariana⁶⁷

3.5 Espelho, espelho meu, existe alguém mais rata do que eu?

É dia de festa, Mariane completa 17 anos e as “ramigas” decidem comemorar. Cerveja, churrasco, muita música e amigos não podem faltar à comemoração. Antes mesmo da festa, existe todo um ritual e esse ritual é intensamente compartilhado entre as ratas. Christiane, Mariane e Bárbara se reúnem na casa das duas últimas⁶⁸ para o embelezamento, uma cerimônia ritualista desorganizada, mas que já detém tradição entre elas.

⁶⁵ Expressão usada por eles para dizer que estão usando roupas extravagantes.

⁶⁶ “A regra é clara” é um bordão usado por um comentaristas de futebol, para descrever qual deve ser a posição do árbitro/juiz em um determinado lance.

⁶⁷ Entrevista concedida em 17/10/2012. Local: Escadas do morro.

⁶⁸ Mariane e Bárbara são primas e moram com a avó.

A casa se divide em três andares, mas nos deteremos ao segundo, onde ficam os quartos e o banheiro das ratas. O segundo andar da casa é dividido em quatro cômodos, que são três quartos e um banheiro. A escada caracol que nos leva ao segundo andar tem seu fim dentro de um dos quartos e fica de frente para o banheiro - para a direita está o segundo quarto e em seguida o último cômodo desse pavimento da casa. Todos os quartos têm suas paredes pintadas de rosa e borboletas de plástico multicoloridas enfeitam as paredes. Os primeiros dois quartos e o banheiro são os palcos das cenas que serão descritas a seguir.

Ao som de Rihanna⁶⁹, *Only Girl (in the Word)*⁷⁰, as meninas ritualizam o embelezamento para a festa. Desejando cada qual ser a “última garota do mundo”, os preparativos começam e os corpos vão ganhando novas formas, novos cheiros e novas cores.

As três ratas dividem o espaço dos quartos enquanto Rihanna canta: “*Like I’m the only one that’s in command*”⁷¹. Vestidos, shorts, blusas, sapatos, sandálias, pulseiras, brincos e colares vão sendo espalhados pelas camas. Os armários abrem e fecham a todo instante, entra roupa sai sapato, tira-se uma toalha de banho, coloca-se uma sandália para dentro. Os movimentos são rápidos, pois a festa está para começar.

O telefone não para de tocar. Mariane atende, trata-se de uma amiga desejando felicidades, mas diz que não poderá comparecer à festa, a cara de decepção da aniversariante é inevitável, tenta argumentar, reclama, lamenta, mas não para o ritual, com o telefone preso entre o ombro e o rosto ela estica na cama o vestido que pretende usar na festa. Abre o armário, senta no chão e procura o sapato que vai usar, retira entre tantas outras uma sandália de salto alto cor de rosa de presilha dourada. “*You’ll my prisoner for the night*”⁷². Enquanto isso, Christiane já está no banho e participa da conversa que “rola” do lado de fora do banheiro.

Bárbara, sentada na cadeira da mesa do computador, posta fotos no Facebook⁷³, conversa com amigos que estão se arrumando para ir à festa e é uma espécie de DJ do quarto,

⁶⁹ Rihanna é uma cantora de Barbados que faz sucesso internacional. É ganhadora de cinco Grammy, um dos prêmios mais importantes da música mundial.

⁷⁰ *Only Girl (in the Word)*, é uma das canções do álbum *Loud* de Rihanna, lançado em 2010 pela gravadora Def Jam.

⁷¹ Tradução do autor: “Como se eu fosse a única no comando”.

⁷² Tradução do autor: “Será meu prisioneiro da noite”.

⁷³ A rede social está em alta na comunidade; todas as ratas têm seu perfil e diariamente postam, compartilham e fazem comentários para centenas de amigos que cada uma tem em suas redes de relacionamento.

é ela que seleciona as músicas que estão tocando. É por sua escolha que todos passam a estar na pista de dança de Jennifer Lopez⁷⁴: “*Let me introduce you, To my party people [...] Break a sweat on the floor. Yeah, we work on the floor*”⁷⁵.

Mariane desliga o telefone celular, coloca o ferro de passar para esquentar, espera alguns segundos e começa a passar o vestido branco que escolheu para usar em sua festa. Bárbara já está com a toalha no ombro esperando sua vez de entrar no banho, volta ao computador e troca a música, Rihanna canta “*La la la la [...] I want you love me, like I’m a hot ride*”⁷⁶. Mariane não é um exemplo de passadeira, mas como a música diz: *Want you to take it like a thief in the night, Hold me like a pillow, make me feel right*⁷⁷. Desamarrotar para quê? O que a rata quer é ser amarrotada e se sentir bem.

O telefone volta a tocar e Mariane atende: é Tamara. Segundo Bárbara, a amiga é uma rata aposentada, mas que quer voltar à “ativa”, ou seja, Tamara quer voltar a ser rata. O telefonema de Tamara é para saber se elas estão prontas, Mariane passa o telefone para Bárbara, que responde: “Ainda nem tomei banho”. Christiane grita algo do banheiro, sobre passarem a roupa dela, a resposta de Mariane é rápida: “Tá bom, bonita... vai sonhando”.

Pulseiras e mais pulseiras são postas na cama, Mariane experimenta, coloca uma, duas, três, várias pulseiras nos dois pulsos. Brincos se espalham sobre a colcha de flores cor de rosa. Mariane é rápida em suas escolhas, determinada, escolhe os acessórios sem muito pensar, ou já havia feito com antecedência. Coloca no pulso o que é de pulso e nas orelhas o que é para as orelhas. Olha no espelho, a checagem é rápida, ficou do gosto, está quase pronta.

No banheiro e já de banho tomado, Christiane passa creme hidratante Victoria Secret Love Speel⁷⁸, pelo corpo, nos braços e nas pernas, deixando sua tez morena hidratada e com a maciez que gosta de sentir em sua própria pele. Nos cabelos uma mão de Elsève Hidra-Max

⁷⁴ Jennifer Lopez, também conhecida como J.Lo, é cantora atriz, compositora dentre outras atividades.

⁷⁵ Deixa-me apresentar vocês pro meu pessoal que curte festa [...] Mande ver na pista de dança. Yeah, a gente arrasa na pista.

⁷⁶ Tradução do autor: “La La La La [...] Quero que você me ame, como se eu fosse um passeio gostoso”.

⁷⁷ Tradução do autor: “Quero que você me leve como um ladrão na noite. Me abrace como um travesseiro, faça eu me sentir bem”

⁷⁸ Segundo Christiane, os produtos Victória Secret são adquiridos através de uma amiga da faculdade que os revende no intervalo das aulas.

Flexum com “dois níveis de hidratação e cachos perfeitamente domados e flexíveis”⁷⁹. Os lábios, desejosos de carícias e beijos, são cuidados com a linha “Lotta Colada da Victória Secret”, *gloss* para dar brilho aos lábios carnudos.

Christiane sai do banheiro que é rapidamente ocupado por Bárbara que deixou sua *playlist* no aleatório. Christiane vai em direção a cama para passar sua roupa, enquanto isso, Mariane coloca os últimos acessórios.

Entre colocar brincos e pulseiras Mariane e Christiane comem uma *Pringles*⁸⁰, sabor original, que está sobre a cama. As jovens ratas começam a entrar no ritmo de festa e ensaiam passos de dança ao ouvirem: “*I don't know what to do! (I can probably say)*”⁸¹. Bárbara termina o banho e se junta as outras duas ratas para os últimos ajustes: a maquiagem.

Retirado da parede do banheiro e encostado na janela do quarto, o espelho é compartilhado. As ramigas dão os últimos retoques, cada qual buscando um espaço para seu próprio reflexo no espelho. O processo da maquiagem é minucioso: sombra, rimel, lápis e por fim o batom, mas entre a passada de sombra e o batom elas cantam junto com o grupo Revelação: “Lamento em te dizer, que o sonho acabou sozinho. E vê se aprende a viver, bem longe do meu caminho”⁸², entre cada repetição da palavra “chora” do refrão elas cantam de forma intensa: “Chora Vagabundo!”, provavelmente exorcizando antigos amores.

Estando de banho tomado, arrumadas e maquiadas, as ratas se sentem prontas para a festa e é para lá que vão, para o bar da Elma⁸³, onde será a comemoração. Esse bar fica localizado na entrada da Candelária, na Rua Visconde de Niterói, e é nele que ocorrem a maior parte das comemorações das “ramigos”. Se vai ter festa dos ratos no morro é no Bar da Elma.

Aqui veremos uma breve descrição do ambiente, onde será realizada a festa.

Tia Elma além de mãe de uma das ratas, Christiane, é a dona do bar, ela atende, serve e prepara tudo o que é consumido pelos clientes. Em um primeiro momento com uma cara de

⁷⁹ <http://www.loreal-paris.com.br/cuidados-com-o-cabelo/mulheres/elseve-hydra-max-flexium.aspx>

⁸⁰ A *Pringles* é um aperitivo salgado a base de batata, gordura e farinha e é comercializado pela empresa Kellogg.

⁸¹ Tradução do autor: Eu não sei o que fazer! (Eu provavelmente posso dizer) – *I don't know what to do*, de Tiko's Groove, música que fez sucesso na novela da Rede Globo de televisão, “Insensato Coração”.

⁸² Música de Reinaldo, intitulada: Agora viu que me perdeu e chora.

⁸³ Elma é a dona do bar e mãe de Christiane.

desconfiada, nunca com um primeiro sorriso, o primeiro olhar é sempre sério, pouco sereno, de difícil compreensão. Mas isso é só o primeiro momento, talvez o segundo também, mas o que é certo que uma hora passa, e ela irá sorrir para o cliente e para a vida.

Na hora do almoço, sempre tem muito feijão, arroz, farofa, bife e batata frita, ou o tradicional mocotó, muito bem temperado com, cebola tomate, alho, coentro, hortelã, folha de louro, pimenta e o que mais tiver. Prato pesado deixa qualquer um com eterna preguiça, e o resto do dia perdido em bocejos.

O bar está com os tijolos aparentes no teto e suas paredes estão descascadas. É uma estética própria. As prateleiras, cada uma com cor e tamanho diferente, em aparente reaproveitamento, usadas para guardar as panelas e as várias garrafas de cachaça.

No fundo do bar, no lado esquerdo, está o fogão que Elma cozinha, próximo a um vasculhaste bastante engordurado, que funciona como uma clarabóia e como exaustor, espalhando os cheiros da culinária pelas ruas do morro e avisando que o almoço está pronto. Já do lado esquerdo, lá no fundo, uma porta verde, com alguns restos de papel colado, informando que o banheiro está com defeito. O aviso é eterno, e é dirigido para que os não assíduos nem cogitem o uso. Mas é verdade que, vez por outra, o defeito existe. Próximos a porta do banheiro estão os engradados de cerveja e uma pilha de cadeiras de plástico, azuis e amarelas, o que deixa o apertado corredor ainda mais apertado.

Na entrada do bar um refrigerador vitrine grande, retangular e inferrujado, nele estão exposto copos de energético, dos sabores limão, laranja, açaí e o tradicional guaraná. Há, também, pacotes de macarrão instantâneo e de *Cream cracker*, sendo vendidos por dois reais. Esse refrigerador tem, também, a função de balcão. Sobre ele estão os potes de doce de leite, doce de amendoim e doce de abóbora e uma pequena vitrine de cigarros, que ainda funciona como achados e perdidos, sempre tendo documentos (carteira de identidade e CPF) esquecidos ou perdidos no bar e ou pelos cantos da comunidade. Documentos que como quadros, já fazendo parte da decoração. Ao lado do balcão, vitrine, refrigerador tem uma *Junk Box*, que está sempre tocando no volume mais alto, os antigos e os mais novos sambas. Atrás do balcão, vitrine, refrigerador, estão as geladeiras, com os litrões – hoje o tipo de garrafa de cerveja mais vendido no bar da Tia Elma.

É nesse ambiente, que pode aparentar não muito agradável em um primeiro momento, que os ratos e tantos outros moradores da comunidade se reúnem em para os bate-papos, paras as reuniões entre amigos do cotidiano, e claro, para os momentos festivos.

Voltando para o aniversário de Mariane.

Festa na comunidade não pode faltar, cerveja, churrasco e muito funk carioca e assim se desenrola até a madrugada. “É o combate da novinha com o moleque da favela”⁸⁴. “Quebrando tudo”⁸⁵ e indo até o “chão”⁸⁶, Mariane dança com suas amigas, ratas ou não. Os corpos transpiram, se esfregam, as mãos vão ao joelho enquanto os vestidos vão subindo e as calcinhas vão aparecendo. Elas cantam: “Vou descendo até o chão [...] chão, chão, chão, chão, chão [...] vou descendo até o chão [...] mão no peitinho, mão na boca, mão no peitinho...”⁸⁷. Bárbara faz a coreografia enquanto bebe sua cerveja em um copo de 700 ml roxo de uma promoção da lanchonete Bob’s⁸⁸, os amigos nunca deixam o copo esvaziar. Bárbara não para de dançar, os olhares sexualizam a cena junto à coreografia, as mãos vão ao peito e esfregam o bico do seio, sobem até os lábios umedecendo os dedos. A performance e os gestos mudam as cenas, redesenham a paisagem.

O gesto pontua a animação das ruas [...]. O gestual está aí para lembrar que a teatralidade é o denominador comum das situações da totalidade da existência. [...] O exemplo da sedução é sintomático, pois mostra como o campo dos afetos, que se poderia qualificar de sério, isento de farsa, livre de toda mácula, é, de fato, um lugar de expressão da concretude do jogo, da brincadeira e do rito. [...] Um gesto, dissemos, basta-se a si mesmo, realiza-se em si mesmo, esgota-se na sua atualização. É efêmero e insignificante como uma brincadeira, mas contém igualmente toda uma gravidade. (MAFFESOLI, 2009, p 53)

A festa não para, amigos e mais amigos vão chegando, enquanto a carne vai sendo “queimada”. Vodka, tequila e muita cerveja trazem Baco⁸⁹ à terra. O antigo deus da mitologia ajuda a manter a festa por muito tempo e com seu elixir da felicidade, o álcool, a animação está garantida por toda a noite. Maffesoli diz que os jovens pós-modernos são a própria representação de Dionísio. “Aflora o mito do puer aeternus. Essa ‘criança eterna’ que é

⁸⁴ Música: “Combate da novinha” do Mc Poiaka.

⁸⁵ Gíria utilizada para momento de diversão e dança.

⁸⁶ Gíria: Movimento de dança onde se abaixa quase tocando a “bunda” no chão.

⁸⁷ Música do MC Vukvuk.

⁸⁸ Rede de lanchonete *fast food*, criada em 1952 no Rio de Janeiro pelo americano Robert Falkenburg.

⁸⁹ Baco (Dioniso), deus do vinho, era filho de Júpiter e de Semeie não representava apenas o poder embriagador do vinho, mas também suas influências benéficas e sociais, de maneira que era tido como o promotor da civilização, legislador e amante da paz. (Bulfinch, 2002, p. 14).

Dionísio, esse moleque divino, símbolo constante da mudança das formas instituídas” (2009, p. 15). O autor continua,

O álcool jorra a cântaros, claro, e rompe o eu a fim de chegar a um “nós” comunal que nada parece entrar. As obras precisam de impertinência assim como a comida, de pimenta. Eles “se explodem”. E assim retornam à comunidade arquetípica, onde a união dos espíritos e dos corpos, tal como um sacramento, torna visível a força invisível que une todos e cada um a este mundo. Seus corpos vibram com a terra que remexem com os pés. Pode-se dizer que celebram uma dessas hierogamias antigas, esponsais sagrados com a “Grande Mãe”, essa Terra portadora de todas as suas esperanças. (Idem, p. 15-16)

Os corpos em dança, os corpos suados, se sarram, se roçam, gozam em festa. Corpos que sobem e descem o morro, que se embrenham nas brechas das ruas da favela. Os corpos que conhecem as histórias do morro, corpos que na verdade formam a própria história do morro. Esses corpos marcam não só o lugar determinado e circunscrito da Candelária, mas desfilam pela cidade. São esses corpos que com seus passos e gingados do samba e do rebolado do funk, vibram com a terra, o corpo que “sacode, levanta a poeira e dá a volta por cima⁹⁰”, que forma um outro corpo: o corpo social.

⁹⁰ Trecho da música “Volta por cima” do compositor Paulo Vazolini.

4 RATOS ONLINE

As tecnologias invadiram a vida da comunidade. Hoje, não se pode pensar a Candelária fora da rede. Os jovens, principalmente, estão conectados às redes sociais e a todo instante estão postando, compartilhando e “curtindo” as fotos, as músicas e as histórias. São as antigas formas de narrativas se apropriando de um novo suporte.

Narrativas ou histórias sempre foram muito importantes para manter as pessoas unidas em uma organização pois elas podem exprimir o sentido de identidade e pertencimento – elas são capazes de dizer quem somos, porque estamos juntos e o que nos faz diferentes dos outros. Elas podem igualmente comunicar um sentido de causa, propósito e missão, exprimindo objetivos, métodos e disposições culturais – o que acreditamos, o que queremos fazer e como. A história certa pode manter as pessoas conectadas à rede que por sua flutuação não consegue antecipar a defecção. (ANTOUN, 2002, p. 13)

Os usos das tecnologias constroem novas formas de sociabilidade, novas formas de confraternização. A vida se mistura entre os avatares, não importando mais se *online* ou *offline*, as experiências são igualmente sensíveis.

A presença da Internet no cotidiano é tão marcado de necessidades que não se pode mais distinguir os universos que compõem a vida contemporânea. Estamos dentro e fora do ciberespaço, a realidade, também, é virtual. Afinal, estamos dentro e não fora desse sistema. Sua presença é tão marcante em nosso cotidiano que postamos na rede o que supostamente estaria fora dela.

A partir de agora veremos como os ratos se apropriam dos suportes digitais e fortalecem suas relações de sociabilidade.

4.1 Quem cai na rede não é, necessariamente, peixe: sociabilidade e apropriação

Com a erupção dos processos informacionais, com a efervescência dos usos das tecnologias de comunicação, a sociabilidade se dilata e seu magma se espalha pela cidade contemporânea. Esse calor é compartilhado pelos sujeitos e esses são responsáveis pelas trocas de informação e compartilhamento de suas produções. As Tecnologias de Informação e

Comunicação (TIC) nos levam a uma produção cotidiana, onde tempo e espaço não se apresentam como barreiras, as chamas da criatividade passam por cima, derretem e se impõem a qualquer hora e lugar, o pirata da cultura se apropria, produz e reproduz. Ele saca sua arma e dispara: em um apertar de gatilho uma imagem é digitalizada, produzida, modificada e compartilhada no *Word Wide Web*.

Ter um computador, ou mesmo um celular, não é sinônimo de se estar conectado à Web. O acesso à internet é amplo e quase irrestrito, mas muitas vezes é necessário o uso de algumas táticas muito específicas para se fazer conectado.

A quase ausência do Estado, nesse terreno das conexões, é um facilitador para que a população faça uso da apropriação e deixe fluir a criatividade. Na Candelária, o “gato net” foi à saída encontrada, na verdade, foi a entrada no mundo digital, mundo de compartilhamento e de produção cultural em um novo suporte comunicacional. Essas apropriação dos sinais de Internet, são de suma importância para o acesso a informação e para a difusão da produção de quem faz uso dela.

É na Web 2.0 que se faz notar a criatividade produtiva. A facilidade de colocar ideias em prática, ou seja, de colocar a criação em exposição na rede e fazer dessa plataforma o meio de produção, socialização e interação entre os usuários, e isso é possível graças ao compartilhamento de conteúdo. Os usuários produzem, expõem e se apropriam em grande velocidade do conteúdo desse novo mundo participativo, colaborativo, interativo e produtivo. São responsáveis pela criação de pautas de discussões. O que antes cabia aos grandes veículos de comunicação, hoje vai muito além deles. Não há um *gatekeeper*⁹¹, mas vários observadores que se pautam, também, pelas novidades que ganham notoriedade na Web.

A moda do “O que você está fazendo, dizendo ou acontecendo?” tomou conta da vida dos usuários da Web 2.0. No *facebook* “No que você está pensando agora?”; No *Orkut*: “Conte algo para seus amigos!” e no *Twitter*: “*What’s Happening?*”. O que vier a ser escrito no *Twitter*, por exemplo, tem que ser muito bem avaliado, vide celebridades e suas centenas, milhares de seguidores que irão ler e fazer uso do *retweet*, caso achem relevante. Podendo ganhar proporção tamanha que possa entrar em pautas de discussão em toda a mídia. O *retweet* é a apropriação de um *tweet*, ou seja, é uma forma de ampliar o alcance de uma mensagem escrita no *twitter*. O *retweet* é a pirataria dos textos curtos é a apropriação e difusão

⁹¹ O termo *gatekeeper* se refere à pessoa que determina uma decisão no que seria veiculado ou não a partir de outras decisões.

da informação. É o compartilhamento de ideias que circulam sem barreiras na Internet. Ele não é só uma apropriação é, também, uma forma de expressão a partir do outro, uma mensagem até cento e quarenta caracteres que se coloca na rede e que não se sabe onde ela vai chegar.

Em uma sociedade em que a cultura se vê fragmentada em múltiplas possibilidades, seus indivíduos apresentam da mesma forma identidades pautadas no fragmento. O sujeito contemporâneo está ligado às necessidades temporárias, o pertencimento a um dado grupo não está no enraizamento, mas nas sociabilidades transitórias desse indivíduo metamorfo, que se reconfigura através das infinitas possibilidades da cultura fragmentada da contemporaneidade. No universo *online* esse comportamento não é diferente, segundo Castells (2004, p. 108-109) mesmo não havendo, necessariamente, uma fixidez no que tange aos laços de interesse “o fluxo permanece” e novas conexões do sujeito são formadas. As redes se reconfiguram seguindo as tendências desses atores sociais de identidades fragmentadas e em constante transformação.

Ainda segundo Castells (2004, p. 110), é nessa cultura do fragmento que os atores sociais podem estar em várias redes e se deslocar por ela. Os sujeitos desenham mapas de sensibilidade, cartografias que traçam caminhos de suas sociabilidades. Assim, “constroem e reconstroem suas formas de interação social” (idem, *ibidem*)

Barbara⁹² é uma jovem estudante do ensino médio que nos contou sobre seus interesses e as possibilidades nos usos do universo digital. São notícias, receitas, diz que adora ler seu horóscopo e tem mania de assistir os vídeos do *youtube*, baixa suas músicas com os hiperlinks disponíveis na rede. É daí que o morro pode escutar os sambas de Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho, o pagode do Exalta Samba e do Pique Novo, o *Rock* da Pity e claro o muito *funk* carioca. “Pego tudo pelo Orkut, vou na pesquisa e lá já acho os sites que vão ter o que tô procurando. Acho digno!”, nos conta Bárbara.⁹³

As TIC além de facilitarem o acesso a esse território de informações fragmentadas, nos incitam a criar uma cultura fragmentada, elas ampliam as possibilidades e são ferramentas importantes na nova conjuntura cultural e de acesso ao saber que não mais cabe exclusivamente aos setores educacionais. Segundo Canclini, “Os jovens adquirem nas telas extra-curriculares uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento se

⁹² Ver artigo publicado: Maia, João; Bianchi, Eduardo. Manguera, suas ratas são uma beleza. Intercom 2008

⁹³ Barbara, entrevista concedida em 29/10/2010 Local: Sede da ONG Meninas e Mulheres do Morro.

combinam. Também se aprende a ler, a ser espectador sendo telespectador e internauta.” (2008, p. 24)

Sonhos, devaneios e desejos são “postados” e dessa forma expõem os nossos gostos, as nossas vontades, os nossos mundos. Pode-se “pilhar” uma celebridade, seus cabelos lisos ou crespos, seus lábios coloridos ou até seu namorado feio, isso não importa. Não discutiremos o conteúdo das mensagens, mas sim reafirmamos a importância de se colocar no mundo, de ser produtor de opiniões. O estilo causa união entre os membros de um determinado grupo. Criar seus avatares é deixar fluir a imaginação. O encantamento do mundo. A criatividade emana através dos teclados e das manipulações de imagens.

Adoooooro, zoar com os outros. Cada dia sou... tô diferente, em lugar diferente. Fala sério que não é divertido? Tiro onda mesmo! Sei lá se a pessoa do outro lado tá falando a verdade!? Mas não é sempre assim... tem dias que é a Babi mesmo que entra e quer arrumar alguém...⁹⁴

Outra forma encontrada pelos ramigos de utilização da rede social *Facebook* são os motejos, brincadeiras com montagem de imagens, fotos que são copiadas da internet e a elas são atribuídas marcações⁹⁵ com os nomes dos ramigos. Mas essas imagens são escolhidas a dedo, minuciosamente, assim como as montagens são muito bem elaboradas. Segundo Bárbara, “É uma guerra virtual, todos levamos na brincadeira, sempre com a intenção de zoar um ao outro, mas sem gerar atritos que possam acabar com a amizade. Eu particularmente me divirto muito.” E ela continua, “tenho até um acervo aqui guardadinho pra quando ele postar algo sobre mim , eu ter minhas cartas na manga!”⁹⁶. O ele referido por ela é o ramigo Círiilo, que é um dos mais empolgados com essa nova forma de apropriação para sociabilidade. A pirataria da imagem, o uso da criatividade em busca da sociabilidade *online*.

⁹⁴ Barbara, entrevista concedida em 29/10/2010. Local: Sede da ONG Meninas e Mulheres do Morro.

⁹⁵ Marcação de uma foto “são uma ferramenta essencial para o compartilhamento de momentos importantes”. Ver texto institucional do Facebook Brasil. http://www.facebook.com/note.php?note_id=217702738261943

⁹⁶ Bárbara, entrevista concedida em 24/09/2012. Entrevista online (talk – Facebook)

4.2 “Quer saber da nossa vida? Vai no facebook, a gente posta tudo lá”⁹⁷

Foi uma das entrevistas que nos indicou esse novo caminho metodológico para nossa pesquisa. Percebemos que seu conselho seria enriquecedor e decidimos acatá-lo. Assim, *online* e *offline* ampliam as áreas de intercessão de nossa pesquisa.

A temporalidade na Comunidade da Candelária se diferencia do tempo veloz da cidade. Mesmo percebendo conectada as novidades tecnológicas, que agilizam os processos sociais e a vida de forma geral, o tempo comunitário está em uma marcha reduzida. A busca pelo novo é constante, a cede e a necessidade de conhecimento é notória, mas a vida, de modo geral, é baseada em um tempo lento, em que escolhas são feitas em um simples e vagaroso caminhar ou em uma mesa de bar com uma garrafa de cerveja e alguns amigos. Os bate-papos entre portões, nas esquinas e nas escadas, são costumes que foram trazidos junto às culturas das diásporas, dos êxodos do interior do país. Práticas do cotidiano, hábitos do dia a dia que fazem parte da rotina da comunidade e que configura na metrópole carioca uma lentidão, que negocia seu tempo junto à sociedade do instantâneo.

Caminhando pelo morro, em meio às casas, desviamos das pessoas, das pernas estendidas pelos becos, dos brinquedos das crianças espalhados pelo caminho. Desviamos dos copos com café das senhoras que conversam nas portas de suas casas, desviamos dos copos de cerveja dos amigos que bebem nos degraus das escadas. Andamos sempre em desvios. Andamos e olhamos para dentro das janelas e assistimos aos programas de TV, assistimos cenas do dia a dia. Vemos as panelas ainda quentes no fogão, as roupas estendidas no varal. Passando vemos o Seu Fusquinha com sua cara amarrada atrás do balcão de sua venda⁹⁸.

Mas nem só desse tempo lento vive a comunidade. Conectados a Internet, os ramigos buscam na tecnologia recursos para amplificarem suas vozes. “A tecnologia ajuda a gente a se comunicar com o mundo... o mundo extra Mangureira [...] ajuda a conhecer novas pessoas, dar novos horizontes, novas ideias, novos caminhos”.Christiane⁹⁹

⁹⁷ Christiane, entrevista concedida em: 19/10/2011, MMM Bar, mas conhecido como bar da Tia Elma, Candelária, Comunidade da Mangureira

⁹⁸ Venda: tipo de comércio de pequeno porte que vende coisas diversas.

⁹⁹ Entrevista concedida em: 19/10/2011. Local: MMM Bar, mas conhecido como bar da Tia Elma, Comunidade da Candelária, Morro da Mangureira.

Durante nossa pesquisa de campo conhecemos a Lan house da Candelária, segundo seu fundador, Jefferson, um dos ratos, foi a primeira Lan House do Morro da Mangueira. Jefferson era instrutor de aulas de informática, decidiu abrir sua Lan House junto com um curso de informática. Após as aulas, os alunos queriam jogar os jogos *online*, e pediam para ele ensinar a instalarem os jogos. “Após os horários das atividades, nos ficamos abrindo pra eles ficarem jogando, mexendo [...] aí nos fizemos um misto... de curso com a *Lan House*”. Percebendo a necessidade de sua comunidade e os sequiosos desejos de comunicar dos moradores da Candelária, ele decide abrir sua loja.

A *Lan House* – centro público de acesso pago ao computador –foi criada a partir de uma necessidade da comunidade, um desejo dos moradores de se comunicarem para além do local, de amplificarem as potencialidades comunicacionais de forma “glocal”, ou seja, levarem a suas vozes para fora das territorialidades físicas do morro. Para Canclini, “... recentemente, a comunicação digital e eletrônica multiplicaram os espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural” (2008, p. 23).

A *Lan House* está localizada em uma das entradas da comunidade da Mangueira. Passando por uma construção não acabada na entrada do bairro da Candelária, na Rua Visconde de Niterói, a *Lan House* é uma das primeiras das tantas lojas laterais. A loja tem duas portas, uma primeira de chapas de metal azul, já bem descascada, e uma segunda de vidro. A primeira fica aberta o dia todo, nos horários de funcionamento da loja, a segunda foi colocada para o ar condicionado dar vazão, mas como a *Lan House* tem um fluxo muito grande de clientes, a porta está sempre aberta, convidando os passantes a entrarem. A loja é pintada com uma cor azul, quase lilás de tonalidade escura, dando um caráter intimista ao pequeno ambiente, que se torna menor ainda pelo grande número de frequentadores. Os dez computadores, disponíveis para os usuários¹⁰⁰, são dispostos de forma que Jefferson tem o controle de quais sites são visualizados por seus clientes¹⁰¹, contudo, aos demais usuários essa ação não é possível. Os computadores são separados por chapas de compensado dando “privacidade” ao usuário.

¹⁰⁰ A *Lan House* conta com 11 computadores, mas um deles é reservado para Jefferson, para controle financeiro de sua loja e para uso pessoal. Em todas as vezes, nos diferentes dias, que estivemos nas *Lan House*, o computador de uso exclusivo de Jefferson estava conectado ao *Facebook*.

¹⁰¹ Precaução tomada devido ao grande número de menores usando o espaço. Possibilitando um controle contra a visualização de sites eróticos pelas crianças.

Além de trabalhar em sua Lan House, Jefferson distribuía sinais de Internet pelas casas da comunidade, os cabos de rede começam a fazer parte do cenário do morro. O “gato net”, como era conhecida essa distribuição de sinais, foi fundamental para a democratização do acesso a Internet dentro da favela da Mangueira. declara Jéferson¹⁰². O rato tecnológico sabe o quanto seu trabalho foi e é importante para a comunidade, e deixa claro seu orgulho. Jefersson destaca a importância de seu trabalho, de sua *Lan House*, para a comunidade da Mangueira. “Nós viramos referência, qualquer problema com os computadores eles procuravam a *Lan House* pra concertar, pra resolver alguma coisa... a gente fazia manutenção, a gente fazia instalação... nós ficamos uns cinco, seis anos com essa rede.”¹⁰³.

A Lan House funciona como um espaço de sociabilidade para dentro e para fora da comunidade. Jogos online, redes sociais, pesquisas escolares são o que mais movimentam a loja. Segundo Jefferson, muitos jovens que não sabiam ler e nem escrever buscaram a aprender para poder jogar os jogos online.

Os usos podem ser compartilhados, principalmente dentre as crianças. A febre dos jogos, dos quais os jovens vão batendo seus recordes de pontuação, são fontes de reafirmação dos laços sociais. Guitar Flash é uma moda entre as crianças, o jogador simula um guitarrista e sua pontuação é marcada pelos acertos de seus reflexos. Esses *games* criam disputas, brincadeiras, muito deboche, sociabilidade. Entre os mais velhos, os games que mais são jogados estão os de futebol e os de simulação de guerra em primeira pessoa, que são jogados entre os frequentadores da *Lan House* e amigos que estão *online*.

Percebe-se a configuração, nesse pequeno espaço, de relações de sociabilidade, dentro e para fora da comunidade. Mesmo os que têm seus computadores em casa, vão a Lan House para compartilharem a amizade e o convívio, configurando uma ambiência, um espaço de compartilhamento das experiências e reconhecimento dos gostos. As TIC mudam os espaços, mudam as ações e as geografias, mas prevalece, ainda assim, o convívio, a amizade e a ambiência comunitária da favela.

O público da *Lan House* é variado, mas em sua maioria crianças. Jefferson diz que na parte da tarde há um predomínio delas, mas no final da tarde é a hora dos adultos que chegam do trabalho “pra ver e-mail, fazer trabalho, acessar a rede social... trocar mensagem pelo MSN, essas coisas”.

¹⁰² Entrevista concedida em: 27/01/2012. Local: Lan House.

¹⁰³ Idem.

Os primeiros sinais que chegaram na comunidade eram da Velox/OI, só que nem todas as casas recebiam o sinal – “As pessoas queriam, mas não tinham acesso”. Se deparando com essa situação, a vontade de ter acesso por parte dos moradores, Jefferson foi se apropriando dos cabos e distribuindo pelo morro os sinais “via cabo de rede¹⁰⁴”. Um sistema em rede de distribuição: os cabos eram incorporados aos postes de iluminação e, em seguida, levados para dentro das casas e conectados aos computadores domésticos.

Novas paisagens foram se configurando, às cenas do cotidiano ganharam cabos, cabos que passaram a cortar o céu, redesenhando os horizontes físicos e simbólicos da comunidade, o morro estava conectado, da Mangueira para o mundo.

“Uns anos atrás, pra uma pessoa ter um computador aqui... era difícil, era um custo danado, né?... quando vinha com um computador... vinha todo mundo em cima. Agora já é algo normal, todo mundo, hoje em dia, tem um computador pra acessar o MSN... Facilita até na hora de sair pra zuar, né? Todo mundo combina pelo MSN e sai todo mundo na mesma hora.” Vemos, nessa fala de Laionel, uma mudança que pode aparentar simples mas que mudou, em parte, certos comportamentos dentro da comunidade. Cirilo diz que antes dos computadores, “tinha que gritar o nome do amigo pelo morro pra sair... telefone é muito caro... combinamos de nos encontrarmos pelas redes sociais”.

A comunidade da Candelária está conectada. A rede está dentro das próprias casas ou usando os serviços da Lan House de Jefferson. No caso dos ratos, boa parte de seus tempos conectados a Internet, está destinado a rede social *Facebook*. Segundo Fragoso; Recuero; Amaral, “Esses sites são caracterizado pela construção de um perfil com características identitárias (que são percebidas como atores sociais) e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis” (2011, p. 116).

Tudo é motivo para ser postado nos perfis da rede, fotos, letras de música, frases soltas, links divulgando as festas que pretendem ir. “Quer saber da nossa vida? Vai no facebook, a gente posta tudo lá” - Christiane¹⁰⁵. A interação entre os sujeitos é a configuração do processo comunicativo, um movimento de reciprocidade tendo a sociabilidade como resposta.

¹⁰⁴ Expressão empregada por Jefferson para descrever a forma que esses sinais eram passados entre as casas.

¹⁰⁵ Entrevista concedida em: 19/10/2011. Local: MMM Bar, mas conhecido como bar da Tia Elma, Comunidade da Candelária, Morro da Mangueira.

A interação, pois, tem sempre um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo. [...] Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas. (RECUERO, 2010, p. 31).

As interações geram relações sociais. Se duas pessoas fazem comentários em uma rede social de um amigo em comum, essas passam a interagir e tendem a criar laços sociais. O amigo em comum funciona como um elo e seu perfil como plataforma de uma conversa.

“Parabéns pra Minha bebest, irmã branca linda..Houve tempos em que por eu ser amais nova do bonde você me chamava de filha , o tempo foi passando fomos ficando mais velhas e nos tornamos irmãs a branca e a preta.. Já fomos consideradas as meninas superpoderosas (eu, você e Chriis Carvalho¹⁰⁶) ..E nossa irmandade sempre foi de dar inveja a qualquer um , já fomos trio ternura , BDR'S¹⁰⁷ , Tchucas e DINGAS! E hoje a equipe cresceu , nós nos afastamos um pouco (mais sempre estivemos por perto uma das outras), você teve um filho lindo no qual me sinto tão mãe quanto você , amo como se fosse meu (E é meu, é nosso)! Então nesse dia tão importante para as pessoas que te cercam, te desejo TODA FELICIDADE desse mundo , todo amor , \$\$ pq ngm é de ferro , saúde , sabedoria pra cuidar do nosso Luccão e como você me pediu MUITOS COPOS DE CORAGEM (tô contigo pra qualquer decisão), e aquela velha frase: Mais sorte que juízo. Amém! Eu e todas as bandidas te desejamos tudo de melhor PRA SEMPRE! Parabéns , amamos você Flávia Louzada ♥”¹⁰⁸

Destacamos que a Flávia não é mais uma usuária do *Facebook*, o post da Bárbara, parabenizando sua amiga, funciona muito mais como uma “desculpa” para gerar comentários do que ter o suposto objetivo. Esse é um processo de interação de construção, que visa aprofundar a relação (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011, p.30). A relação é fundamental para a construção dos laços sociais. No caso dos ratos, os laços formados são *multiplexos*, os sujeitos apresentam interação em diferentes espaços e sistemas (Recuero, 2010, p. 42), ou seja, *on* e *offline*.

Os laços que compõem os ramigos são os laços fortes, laços sociais marcados por relações de intimidade. Mas nem todos os laços sociais dos ratos são fortes. Muitos ratos apresentam o grau de conexão com mais de mil pessoas. Grau de conexão seria a quantidade

¹⁰⁶ Como se trata de uma transcrição não houve mudanças e por isso Chriis Carvalho está grifado, pois trata-se do link do *Facebook* da Christiane.

¹⁰⁷ BDR'S – Bonde dos Ratos, uma forma de chamar o grupo.

¹⁰⁸ (Transcrito do facebook da Bárbara) Postado no dia 22/08/2012 Abaixo do texto uma foto das duas ratas, Bárbara e Flávia, seguida de inúmeros comentários de felicitações.
<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=4513793885214&set=a.2299745495388.2139087.1301682002&type=1&theater>

de conexões que um usuário apresenta em sua rede. (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011, p. 124). No caso dos ratos, esses laços apresentam diferentes formas, diferentes intensidades em suas conexões.

Percebemos como os métodos de pesquisa na contemporaneidade se mesclam à modelos clássicos e se ressignificam com base em outros suportes para tentar compreender as novas formas de sociabilidades e das construções de coesão social. O trabalho etnográfico que nos deu suporte em campo *offline* foi desenvolvido com visitas a comunidade e entrevistas aprofundadas. Já no o campo *online*, ou seja, na comunicação digital, nossa abordagem foi utilizando netnoentrevista, coleta e análise de dados. Vemos, portanto, a emergência de culturas híbridas (Canclini, 1997), culturas que se mesclam através dos usos, das apropriações, das ressignificações e das praticas comunicacionais, tendo como suportes a tecnologia para a construção e manutenção dos laços sociais. Assim, destacamos a necessidade de uma reciclagem metodológica, onde haja empregos metodológicos que dialoguem, frente às necessidades da contemporaneidade.

Pensaremos, a partir de agora, como as apropriações, ressignificações e os usos da cultura mudam as experiências do cotidiano dos sujeitos, dos piratas da cultura.

4.3 Piratas da cultura: a arte de buscar brechas

É notável a presença de algumas idéias que perseguem o nosso vocabulário cotidiano: compartilhar, criar, navegar, expandir, explorar e apropriar. Essas palavras podem ajudar na compreensão da ideia de cultura comunitária.

Apreciaremos como os produtos propagados pelos “piratas da cultura” funcionam como elemento de coesão social e formam a cultura comunitária, localizada em determinadas territorialidades e se espraia pela cidade como um todo.

Mostraremos como a representação do pirata é marcante e múltipla especialmente na produção da cultura industrializada moderna. A imagem do pirata hoje pode ser fluída e por vezes ambígua devido à velocidade das tecnologias de informação e cultura comunitária. Nessa parte da pesquisa buscamos refletir uma parte da cidade contemporânea e a efervescência da cultura comunitária.

São vários os *gadgets*, aparelhos que veiculam os produtos da cultura industrializada presentes de maneira marcante no cotidiano da cidade. São *CDs* (sic!), *DVDs*, *IPOD*, *IPAD*, *IPHONE* 3,4,5,6..., os variados modelos de smartfone com seus novos e atualizáveis sistemas operacionais. O android, por exemplo, oferece vários aplicativos para os mais diferentes públicos, em um quase infinito compartilhar de músicas, jogos, jornais, cursos de línguas estrangeiras, e tantos outros, que podem ser pagos ou gratuitos, o que não falta são possibilidades. Assim, ligados, plugados, conectados vamos sempre baixar, buscar e criar releituras diversas dos produtos que estão entrelaçados nas redes *online*. Não é a nossa questão pensarmos sobre o *copyright* e *copyfeft* na procura de um certo legalismo e também não discutiremos o protagonismo das tecnologias em nossas vidas. Focaremos o nosso olhar na ação do homem que compartilha, de diversas formas, as suas apropriações. Este homem cria produtos e espalha, numa rede enorme, seus gostos e prazeres, na verdade o seu “estilo de vida” (GIDDENS, 2003). Pode ser em *Blog*, *Fotologs*, *Twitter* ou no *Facebook*. O recorte do trabalho que apresentamos se concentra na área da Comunicação e Cultura com o objetivo específico de abrir novas possibilidades para pensar a noção de pirataria cultural.

O pirata é um personagem que sempre aparece diante do nosso olhar quando pensamos em alguma “apropriação”, seja ela econômica, política ou cultural. Ele já foi retratado em filmes, livros, músicas e hoje é reconfigurado, pelo senso comum e pela mídia, de maneira geral. Ele está presente mesmo de maneira obscura e múltipla em várias obras da nossa produção cultural tradicional, moderna ou contemporânea.

4.4 Era uma vez... Alguns piratas e suas breves histórias

Durante nossa história clássica, vimos em “Roma” os seus piratas que tomavam conta dos mares do mundo que se reduzia a sua época. O Mediterrâneo era área de domínio para as pilhagens tanto no mar como em terras de cidades litorâneas. Nos inquieta criar alguma referência associada à imagem do pirata cultural contemporâneo. É impossível fazer tal aproximação, mas aguça a nossa imaginação. Segundo Daniel Defoe¹⁰⁹ (2008) um grande

¹⁰⁹ Daniel Defoe (1661?-1731) foi um jornalista e reconhecido escritor inglês. É autor de História dos Piratas(1724) e outras importantes obras como *Robison Crusoe* (1719) e Os amores de Moll Flanders (1722).

exemplo de ato pirata foi o rapto do ainda jovem Júlio Cesar. O corriqueiro no mundo da pirataria, mediante o aprisionamento de um navio, era que os tripulantes fossem jogados ao mar. Segundo Defoe, os prisioneiros eram amarrados dois a dois e jogados dos navios para o afogamento. No caso específico de Cesar, vendo se tratar de uma pessoa importante pelas suas vestes foi decidido que ele não seria jogado ao mar, mas seria pedido um resgate em troca do jovem, e assim o foi. Resgate pago, Cesar pode em fim, em um futuro não muito distante, se tornar o Grande Cesar da história romana. Nesse momento da história, os atos de pirataria se concentravam nas rotas de comércio do Mediterrâneo, áreas de domínio do poderoso Império Romano.

As histórias dos piratas têm seu momento áureo com o comércio no Oceano Atlântico, pós-expansão ultramarina¹¹⁰, ganhando força junto ao crescimento de exploração das colônias a partir do século XVI. O comércio holandês cabia a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais as trocas entre colônia e metrópole, no caso da Inglaterra o chamado comércio triangular¹¹¹ - o rico comércio que ocorria no Oceano Atlântico das treze colônias inglesas, (hoje costa leste dos Estados Unidos, Antilhas, continente africano e Metrópole Inglesa) - chamava muita atenção dos “bandidos dos sete mares”. Vale ressaltar que a região caribenha foi a maior área de atos pirataria da época, devido à atrativa movimentação de riquezas. Contudo, outras regiões não ficaram a salvo das pilhagens dos piratas. Há inúmeros registros de piratas na costa Brasileira, Ilha Grande, por exemplo, era um ótimo esconderijo para eles, dessa região espreitavam navios que ali passavam repletos de ouro da região das minas gerais, que saíam dos portos do que hoje é o Estado do Rio de Janeiro, ou mesmo navios que vinham da região do Rio da Prata - América Espanhola.

A pirataria, em vários momentos da história, foi institucionalizada e às vezes por uma lei que garantia tais atos. Elizabeth I¹¹² (1558 – 1603), então rainha da Inglaterra, fazia inúmeros acordos, que por suas determinações o Estado Inglês deveria patrocinar a pilhagem de embarcações espanholas através de piratas contratados.

O pirata *Barbarouse* é exemplar para falarmos de como criamos a imagem de um homem que sabe se apropriar dos bens culturais e sociais. O “Terror dos Mares” como ficou

¹¹⁰ Política de expansão de mercado iniciada por Portugal ainda no século XV.

¹¹¹ O comércio ficou conhecido como triangular, mas poderia, e era corrente, ser feito em mais de três portos

¹¹² Como filmografia: *O Gavião do Mar* de Michael Curtiz (1940) e *A Rainha Tirana* de Henry Koster (1955) esses filmes retratam a relação do governo de Elizabeth I com os piratas.

conhecido, teve supostamente uma vida de riqueza, aventuras, proezas, além de inúmeros assassinatos que ordenou ou ele mesmo executou. Como um pirata astuto, *Barbarouse*, tinha dentre suas características o oportunismo, pois sabia o momento de se apropriar de alguns lugares e elementos da cultura. O Barba Ruiva tomou territórios protegidos, locais bem guardados e foi assim que chegou a se tornar Rei. Após quebrar um acordo de proteção com o Rei da Argélia o matou e foi coroado, apropriando-se do trono. Já havia deixado tudo pronto para que seu irmão o substituísse como o novo Rei, quando foi morto em batalha. Sem dúvida, essa é uma grande demonstração de uma representação de força e astúcia do pirata que assolou os mares de sua época. (Defoe, 2008, pg. 24).

Motins e desapropriações de navios eram comuns em meio à turba de homens em uma situação muito específica. Assim foi a forma que Avery se tornou capitão de navio na segunda metade do século XVII. Segundo Defoe, o ainda marujo, Avery, planejou o motim e tomou o navio Charles II. A rebelião ocorreu em maio de 1694 e daí por diante a vida de Avery teria sido a base de roubos e mortes.

Durante o período colonial o Brasil viveu vários atos de pilhagem, alguns institucionalizados como foi o caso da nossa madeira mais famosa, o pau-brasil, sem falar em nossos minérios, principalmente o ouro das Gerais. Contudo, ainda éramos colônia e seguindo a lógica Mercantilista e do Pacto-Colonial estávamos sujeitos a isso mesmo, as diretrizes metropolitanas. No entanto, já no período que cerne nosso Império, o Brasil sofreu inúmeras pilhagens de outras nações. Adriano Belisário¹¹³, em publicação à revista da Biblioteca Nacional¹¹⁴, nos conta que no início do século XIX, franceses se apropriaram de mudas de várias plantas dos arredores do Rio de Janeiro. Ainda nos remetendo a Belisário, o inglês Henry Wickham “desviou sementes de seringueiras amazônicas para as colônias britânicas na Malásia”, atingindo em cheio a economia da região que dependia do Látex extraído das árvores amazônicas.

As caças aos tesouros dos navios dos séculos XVI, XVII e XVIII não acabaram. Embarcações que naufragaram a séculos continuam sendo perseguidas. No entanto tal perseguição conta com submarinos super modernos e tecnologia de ponta para localizar as

¹¹³ Adriano Belisário é editor da edição online da Revista de História da Biblioteca Nacional. Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹¹⁴ <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=3027>

naus. Segundo Aldé, em texto para Biblioteca Nacional,¹¹⁵ várias empresas estão em busca desses tesouros. *Voetboog* e Santa Rosa são navios holandeses e portugueses, respectivamente, que naufragaram na costa pernambucana e estão sob os olhares de empresas caçadoras de tesouros. São piratas também, saqueadores da história. Irão se apropriar de uma “História em migalhas”, submersa.

4.5 Em cena: nem só de tapa-olho se configura um pirata

Foi em um estúdio americano que o Capitão Jack Sparrow ganhou vida através do ator Jony Depp. A quadrilogia, Piratas do Caribe¹¹⁶, mostra um pirata com uma representação um tanto quanto diferente de seus antecessores. Na indumentária nem tanto, Jack usa lenço na cabeça, chapéu, brincos, espadas e pistolas. Uma das diferenças é sua maneira de estar no mundo. Nas histórias mais comuns de piratas o capitão é o último a abandonar o navio, mas no caso de Jack ele é o primeiro a correr. “Se não tem sobreviventes, então quem conta as histórias?”¹¹⁷. Em sua fala quase indecifrável, em que a lógica do que diz, em muitos casos, é ilógico, ou faz sentido apenas em seus próprios devaneios, Jack ressignifica o discurso. Cínico, sarcástico, irônico e com seu jeito único de correr com pernas abertas, braços gesticulosos, as costas projetadas para traz e com os olhos arregalados, o capitão do Perla Negra é sem dúvida uma clássica personificação de um anti-herói, Jack é um pirata.

Não são, necessariamente, homens sem regras, se levarmos em consideração o Código Pirata¹¹⁸. O código pirata descrito por Defoe é composto por onze tópicos. Esse foi escrito e assinado por todos os membros da tripulação, inclusive o Capitão Bartholomew Roberts que esteve na costa brasileira e saqueou um dos navios portugueses. Entre as regras do código estão os tributos a serem pagos ao navio, nesse caso ao capitão, os direitos de alimentação e bebida. Existiam “referendos” internos nas decisões que competiam a toda tripulação, uma

¹¹⁵ <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1083&pagina=1>

¹¹⁶ Trilogia do Walt Disney Pictures em associação com Jerry Bruckheimer Films: Piratas do Caribe A Maldição do Perla Negra (2003); Piratas do Caribe O Baú da Morte (2006) e Piratas do Caribe No Fim do Mundo (2007)

¹¹⁷ Jack apud http://pensador.uol.com.br/autor/capitao_jack_sparrow/

¹¹⁸ O Código está transcrito em: Uma história dos Piratas de Daniel Defoe pág. 138 e 139. O Autor ressalta a possibilidade dele não estar completo.

democracia *à la* espada. Desertar do navio durante uma batalha tinha como punição a morte ou, como era muito comum, o abandono em uma ilha deserta. O código pirata também é retratado no filme - Piratas do Caribe: A maldição do Perola Negra - aqui ele é encarado muito mais como um “guia” do que propriamente uma lei ou regra. Nesse filme, Jack sofreu com as regras do código, sendo punido, chegou a ser abandonado em uma ilha deserta.

Dentre todos os piratas ele é o mais famoso, Eduard Teach, mais conhecido pelo seu cognome, Barba Negra.

...nosso herói, o capitão Teach, ganhou o cognome de Barba-Negra a partir daquela enorme quantidade de pêlos ocultando totalmente a seu rosto, e que, tal como terrível meteoro, amedrontou a América muito mais do que qualquer cometa que por lá tivesse surgido há tempos (DEFOE, 2008. pág. 72)

No caribe ou na costa americana ninguém estava a salvo, pois ali poderia se deparar com o mais temido dos bandidos dos sete mares ele foi o pirata que se tornou uma lenda. Sua influência e poder eram tamanhos que “Todos os processos judiciais que se faziam em nome de Teach qualificavam-no com o título de comodoro.” (DEFOE, 2008, pág. 75) Comodoro é um título dado para atribuições militares, no caso do Barba Negra, demonstra o quanto o estado nacional poderia estar envolvido com os atos de pirataria. Defoe deixa claro que era a Inglaterra que estava ligada ao capitão Eduard Teach. Não deixa de ser uma “história porosa” que não nos permite afirmar objetivamente a relação entre o estado e o pirata, mas é um indício da marca que os homens utilizam histórias miúdas para revelar a nossa cultura de apropriações diversas.

Temos mais uma história cinematográfica: Querelle é um homem que vive no mar e se mistura na imagem do pirata. Ele irá sempre se apropriar de todas as situações que se colocam em seu caminho. É um filme (R.W. Fassbinder - 1982) que nos aponta para alguns atos de pilhagem ou de apropriações diversas. Em Brest, na França, os frequentadores de um bordel devem passar pela mesa de dados do proprietário que decide no jogo, quem “comerá” quem. Existe sempre um jogo, um indefinível, um imprevisto. Querelle, perverso que é, reverte os dados. Não conta com a sorte, mas faz o seu destino. Ele diminui o número de seus dados para poder “deitar” com o patrão.

O marinheiro não quer só sexo pelo sexo, tirar, roubar ou se apropriar do outro. É pirataria do ópio, dos dados, dos amores entre irmão e amantes. Querelle entrega o amante aos inimigos, se apropria da amante do irmão, assim ele faz o mesmo com o tenente de seu navio.

Ele está no comando de algo indefinido. Seu estilo de vida está próxima do pirata contemporâneo. Ele divide e compartilha o que não deveria na legalidade.

Nicolas Cage volta a Las Vegas, em “O Vidente”, interpreta um mágico e vidente, um pirata de imagens, que consegue ver o futuro. Trabalha com ilusão, fantasia e sedução. O mágico mostra sem evidenciar, anuncia uma parte de sombra e de mistério que nunca se revelará. Esse pirata do tempo trabalha com a “simulação encantada: o trompe-l’oeil – mais falso que o falso – é o segredo da aparência”. (BAUDRILLARD, 1979, p. 69). É uma transfiguração irônica, como diz o autor.

Cage descobrirá o destino de uma bomba nuclear que ameaça o mundo e sua mulher amada. Ele tem o “dom” de ver o futuro, os passos se antecipam. De longe ele sabe, e sabe até mesmo o que as câmeras de vigilância não revelam. O pirata sabe o que desejamos. Em um cassino, onde trabalhava, ele escapa em pequenas brechas de minutos que as imagens das câmeras não conseguem mais seguir. Na briga com o adversário ele conhece com antecedência os golpes do inimigo. Sabe se transformar no frágil para melhor seduzir. Não mostra o que poderia acontecer. Ele é um sedutor de imagens.

Chama-se destino, “mas mesmo que isso exista, eu prefiro não saber... a vida deveria ser uma surpresa...” Assim, pensa a mulher apaixonada pelo ilusionista, mágico ou pirata de ilusões.

As câmeras, as perícias médicas ou jurídicas não conseguem captar a capacidade de astúcia do personagem, do pirata. Ele é perseguido. Todos querem se apropriar do seu “dom”.

Nesse percurso que fizemos entre história e a produção cinematográfica da vida dos piratas percebemos o quanto esses homens influenciaram suas épocas e ainda o fazem. A partir de agora vamos dilatar ainda mais a noção de pirataria para a contemporaneidade. Nossa pesquisa problematiza os atos de pirataria como apropriação e gera a problematização da produção cultural, pela ressignificação do que foi apropriado.

4.6 O ato de compartilhar na cultura pirata

Os piratas da contemporaneidade não roubam, eles se apropriam, reinventam e dão novos sentidos aos “objetos” que fazem uso e que espraiam pela sociedade. Navegam por

outros mares e oceanos, onde suas ondas não levam ou trazem à tona as riquezas com o subir e descer das marés, mas sua busca incessante está na “imaterialidade” dos tesouros, que apaziguam, momentaneamente, a gana pelas jóias culturais. Os novos piratas se apresentam com um novo estilo de vida no qual suas “pilhagens” vão se embebedar na cultura fragmentada da contemporaneidade.

O estilo de vida, neste caso, é muito mais determinante para a aquisição do “capital cultural”, - conceito desenvolvido por Bourdieu (1998) que trata da “aquisição” simbólica, ou seja, acúmulo cultural durante a formação do indivíduo, constituindo suas histórias e suas formas de viver, estes são os bens. O consumo da imaterialidade está ligado às escolhas dos bens a serem apropriados, suas aplicações, usos e resultados na vida cotidiana. O compartilhar da pilhagem é usual entre os membros de uma rede social na Internet, que, por exemplo, que escolhem os seus grupos de pertencimento a partir dos gostos musicais ou lugares de frequência.

Se por um lado o *download* pode ser o vilão da indústria fonográfica, por outro, ele é a forma mais aberta e circular de se expandir e facilitar o acesso para os mais diferentes públicos da produção cultural. Segundo Maia:

...os piratas transmitem e produzem elementos culturais que desestabilizam noções que estavam bem seguras... Uma inusitada “indústria cultural” está se mostrando e sendo consumida, está emergindo um receptor ativo e a cidade se reconstruindo culturalmente. (2005)

A criatividade marca o ato de baixar arquivos, e o *sample*¹¹⁹ é uma prova de como apropriação pode gerar frutos criativos. Novos ritmos, outra roupagem e assim criamos o mundo *remix*. O cidadão comum se reinventa enquanto ator social, ele cria sobre um produto cultural algo novo, no qual seu grupo de pertencimento se identifica e passa a consumi-lo. O *sample* é a reconstrução a partir de um novo olhar, que não impõe barreiras à criatividade. “A cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, para aumentar sua participação nessa era de envolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania” (YÚDICE, 2004. Pág. 25). Problematicando essa noção da “cultura como recurso”, trabalhada por Yúdice, afirmamos que os bens culturais, matérias ou imateriais, na contemporaneidade, experimentam, através dos usos locais, novas formas de aplicação. As ressignificações, as impregnações simbólicas, pelas quais ela passa

¹¹⁹ Ver filme *Good Copy, Bad Copy*.

em cada territorialidade que a reapropria, a transforma em novas subjetividades pelos usos, um novo bem simbólico surge. A cultura passa a ser um recurso de negociação, sua apropriação reafirma, no caso dos ratos, o desejo de comunicação, criando uma interface entre seus usos e aplicabilidades, ratificando uma cidadania baseada na criatividade.

Afirmamos, mais uma vez, que não cabe neste espaço questionar o destino da grande indústria da cultura, mas fazer emergir um homem comum que é produtor e interfere na nossa maneira de perceber e de se colocar no mundo. O pirata, ou seja, o homem comum, se torna produtor ativo de uma cultura e de alguma forma se coloca como antagonista de uma cultura que por muito tempo esteve nas mãos de poucos determinando o destino da cidade. Vemos a “cultura como um recurso” a ser explorada pelo sujeito que a reconstitui, um processo que necessita de uma ressignificação sempre criativa, ela é tomada para exprimir as vozes dos homens comuns.

O sujeito comum inova na produção da cultura, o que era ditado por grandes grupos fonográficos agora ganha um novo significado, novas batidas, ritmos e principalmente novos públicos. A cultura compartilhada por todos se reorienta em um processo de fragmentação, em que um sistema de rede é baseado em escolhas por sentidos de pertencimento a grupos muito específicos. O homem se apropria, recria e dá vazão à criatividade. A cultura comunitária, compartilhada no dia a dia no caminhar e viver a cidade se reconfigura a partir da apropriação cultural pirata.

A apropriação é o próprio poder de escolha. Em grande parte das vezes em que um sujeito compra um CD de música não por gostar necessariamente de todas as faixas, sendo assim, quando o faz, a ele é vendido um produto que talvez não desejasse realmente possuir. Na Candelária, na lojinha instalada na entrada do morro, ele pode encomendar o *mix* que deseja criar. O *download* propicia o direito de escolhas. Se gostar de uma única música de um artista “baixará” essa única música e não levará para casa mais seis, sete ou oito músicas que talvez não faça sentido para ele ter.

Diferentes grupos podem consumir o mesmo bem cultural, mas seus usos, possivelmente, serão distintos. O “consumo”¹²⁰, que tem como característica suas astúcias, seus esfarelamentos em conformidade com as ocasiões, suas “piratarias”, sua clandestinidade, seus murmúrios incansáveis, em suma, uma quase-invisibilidade...” (CERTEAU, 1994. Pág.

¹²⁰ Grifado no original.

94). Aqui, o consumo pode ser entendido como novas produções de sentido, a “arte de fazer com”.

A cultura que se fragmenta é a mesma que pulsa na criatividade, nas buscas de “brechas” em meio às “táticas” (CERTEAU, 1994) para se reconstruir e se espalhar criativamente. Os usos e as formas de recriação dos produtos da cultura que estão presentes nas relações do dia a dia se fazem em diversas formas mostrando uma maneira de se escapar de uma suposta homogeneização, os sujeitos usam das táticas. Certeau chama de tática:

... a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por um lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que é imposto tal como o organiza a lei de força estranha. [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (1994, p.100-101)

Tática está no uso do tempo, perceber o momento para agir. Ela encara as brechas e os caminhos, burla as regras, as imposições, os modelos, as leis. Esse é o caso do João, dono de uma locadora de DVDs e Games na Candelária. Ele acredita que seu trabalho é muito mais que sua fonte de renda. Sabe da importância de seu estabelecimento para os moradores da Candelária, na favela da Mangueira. João se apropria de bens culturais através de cópias “ilegais” na Internet. Produz, ou compra de terceiros, DVDs de filmes ou de games e os aluga em sua loja. Sobre o papel social de sua locadora, nos conta João: “Se não fosse por ela (a locadora) muita gente que mora aqui não teria visto vários filmes. Eu indico muita coisa... muita coisa boa, documentários, filmes nacionais, mas o que a galera gosta mesmo é de filme de ação [...] Outra coisa que eles me pedem muito é pra misturar shows de artistas... a garotada se amarra”¹²¹. O que interessa a esse empreendedor, não é só sua relação de comércio, mas destaca seu papel social, sua preocupação junto à seus amigos, junto a comunidade da Candelária.

A locadora do João tem todos os tipos de filme: nacionais, internacionais, desenhos, shows, e muitos jogos de Playstation II. Segundo ele a “febre entre a garotada” é principalmente o jogo de futebol. “As meninas adoram vir aqui pegar o show da Beyonce, já

¹²¹ João, entrevista concedida em 25/02/2010. Local: Locadora do João.

os meninos gostam mesmo é dos jogos de futebol e tiro... Eles ficam loucos quando chega (Copio um novo)... já elas me cobraram tanto, que tive que fazer outras cópias do DVD dessa Beyonce” (Idem).

Não é só o João que tem seus filmes. Cirilo¹²² que é professor em um curso de informática, também usa de suas táticas,. Cirilo além de dar aula faz a manutenção de diversos computadores da favela. Ele um dos responsáveis por baixar os programas dos computadores que serão usados pela maioria dos moradores da área. “Esses softwares, programas que agente usa, são muito caros, ai não tem jeito, pego tudo na internet mesmo.”¹²³ O que definiria o pirata contemporâneo? O que Círiilo faz é roubo, uma pilhagem, ou uma necessidade de se comunicar e amplificar sua voz?

Buscamos estender a noção de pirataria na contemporaneidade. Vimos que pirataria é um conceito que se dilatou na história; da pilhagem que vem desde antiguidade clássica, passando pelos mares da modernidade, às cópias de produtos da cultura consideradas indevidas pelos legisladores e as apropriações dos acervos pessoais de músicas, filmes e séries de TV. Contudo, nossa questão é perceber como a pirataria, ou melhor, apropriação é importante na produção cultural que “remixa” os estilos de vida cotidianamente na comunidade da Candelária.

¹²² Ver texto: Mangueira, seus ratos são uma beleza, de João Maia e Eduardo Bianchi, Intercom, 2009.

¹²³ Cirilo, entrevista concedida em 08/09/2009. Local: Na calçada de uma das ruelas da Candelária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa não se pretendeu definir o comportamento do grupo de jovens estudados, os “ratos”. Não buscou construir determinações que configurem amarras sociais, pelo contrário. Acreditando-se se tratar de uma pesquisa qualitativa, destaca-se um sujeito em transformação e adaptação pelas experiências cotidianas. Salta aos olhos um ator produtor de sentidos para a vida.

Nesse trabalho o campo da Cultura é a pedra fundamental. Diversas foram às possibilidades de embrenhar em outros campos (econômico e político), que estão presentes na vida cotidiana, mas que por escolha de um recorte mais específico ficaram de fora para que não houvesse perdas qualitativas da presente pesquisa.

Com esse trabalho, busca-se uma liberdade de sensações por parte do leitor. Interpretar tais sensações pelas próprias experiências, é trazer, para cada leitor, sua própria presença nos becos, degraus ou nas mesas dos bares. Entrando no quarto da Mariane, para os preparativos da festa de aniversário, espera-se que os leitores tenham suas próprias sensações estimuladas por suas sensibilidades, que lhes despertem emoções e memórias.

Esse trabalho não aspira determinar e limitar, a partir das descrições destacadas pelo pesquisador, uma unanimidade da experiência de campo. Se quer do leitor que suas próprias sensibilidades sejam aguçadas, suas próprias impressões sejam excitadas pelas tentativas de construções de ambiências. Portanto, o papel do pesquisador é de destacar e problematizar uma série de cenas que, aos seus olhos, se deram de tal forma. Ao leitor, estimulam-se impressões para uma releitura das paisagens que vão se construindo de uma nova Mangueira, de uma nova Candelária, de uma nova forma de ser jovem, ou seja, “ratos”.

Cada momento descrito, pelas sensações que estimularam os sentidos, contribuiu na construção dessa ficção. As narrativas dos ratos, contadas por eles, ou sensibilizadas pelo pesquisador, ajudam a contar novas histórias, de novos atores, de sujeitos transformadores dos espaços da cidade.

No início desse trabalho, ficou marcado como os sujeitos configuram suas relações sociais a partir dos espaços da cidade que lhes são gratos. Como as cidades contemporâneas são riscadas por desenhos de mapas carregados de sentidos, traçadas por cartografias sensíveis, por experiências que se dão pelas sociabilidades urbanas.

Os homens contemporâneos compartilham os espaços da cidade por suas diferentes formas de ocupação de uma mesma área. São as territorialidades que, com suas linhas invisíveis, determinam áreas de influência, ambientes de pertencimento, acolhimento e negociação. Ocupar os espaços da cidade pode ser pensado como dominação, todavia, dominar a cidade, ou seus fragmentos, não é uma garantia de poder eterno. Territorializar é deter poder por sentidos, é carregar de emoção os espaços e sensibilizar a materialidade por meio dos usos que se comungam pelas relações de sociabilidade.

Em alguns lugares as raízes são mais profundas, as memórias são mais antigas, as tradições mais marcadas. Mas mesmo nesses lugares há sempre a possibilidade de uma dinâmica que impulse os sujeitos para além, para fora, para novos ambientes, novas territorialidades.

Os ratos, que por meio de seus estilos de vida, determinam seus lugares no mundo, marcam pelas sensações a cidade, ou melhor, suas várias cidades, mesmo que fisicamente ainda seja o Rio de Janeiro. Como sujeitos históricos constroem e projetam suas imagens para além de seus domínios. São suas escolhas que lhes lançam pela cidade, desenham seus caminhos, seus traçados, lhes envolvem em seus lugares de ambiência e acolhimento compartilhados. Percebe-se, portanto, uma cidade em constante reconfiguração pelas manifestações das produções culturais dos sujeitos que a ocupam.

Foi marcante a presença dos corpos. Estruturas físicas e orgânicas, que carregadas de sentido comunicam suas presenças, comunicam suas vontades e desejos. Os corpos comunicantes, que dançando funk, sensualizam a vida e gozam o mundo. Os dedos lambidos que esfregam os bicos dos seios, as bundas que se deslocam de um lado para o outro, que se esfregam e vão até o chão em um jogo de poder e sensualidade, comunicam o desejo para e no outro que as observam. Também foi destaque a criatividade da comunicação por meio da criação de códigos, uma linguagem própria da tribo dos “ratos”. Códigos que foram percebidos como importantes meios de integração e manutenção da unidade do grupo.

A comunicação, em meio aos ratos, extrapola a relação física do face a face. O mundo se expande com as apropriações das tecnologias de informação e comunicação. Os “ramigos”, que como piratas da cultura, mudam suas relações com sua comunidade, se projetam para novos mundos, assim, novas interações se configuram por meio de novas formas de se estar no mundo. São piratas que compartilham seus gostos, produzem e reproduzem criativamente cultura. São sujeitos que constroem suas histórias nas redes sociais da Internet. São atores que

se apropriam dos fragmentos culturais e lhes dão novos usos, mudando suas relações com o mundo que os cercam.

Esse trabalho busca trazer uma parte da cidade pouco estudada, mas que faz parte das representações que compõem a cidade do Rio de Janeiro. Trazer a tona, problemáticas da cultura fragmentada de um pequeno grupo, pode ajudar a questionar o todo social.

Essa pesquisa não ambiciona conclusões fechadas, mas levantar pontos de discussão que possam contribuir para se pensar, a partir do fragmento, a sociedade contemporânea. Para tal, utilizamos a comunicação e a cultura como suporte de análise do grupo dos ratos, seus cotidianos e suas formas de estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação social*. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- ANTOUN, Henrique. *A Multidão e o futuro da democracia na cibercultura*. In: XI COMPOS. GT - Comunicação e Cibercultura: Rio de Janeiro/RJ, 2002. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_783.PDF. Acesso em: 26 set. 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre as fragilidades das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.
- _____. *Linguagem e comunidades: nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- _____. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAIAFA, Janice. *Aventura das cidade: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- _____. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CANEVACCI, Massimo. *Cidades Polifônicas: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- _____. *Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. *Gemação diaspórica e subjetividade sincrética*. 2005. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/204.rtf>. Acesso em: 12 dez. 2012.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

- CERTEAU, Michel de: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996-a.
- _____. *A Invenção do cotidiano2: Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996-b.
- _____. *A Cultura no plural*. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- CLAVELL, James: *Xógum: a gloriosa saga do Japão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbólico. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo: Martins Claret, 2009.
- DEFOE, Daniel: *Uma história dos piratas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- FRANÇA, Vera. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Org). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREITAS, Ricardo. Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo: ESPM, v. 4, n. 10, p. 41 – 53, jul., 2007. Disponível em:
<<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/112/110>> Acesso em: 03 nov. 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- _____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- GOLDENBERG, Mirian. Apresentação. In: _____. *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, Setembro de 2004. Disponível em:
http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf Acesso em: 21 out. 2012.
- _____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Comp. das Letras, 2009.

_____. *A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Comp. das Letras, 2007.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Espacialidades do espaço. In: _____. *Espaços Comunicantes*. São Paulo: Grupo ESPACC, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Oficinas, 1995.

_____. *A república dos bons sentimentos: documento*. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2009.

_____. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. O espaço da memória. In: SCHÜLER, Fernando; AXT, Gunter; DA SILVA, Juremir Machado. *Fronteiras do pensamento: retratos de um mundo completo*. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MAIA, João. *Comunicação e sociabilidade: os piratas da cultura*. In: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro - UERJ - 5 a 6 de setembro de 2005.

_____; BIANCHI, Eduardo. *Mangueira, suas ratas são uma beleza*. In: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Rio Grande do Norte – UFRN – 2 a 6 de setembro de 2008.

_____. *Mangueira, seus ratos são uma beleza*. In: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009 - Positivo - 4 a 7 de setembro de 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e simbolismo. In: ROSEMDAHL, Zeny ; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ. 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Marta de Araújo. Comunicação, consumo e produção de si. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JR. Potiguara Mendes da (Org). *Comunicação: tecnologia e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 51-72.

RAMCIÈRE. Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Exo Experimental, 2005.

RECUERO, Raquel. O capital Social: Como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporanea | comunicação e cultura*. v.10 , n.3 , p. 597-617, set.-dez., 2012. Disponível em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/4671> Acesso em: 08 jan. 2013.

_____. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

REGIS, Fátima. Tecnologias de informação e movimentos comunicacionais na cidade. In: MAIA, João; Helal, Carla Leal R. (Orgs.). *Comunicação, arte e cultura na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre os jovens. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de. (Orgs.). *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo: INTERCOM, 2010.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Por uma geografia das territorialidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

_____. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SYLVIE, Miaux. *Géographie et cultures*, Introduction : corpsurbains, mouvement et mise en scène. n. 70, p. 3-6, 2009. Disponível em: www.didactibook.com/extract/show/46120. Acesso em: 10 jan. 2012.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

Sites visitados

http://pensador.uol.com.br/autor/capitao_jack_sparrow/

<http://facebooklogin.net/>

<http://www.loreal-paris.com.br/cuidados-com-o-cabelo/mulheres/elseve-hydra-max-flexium.aspx>

<http://www.dermatologia.net/novo/base/radiacaouv.shtml>

<http://www.vagalume.com.br/mangueira/samba-enredo-2003.html> Acessado em: 24/01/2013

BELISÁRIO, Adriano. *Escorrendo entre os dedos*

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=3027>

ALDÉ, Lorenzo. *Batalha submarina*

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1083&pagina=1>

Imagens - Mangueira:

http://www.uppsocial.org/wp-content/uploads/mapas_equipamentos/equipamentos_mangueira.jpg

http://www.uppsocial.org/wp-content/uploads/mapas_perimetro/perimetro_mangueira.jpg

Revistas

História Viva. Piratas e Corsários - ano I nº 3 Janeiro de 2004 – Duetto

Men's Health. São Paulo, ano 6, n. 71, mar. 2012.

Men's Health. São Paulo, ano 6, n. 72, abr. 2012.

Filmografia

Good copy, Bady Copy de Andreas Johnsen, Ralf Christensen, Henrik Moltke (2007);

Querelle de R.W. Fassbinder (1982);

Piratas do Caribe: A Maldição do Perola Negra de Gore Verbinski (2003);

Piratas do Caribe: O Baú da Morte de Gore Verbinski (2006);

Piratas do Caribe: No fim do mundo de Gore Verbinski (2007);

Piratas do Caribe 4 - Navegando em Águas Misteriosas de Rob Marshall (2011).

ANEXO 1 - Algumas entrevistas

Pasta	Entr. Bárbara (câmera 1) - 07-10-2011	
Arquivo	TC/IN	TC/OUT
20100211045455	06'48"	--
	Relação com as amigas	
	"Bastante, bastante. A gente tá... sempre conta tudo, assim, tá sempre ali uma pra outra, é bem forte."	
	"Não, eu me dou bem com todo mundo, né, mas, relação assim, as mulheres aí já é, já é mais fácil pra contar um segredo, então... Tudo bem que eu também tenho amigos homens que eu já não tenho vergonha, já conta tudo, já... Mas com mulher já é mais fácil"	
	TC/IN	TC/OUT
	11'13"	--
	A RATA	
	"Bom... Quando a gente começou com essa ideia tinha um funk que era <i>A Rata Velha</i> , aí a gente ouvia, ouvia aquilo e a gente aproveitou, de um lado, o lado bom, que o funk falava que a mulher, tipo, mercenária, que não prestava, essas coisas assim. A gente aproveitou do lado bom, de rata de sair, beijar todo mundo, de curtir fora, dançar, sabe, procurar outros lugares. A gente aproveitou isso."	
	TC/IN	TC/OUT
	12'47"	--
Unha, cabelo... balada		
"Lógico. Unha, cabelo, tudo. É muito importante, como é que a gente vai sair feia? Ninguém vai olhar, né? Aí a gente costuma dizer, né, se a gente não tiver bonita nossa vida social tá abalada. A gente, a gente tem que cuidar bastante da aparência, né?"		
TC/IN	TC/OUT	
13'15"	--	
A moda		
"A gente segue... Falar que a gente não segue a moda é mentira, porque a gente segue, mas também não é tudo que tá na moda a gente vai usar porque tem coisas que não é do nosso gosto. A gente usa sim, mas se tem uma		

20100211045455	calça que a Gisele Bündchen usou e é caríssima e eu achei horrorosa, eu não vou comprar só porque ela usou. Aí, a gente tem o nosso próprio estilo, a gente mudou bastante, graças a Deus, nós éramos muito jequinhas, a gente mudou bastante, já é mais... No dia a dia, a gente já é mais básica, de usar calça jeans, bermuda... Mas pra sair já é... A gente gosta de bastante cor, roupa bastante colorida, maquiagem já... Não aquela coisa bizarra, mas uma coisa já mais bem marcante.”	
	“É, a gente gosta de roupa curta, gosta de calça colada... Lógico, né. Vestidinho, coladinho. Também, a gente gosta de vestidinho solta pra às vezes quando tá com uma barriga assim pra dar uma disfarçada”	
	TC/IN	TC/OUT
	14'32”	--
	A moda do bazar	
	“Olha, modificou bastante, porque a gente trabalhando lá com roupa a gente já via, né, quais... O que tava na moda, o que a gente... Se a gente não tivesse aquela roupa que tava na moda, ia lá e tinha, a gente já podia ter pelo menos uma base, né, as pessoas tão usando isso, tá acontecendo isso...”	
“É, são as tendências que vão mudando e a gente foi mudando junto, né?”		
TC/IN	TC/OUT	
22'03”	--	
A saída do grupo da Mangueria p/ a night		
“É, a gente costuma sair o grupo, aí quando... Mas sempre tem uma que falta, mas a gente sempre racha o táxi, dá pra ir tranquilo, quando não tem a gente, que é muito raro, a gente pega, junta, aí 'vamo de combi', quando tá no finalzinho do mês aí assim fica brabo, vamos de combi, mas a gente sempre... Como é muita gente, a gente sempre dá pra rachar o táxi. Aí fica tranquilo pra todo mundo.”		

Pasta	Filme feito pelos ratos entre 03 e 07/09/2011	
Arquivo	TC/IN	TC/OUT
20110906230654	1'33”	--
Lionel se posiciona para a câmera (fala de namoro)		

	<p>“Pô, cara, é sigilo, questão de, de ética, tá ligado? Melhor nem comentar o nome não, mas ela mesmo fala né, ela assume, só perguntar a ela, quem sabe, quem tá ligado, quem conhece. É isso aí né, ela tá entre uma das...”</p> <p>“É o que não posso... É o que eu não posso controlar, não tenho como mandar no que ela fala, não tem como eu poder controlar o que ela diz, né. Mas se ela falou tá falado, né? brancão, pô, brancão, doçura de pessoa, quem não vai querer.”</p>
--	--

Pasta	Entr. Cirilo (câmara 1) 14-10-2011 – Take 04	
Arquivo	TC/IN	TC/OUT
	2'00"	--
	“O que a Candelária significa pra você”	
	<p>“Poxa... É uma coisa meio que difícil de explicar, até porque, poxa, a Mangueira é uma comunidade muito legal, muito boa, apesar de eu conhecer outras, não trocaria por outra... Sairia daqui sim, da comunidade, se eu tivesse uma condição financeira legal pra poder me manter lá fora, mas, agora, sair da Mangueira pra morar em outra comunidade, isso nunca na minha vida, porque iria levar a vida da mesma forma que eu levo aqui e num lugar diferente, eu seria, ficaria o que? Como um estranho, seria um angolano no meio dos chineses, eu ia me sentir super estranho. Em qualquer outra comunidade, morar fora nunca na minha vida.”</p>	
	TC/IN	TC/OUT
20100218040542	4'15"	--
	Você é religioso?	
	<p>“Sou, sou espírita, candomblecista e praticante da religião.”</p>	
	TC/IN	TC/OUT
	4'20"	--
	Como você se relaciona com seus amigos?	
	<p>“Super bem. Eu, na minha adolescência, eu fui muito rebelde com a minha família, com a minha mãe, principalmente. Minha mãe sempre dizia não, mas os 'nãos' dela sempre foram na hora certa, tanto que onde ela me deu não, se ela me desse sim, de repente hoje eu não poderia 'tar aqui falando nada, ou até mesmo minha história, minha trajetória de vida seria diferente, eu não</p>	

20100218040542	teria alcançado os objetivos que eu já alcancei, ia ter muito mais pra alcançar ainda, porque ela soube me dar não na hora certa. Me deu vários 'sim', também no momento certo.”				
	<table border="1"> <thead> <tr> <th>TC/IN</th> <th>TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>4'55”</td> <td>--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/IN	TC/OUT	4'55”	--
	TC/IN	TC/OUT			
	4'55”	--			
	Você estuda, trabalha?				
	“Eu não tô mais estudando, tô apenas trabalhando, tô trabalhando com o vereador Paulo Messina, sou instrutor de informática na instituição na qual ele é o presidente, o nome da instituição (pode falar, né?) Instituto Paulo Messina. Eu trabalho pra ele atualmente”				
	<table border="1"> <thead> <tr> <th>TC/IN</th> <th>TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>5'15”</td> <td>--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/IN	TC/OUT	5'15”	--
	TC/IN	TC/OUT			
	5'15”	--			
	Quais são seus objetivos?				
“Os objetivos que eu tenho a realizar, assim, eu... O que eu tenho de prioridade na minha vida é ajeitar meu barraco, que eu... Minha casa, também, minha casa é herança, né, família, é uma casa de família, já vinda de muitos anos. Como todos os meus tios, cada um conquistou seu espaço, meu pai foi o único que ficou com a minha avó, ele tomava conta dela, ficava com ela, aí ela veio a falecer, aí a casa ficou pra ele, sendo que aí, depois disso, meu pai decidiu ir morar com a minha prima pra ir ajudar ela, ela tem um bebê de três anos, aí ela não tem tempo pra cuidar da criança, meu pai decidiu sair de casa pra morar com ela e ajudar ela. Ele atualmente mora em Nova Iguaçu, com ela, e eu moro sozinho. Aí agora eu pretendo ajeitar a casa, fazer obra... Meu pai é pedreiro, um dos melhores, não sei se é um dos melhores, se é o melhor, daqui da Candelária, de repente poderia até ser hipocrisia da minha parte dizer do morro da Mangueira, né, mas que ele é bom, ele é bom, mas o barraco dele... É aquela história, né, casa de ferreiro, espeto de pau. Aí eu pretendo acertar, concertar o barraco, ajeitar lá com uma obrinha e depois combrar o meu carrinho. Depois disso, aí a gente procura, tenta alcançar os objetivos, o que eu tenho de primordial é, são esses.”					
<table border="1"> <thead> <tr> <th>TC/IN</th> <th>TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>7'40”</td> <td>--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/IN	TC/OUT	7'40”	--	
TC/IN	TC/OUT				
7'40”	--				
Como surgiu essa história de Ratos e Ratas? / O que é ser um rato?					
“Quando surgiu, não me recordo ao certo. Acho que foi					

20100218040542	<p>agora na, na, de 2000, de 2000 pra cá, 2000 e qualquer coisa, 2000 e pouco pra cá, né? É... Os Ratos e as Ratas são aquelas pessoas que, no caso, não é uma coisa pejorativa, são aquelas pessoas ativas que tão a todo momento, hora tá aqui com uma pessoa, daqui a pouco, tá ali com outra, são pessoas sem compromisso, são aquelas pessoas que não tem compromisso com ninguém, então posso beijar uma mulher aqui, virar aqui, beijar outra que tá aqui do meu outro lado, virar, quem tiver, a mulher que tiver atrás de mim, eu também beijar, e as outras vão ver, nada vai acontecer, porque eu não sou de ninguém. Sou de todo mundo, mas não sou de ninguém. E as Ratas a mesma coisa, não tem compromisso com ninguém, não impede... Apesar de que elas são má, são má vistas, né, pelas outras, mas as outras que têm vontade de estarem no lugar delas, mas não pode porque tiveram, fizeram a opção de se com-, de casar, então tem que ficar certinha, cada um com seu esposo. Já as outras que não tiveram essa opção, preferem permanecer solteiras, aí elas têm essa liberdade. Aí aquelas que não podem ter essa liberdade, querem criticar e falar mal”</p>							
	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="655 1010 1086 1061">TC/IN</th> <th data-bbox="1086 1010 1522 1061">TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="655 1061 1086 1113">9'00”</td> <td data-bbox="1086 1061 1522 1113">--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/IN	TC/OUT	9'00”	--	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="1086 1010 1522 1061">TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="1086 1061 1522 1113">--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/OUT	--
	TC/IN	TC/OUT						
	9'00”	--						
	TC/OUT							
	--							
	<p>Quem é que inveja vocês?</p>							
	<p>“Os casados e as casadas. Que eles não podem fazer, eles, até quando eles tentam fazer, eles até fazem, mas aí quando são, quando é descoberto, são... Aí no caso, o que que acontece: aquela briga de casal, aí aquela, aquele tititi, aí os outro na rua falando 'e fulano tem marido, tá lá, tá indo com outro', 'Ah lá, fulano é casado com a beltrana, tá lá com a outra', aí é sempre... Rola aquele tititi, aquela fofoca básica.”</p>							
	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="655 1473 1086 1525">TC/IN</th> <th data-bbox="1086 1473 1522 1525">TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="655 1525 1086 1576">9'30”</td> <td data-bbox="1086 1525 1522 1576">--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/IN	TC/OUT	9'30”	--	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="1086 1473 1522 1525">TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="1086 1525 1522 1576">--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/OUT	--
	TC/IN	TC/OUT						
	9'30”	--						
	TC/OUT							
--								
<p>Uma palavra pra definir Rato: Liberdade</p>								
<p>“Liberdade, yes, falou tudo.”</p>								
<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="655 1680 1086 1731">TC/IN</th> <th data-bbox="1086 1680 1522 1731">TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="655 1731 1086 1783">9'40</td> <td data-bbox="1086 1731 1522 1783">--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/IN	TC/OUT	9'40	--	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="1086 1680 1522 1731">TC/OUT</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="1086 1731 1522 1783">--</td> </tr> </tbody> </table>	TC/OUT	--	
TC/IN	TC/OUT							
9'40	--							
TC/OUT								
--								
<p>“Por que 'Rato'?”</p>								
<p>“É o que eu falei: não me recordo quando surgiu essa expressão 'Rato' e nem sei o motivo real disso. Sei que já chegou, essa gíria chegou na comunidade e ficou e aí veio até um, um funk, a Rata Velha: 'a rata velha tá passando',</p>								

20100218040542	veio esse funk aí, aí virou isso porque tudo que funk traz, né, vira moda. Funk, tudo que funk trás vira moda.”	
	TC/IN	TC/OUT
	11'40”	--
	“Qual a diferença da 'rata', pra gata, pra cachorra	
	“Porque as ratas, cara, elas levam o mesmo estilo de vida que eu levo, pô, não ia dar certo e imagina eu chegar em casa, minha namorada tá lá também, uma rata, a gente senta pra conversar: 'Poxa, amor, pegou quantas hoje?', aí eu vou lá: 'Pô, peguei cinco', ela: 'E, hoje te ganhei, peguei nove.' Pô, imagina. Quando 'cê vai pegar uma cachorra, a cachorra tá tranquilo, se já vai lá, pega, dá aquela quebrada tranquila, pronto, já sabe que dali, virou as- você virou as costas, vai embora, amanhã é 'oi' na rua, tranquilo, normal. Já a gata não, a gata já quer romance, gata é aquele bichinho mimoso, aquele bichinho felpudo, aí não, não, gata não rola não. As cachorras, por enquanto, enquanto eu quiser levar essa vida de rato, depois vou ter que mudar, né? Um dia, né? Mas ainda tô muito novo, 23 anos, só. 23.”	
	TC/IN	TC/OUT
	18'30”	--
	“Como você faz uso da tecnologia?”	
	“Cara, é... É tudo, é a todo momento que eu tô, tô no computador, até no trabalho mesmo, é, virou praticamente uma dependência, eu sou de-, eu me sinto dependente do computador, tanto pra, pro trabalho, por causa do trabalho, eu trabalho, trabalho com isso, preciso mesmo, e em casa, em casa eu não consigo ficar com meu computador desligado devido às redes sociais, é Facebook, é MSN, é Twitter, o Orkut, hoje em dia, nem tanto mais, mas o Facebook, Twitter, eu não me vejo sem. Quando eu tô em algum lugar que, que, que num, num lev- se eu não levar meu laptop ou se meu telefone ficar com a, fora de área, eu ficar sem, sem, sem internet eu fic-, me vejo louco, me vejo louco.”	
	TC/IN	TC/OUT
19'25”	--	
Contato com amigos e família pela internet		
“Pra tudo, pra tudo, pra tudo. Os parentes distantes, a gente se comunica através do, da, da, dessa, da rede social mesmo, os parentes distantes, que nem sempre a gente tem, tá lá, porque tem parente em São Paulo, tem		

20100218040542	parente lá na, em Salvador, parente em Juiz de Fora, aí pra se comunicar, telefone sai caro, já a internet... Você não paga nada, nem um custo a mais.”	
	“É... No Twitter, no chat do, do Twitter. Não, não, no Skype... Porque o que tem no Skype, tem no MSN. E o MSN. O Skype seria, o Skype é mais usado mesmo pra trabalho e, mesmo assim, eu já consegui convencer o pessoal do trabalho a usar o MSN, que aí a gente não usa mais o Skype.”	
	TC/IN	TC/OUT
	20'25”	--
	“O que você usa mais?” (em se tratando de rede social)	
	“O que eu uso é MSN, o Twitter, o Facebook, o Sonico e o Orkut, mas o Orkut eu uso mais também por causa dos meus amigos, pessoal que trabalhou comigo em outros lugares que eu trabalhei, a gente, pô, o Orkut já tem a bastante tempo, o pessoal, só tenho o contato deles lá no Orkut, aí pra manter o contato, que aí vire e mexe a gente marca, se encontra pra beber uma cerveja, ou então pra ir às vezes em algum candomblé, a gente se comunica pelo Orkut. Eu só não cancelei ainda por causa disso, dos amigos de trabalho.”	
	TC/IN	TC/OUT
	20'55”	--
	“Quantos amigos você tem nesses sites?”	
	“Cara, o meu Orkut já é lotado, e assim, eu fiz uma peneira e lotou de novo e, vou ser franco, eu conheço todo mundo que tem no meu Ork-, que eu tenho no meu Orkut, no meu Orkut de Welsley, no meu Orkut de Cirilo.”	
“Tem 990... 996, fora outros que tem lá que pede pra ser adicionado e não tem como aceitar. E esses 996 eu conheço, que tinha muita gente que eu não conhecia, fui lá fazer aquela peneira, aí deletei todo mundo, aí foi mais gente me adicionando. Eu conheço todos do Orkut, do Facebook não, não conheço todos, tem gente, tem, que é até de outro estado que devia ser amigo de alguém que é meu amigo aí acaba adicionando, que aí dá uma olhada lá no mural, que no Facebook ele não, não, não é bloqueado, você pode olhar o mural de informação de qualquer pessoa, aí vê lá muita boberinha, muita coisa engraçada, aí acaba adicionando.”		
TC/IN	TC/OUT	

20100218040542	22'05"	--
	"O que você publica na rede?"	
	"Além de postar tudo que eu tô fazendo, que aquilo dali, na ve-, é o Twitter e o Facebook são minhas, minhas agendas. Além de postar tudo que eu estou fazendo, aí posta uma, uma frase engraçada, umas fotos bobas, umas fotinhos engraçadas 'pa' gerar comentário, aí fica aquela polemicazinha legal, aquela coisa engraçada"	
	TC/IN	TC/OUT
	22'30"	--
	"Bobeirinhas/Polêmicas"	
	"É porque às vezes fica muito quieto, o pessoal que... Eu adoro gerar polêmica. Cirilo é polêmica no Facebook. Aí todo-, às vezes até quando eu tento não, tento me livrar disso, vem sempre dois, três, que faz um comentário bobo, aí vai lá, vai lá e me adiciona naquele comentário pra eu poder tá indagando também. Aí tem nada pra fazer, tô de bobeira no trabalho ou em casa, vai eu para o Facebook, abro uma outra aba, vou para o PinPics e fico fazendo videozinhos com a foto dos meus amigos, né Bethoven? Né, Kely? E outras mais. Fico resgatando as fotos antigas, desde a época de (?), que a tia Kely já era nossa tia, adolescente mais responsável, já era a nossa tia, que ela não gosta, porque naquele tempo ela era um pouco diferente de hoje. E todos nós éramos, nós somos muito diferentes, hoje em dia eu falo, nós somos lindos, porque misericórdia, pra olhar nossas fotos, sem brincadeira, só Jesus na causa. Aí fica naquela guerrinha, de implicar um com o outro, às vezes gera até 100, 200 comentários, quando não passa disso."	
	TC/IN	TC/OUT
	27'25"	--
	"Como é o namoro, a pegação?"	
"A gente tá na balada, tamo curtindo, bebendo, dançando, zoando e aí olha pro lado, vê que tem uma pessoa te olhando, tá bom, distraiu, olhou denovo, ela tá olhando, olhou a terceira, ela tá olhando você teve a certeza, ela quer, quer caô, então já vô dançando pro lado dela, já, a não ser que, que , que, que, que me chame muito a atenção. Às vezes, tem uma mulher que chama muito a atenção aí eu não espero ela olha não, eu já vou, fora isso eu vi ela olhando muito já, depois daquela terceira já tenho certeza ela quer caô, já vou dançando pro lado dela, já falo uma ou duas gracinhas, se rir, não falo a terceira, já agarro		

20100218040542	e beija aí se deixar, se não quiser dá aquele empurrão ou então um tapa na cara, se não der um empurrão ou um tapa na cara, é por que gostou então continuo dali, de repente dali avança pra, dali vai pra outro canto, ou só fica ali, troca telefone pra uma outra oportunidade e assim vai indo, sempre, dessa forma."	
	TC/IN	TC/OUT
	30'25"	--
	"Tô falando aqui com você mas tô aqui no twitter, facebook..."	
	"Tô falando com vocês, mas tô aqui oh, Twitter e Facebook, conectado, não consigo. Eu não consigo."	
	TC/IN	TC/OUT
	30'35"	--
	"O que tá fazendo aí agora?"	
	"Tô vendo aqui as postagens que geram polêmica."	
	"Ontem uma coisa que não tinha nada a ver: um menino botou 'Face, tô de saída, o sono já tá exalando. Boa noite, beijos nas minas, abraço nos manos.' Aí já veio um engraçadinho pra corrigir ele, cadê? Deixa eu voltar lá no início, que já tá lá, oh, já tá lá nos 160 comentários. Aí o menino botou: 'O sono tá cheirando, bode?' Aí ele responde lá porque a palavra exalar quer dizer cheiro, aí o menino botou lá pra ele. Aí dali já gerou uma polêmica, já virou, já esqueceram o menino que corrigiu, já esqueceu o menino que falou errado e já foi virando uma polêmica de Lucas com Wesley, Jefferson, Wesley sou eu, Lucas, Wesley, Jefferson e, quem é o outro? E o Anderson. Já virou uma polêmica, que deu o pano, foi pra manga. E até hoje ainda tá, tão respondendo isso até hoje, desde ontem, ontem à noite. Isso já era meia-noite."	
TC/IN	TC/OUT	
32'35"	--	
Como é a sua relação com os Ratos, os garotos?		
"Bom, é uma relação tranquila também, normal, porque a gente tá sempre em comunicação com outro, aí é assim, pô, a gente saí, aí às vezes cada um, pode tá no mesmo espaço, mas cada um ganha um canto, cada um vai pra um canto e vai, vai na sua correria, pa dar seus tiros, cada um pega seus pentes, bota dentro da mochila e vai, vai com seu fuzil pra dar tiro, vai tentando até se armar, se armou, ganha o seu cantinho, se tiver de ir embora, vai, se		

não, se for ficar ali mesmo, fica por ali, depois todo mundo, na hora de vim'bora, um liga pro outro: “Oh, tá por onde?” “Não, já vim'bora” “Ah, ainda tô aqui” “Oh, tamo te aguardando”, aquela coisa. E sabe, oh, pô, fui pro forró, “Ontem, pô, ontem saí com fulana”, “Oh, ontem, sai com beltrana”, pa não acontecer aquele negócio de, pô, ontem saí com a Andrea, aí hoje chega o meu outro amigo, aí, pô, tá com a Andrea, se eu tô com a Andrea aqui no mesmo lugar, se a Andrea tá aqui, obviamente, a gente vai, a gente vai se pegar novamente, aí já vem outro, tá com a Andrea. Por isso que a gente faz essa comunicação, pra não haver isso, não é aquela coisa de fofa- de fofquinha, querendo um ser mais do que o outro, é porque já aconteceu muito esse negócio, de um acabar mexendo com a do outro. Aí então, tivemos a opção de, de tá nos comunicando.

TC/IN	TC/OUT
35'45”	--
“MORRAICAS” (???)	

“Só a roupa, só na roupa e na forma de conversar. E também depende do lugar, porque quando elas estão dentro do baile funk, elas conversam normal, usam gíria, elas, na verdade, são atrizes, né, que elas tão ali, então elas não podem, elas vão usar o linguajar daquele ambiente, elas são, elas só são mais inteligentes nessa parte, já as outras, não. Essas meninas daqui, se você levar, levar elas prum... Vai no Teatro Municipal com elas “Caraca, mané! Muito show aquilo lá!” que não-sei-que, vão continuar com as gírias delas, não vão saber se comportar conforme o ambiente. A diferença delas tão aí, as patricinhas e as morraicas, as ratas do morro.

TC/IN	TC/OUT
36'05”	--
“O comportamento das RATAS dentro e fora do morro é diferente?”	

“Não, elas também, elas sabem se portar também, sabem se comportar em determinados lugares, elas sabem... Ainda mais as ratas daqui, as, as Ramigas, que aí a gente não trata elas por amigas, é ramigas. As Ramigas, elas são super dez também, superinteligentes, sabem... Se tiver de conversar com gíria, vão conversar com gíria, se tiver de falar, de usar um vocabulário mais formal, sabe também como usar, sabem falar, elas também são bem, são bem sim-, são bem espertas.”

	TC/IN	TC/OUT
	45'35"	--
	"Como assim de outra ratoeira? Me explica."	
	"É porque, porque eles não atacam as, as inocentes, e sim os inocentes. Aqueles dali são ratos de verdade. De-, Jefferson e Nando então, po**a... Eles não tão mais morando aqui na Candelária não, eles tão morando em Benfica. O Nando saiu, foi morar lá, aí depois o Jefferson pegou e alugou também uma casa lá, na mesma vila do Nando."	
	TC/IN	TC/OUT
20100218040542	46'50"	--
	Homossexualismo/Preconceito	
	"Aqui não tem como a gente ter preconceito, na comunidade, tem muito. Pô, vai, vai, imagina, vou ter preconceito, vou falar com cinco, seis pessoas, só. Aí senta ali num grupo, porque tem um gay, eu vou sair, porque... Não, até porque, pô, querendo ou não, independente da opção sexual, ele é gente. E ninguém é obrigado a gostar de, de, só de carne, eles gostam de frango também, ué, entendeu? Cada um tem sua vida, isso não atrapalha em nada, a amizade continua, mantém da mesma forma, são super a-, super dez."	

Pasta	Entr. Cris (câmera 1) 19-10-2011 – Take 06	
Arquivo	TC/IN	TC/OUT
	4'30"	--
	"O que a Candelária/Mangueira significa para você?"	
	"Bom, a, a Mangueira, pra mim, representa, assim, bastante coisa, porque foi o lugar onde eu nasci, fui criada, meus melhores amigos, minha família, e mas, mas assim, eu sou mais a Candelária, porque é o lugar onde a gente vive a maior parte da nossa vida, a gente já trabalhou por aqui, eu já trabalhei por aqui, já fiz novos amigos..."	
	TC/IN	TC/OUT
20100223030643	5'00"	--
	Nascimento e criação	
	"Nasci e fui criada aqui. Sempre, sempre morei aqui."	
20100223030643	TC/IN	TC/OUT
	10'45"	--

“O que é ser uma rata?”	
<p>“Bom, é, essa ideia de rata, surgiu assim, é, como a gente mora numa comunidade, sempre surgem os apelidos, né? Aí tinha um funk, mas não da rata do jeito que nós ficamos, ficamos conhecidas assim, mas era uma rata, assim, as garotas que vão pro morro, se relacionam com bandidos e tals. Aí tinha um amigo nosso que começou a chamar a gente de rata, de rata, rata e rata, mas, porque a gente sempre saiu muito, a gente, por mais... Passava, não dava muita confiança pros outros, e, e sempre nós... Era um grupo de cin-, cinco pessoas, e a gente sempre andava muito bem vestida, ia pros lugares assim, pros melhores lugares que tinha, saia, fazia várias pegações e, assim...”</p> <p>“Eu tava um pouco parada, agora, mas tô voltando.”</p>	
TC/IN	TC/OUT
12'35”	--
“Namora ou é mais de ficar?”	
<p>“A gente sempre foi muito de ficar, muito de ficar assim, às vezes, muito de vez em quando rola uns namoros, mas...”</p>	
TC/IN	TC/OUT
12'50”	--
“O que precisa pra namorar?”	
<p>“Namoro? Ah, porque, algumas das nossas, das nossas pegações não passava daquela noite, né? Não passavam daquela noite, a gente ficava só n- ali, às vezes nem rolava um telefone, nem segundo encontro. Eu acho que é mais... O namoro, um namoro rola mais assim com a convivência, o quanto... Aí, assim, pint-, é, fic-, pinto de rolar... Rolou de ficar, aí trocou número, aí no outro dia liga, marca uma coisa mais light, um cinema, ou então, até um barzinho mesmo com as amigas e vai se conhecendo melhor.”</p>	
TC/IN	TC/OUT
13'45”	--
“Como é que é pra rata chegar em alguém?”	
<p>“Pra rata... Eu particularmente não chego, sou bem assim, sou bem... Não sei se sou bem tímida, eu sempre peço as-, as outras meninas pra, mesmo se tô a fim, aí, pego, falo assim, aí elas ficam, é, maquinando como aquilo vai acontecer, mas acho que chegar e falar assim 'Ah, quero ficar com você' nunca, nunca rolou não, mas sempre dava uma confiança, um olhar diferente, né, parava assim, mas</p>	

20100223030643	nada muito direto.”	
	TC/IN	TC/OUT
	14'30”	--
	“Rola sexo na noite ou tem que conhecer melhor?”	
“Ah, tem que se conhecer um pouco melhor, né? Na primeira vez é um pouco... É contra os nossos princípios, não que nunca tenha acontecido, mas é um pouco contra.”		
“É, os nossos. Não, os nossos, porque a gente é muito parecida em tudo, então, o que uma preza, a outra também... Mesmo que a outra não preze, tenta, tipo, cobrar ali... Mais ou menos isso... É, tem que ter um, conhecer um pouco, mais, né?”		

ANEXO 2 – Glossário

Ai que badalo!	Que de mais! Que animado!
Ai que tudo!	Que de mais!
Ai que uó	Horrível, péssimo
Desnecessário, à toa e sem necessidade	(Falamos as três palavras assim mesmo , ainda fazendo um gesto com as mãos) – Que coisa chata, dispensável, Inútil
Estar na pista pra negócio	Estar disponível, estar querendo algo, esperando algo. Disposto a prática sexual. Estar solteiro.
“Gato net”	Sinais de Internet “roubados” distribuídos pela Comunidade, modelo de apropriação que foi difundido para todas as regiões da cidade.
Glamour e brilho	Normalmente essas palavras são usadas juntas, formando uma expressão que podemos dizer que é uma forma de ser notado, ter a própria presença em destaque. As roupas ajudam aos ratos se destacarem.
Molhadinha	Gay
Nem cola	Não rola. Não estar à fim de uma outra pessoa. Em uma situação hipotética, seria: Uma pessoa pedir para ficar/namorar com uma outra e essa não querer, a resposta seria – Não cola!
Pegação	Ação de namorar, ficar, mas de forma mais intensa.
Quem é você na água da minha chuca?	Quem vc pensa que é? (mas com o ar bem pesado, ofensivo)
Quem é você na cesta básica ?	Quem vc pensa que é?
Quem é você no jogo do bicho ?	"Quem é vc?" com ar de deboche, desdenhando
Que gongo	Dar um fora, finalizar...
Zuar	Termo utilizado para momento de confraternização, comemoração, comunhão festiva. Uma forma de festejar a vida